

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-
GRADUAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA

CRISTIANO MARINHO BRAGA

**HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE: A UTILIZAÇÃO DE IMAGENS EM
REDE SOCIAL E NA SALA DE AULA**

IMPERATRIZ
2021

CRISTIANO MARINHO BRAGA

**HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE: A UTILIZAÇÃO DE IMAGENS EM
REDE SOCIAL E NA SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Formação Docente em Práticas Educativas do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Formação Docente em Práticas Educativas.

Orientador: Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro.
Coorientador: Prof. Dr. Witembergue Gomes Zapparoli.

IMPERATRIZ
2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

MARINHO BRAGA, CRISTIANO.

HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE: : A UTILIZAÇÃO DE
IMAGENS EM REDE SOCIAL E NA SALA DE AULA / CRISTIANO
MARINHO BRAGA. - 2021.

163 f.

Coorientador(a): Witembergue Gomes Zaparoli.

Orientador(a): Dimas dos Reis Ribeiro.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Formação Docente em Práticas Educativas/ccsst,
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2021.

1. Carolina. 2. História Local. 3. Identidade. 4.
Imagens Históricas. 5. Memória Coletiva. I. dos Reis
Ribeiro, Dimas. II. Gomes Zaparoli, Witembergue. III.
Título.

CRISTIANO MARINHO BRAGA

HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE: A UTILIZAÇÃO DE IMAGENS EM REDE SOCIAL E NA SALA DE AULA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Formação Docente em Práticas Educativas do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito obtenção do título de Mestre em Formação Docente em Práticas Educativas.

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro (Presidente Orientador)
Doutor em Serviço Social
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dr. Eladio Sebastián Heredero (Membro Titular)
Doutor em Educação
Universidad de Alcalá (UAH) – Espanha
Professor Visitante da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho (Membro Titular)
Doutora em Educação
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Está autorizada a reprodução integral ou parcial do conteúdo deste trabalho, para quaisquer fins, desde que citada a fonte.

A Raimundo Barbosa dos Santos, meu querido e amado avô, com amor e carinho desse seu neto e filho. O senhor nos deixou o ensinamento do amor, do respeito e do carinho, melhor legado não há!

AGRADECIMENTOS

Não há quem caminhe nesse mundo sozinho. A chegada e a partida dele podem até parecer solitárias, no entanto, com relação à caminhada, sempre estarão os outros, sempre haverá os que caminham junto com você. É importante que possamos ao longo dessa caminhada ter a capacidade de agradecer, agradecer por tudo e a todos.

O tudo inclui a vida, a saúde, o bem-estar físico e mental. Já com relação ao termo todos, esse inclui as pessoas, principalmente as que de forma direta ou indiretamente estão ligados a você dando o suporte humano necessário para a continuidade da caminhada de todos na vida. A família, os amigos, os colegas de trabalho, os vizinhos da rua, os conhecidos da igreja, da praça e de tantos outros lugares por onde passamos e construímos nossas memórias de vida, vivendo em sociedade.

Agradecemos grandiosamente aos nossos familiares que sempre estiveram ao nosso lado em todas as conquistas até aqui, trazendo apoio, colo e amor, muito amor. Agradecendo diretamente ao meu avô Raimundo Barbosa dos Santos (*in memoriam*), homem simples, sertanejo, de um coração enorme e de um sorriso largo e frouxo que nos faz muita falta. A minha avó, Francisca Marinho dos Santos, mulher de personalidade forte e que gosta de ter todos em volta da área de sua casa.

Agradecer também a quem me deu vida, minha mãe Maria Leiva Marinho dos Santos, mais uma Maria brasileira abandonada pelos homens brasileiros que ainda não sabem ser pais, filhos, irmãos. Os que não sabem ser homens. Daqueles que não sabem ter coragem para enfrentar a vida ao lado de uma mulher corajosa e independente.

Minha mãe é uma mulher que resiste ao patriarcado masculino, ela é minha maior heroína, abdicou de si mesma pelos filhos e acredito que na faculdade da vida ela seja bem mais graduada que muita gente. Claro que ela, mesmo com quase 40 anos de idade, retomou os estudos, graduou-se e se pós-graduou, sendo hoje, acredito que minha maior incentivadora na caminhada pelo conhecimento, e que resolveu aventurar-se pela terra do carvão em Criciúma/SC, reinventou-se mais uma

vez e hoje, lá pela necessidade do trabalhar, é balconista de uma padaria, dentro de um grandioso supermercado. E acreditem em mim, ela é feliz.

Agradecer aos meus irmãos: Frederico Jader Marinho dos Santos e Enilton Marinho Braga, agradecer também às minhas irmãs que sempre serão minhas primeiras princesas: Franscielma Marinho dos Santos Cruz e Franscielin Marinho dos Santos Cruz (minha caçulinha), que muito fazem parte do que fui, sou, e ainda serei e a partir deles suas continuidades, minhas lindas e belas sobrinhas; Maria Clara Medeiros de Aquino Marinho, Hevellyn Caroline Medeiros de Aquino Marinho, Alice Marinho Frassom e Maria Laura Marinho Bernardo (nossa caçulinha) e agora o nosso primeiro filho de Adão, neto de minha mãe, Ângelo Raimundo Marinho Bernardo, que ainda aguarda o dia de dar às caras nesse mundo, mas já está no forno.

Tenho que me recordar daqueles que entraram em nossas vidas em função do amor e de alianças matrimoniais, minha cunhada, Valéria Medeiros de Aquino a quem agradeço com sua família pelo carinho de sempre e apoio, e meus cunhados que cuidam e zelam por minhas princesas em terras tão distantes da de Gonçalves Dias, na terra “juliana” do carvão mineral Criciúma/SC, Luís Gustavo Frassom e Luís Gustavo Bernardo – sim! eles têm o mesmo nome – onde cuidam ainda de minha dona Maria.

Temos o privilégio de uma continuidade feminina da família, já são cinco netas para minha mãe, incluindo a essa turminha de netas, uma “sobrinha/neta”, minha princesa Ana Francisca Marinho dos Santos, a quem peguei nos braços e de lá para cá a amo e chamo filha. Ela é Francisca assim como minha avó e há nove anos me ensina a ser pai, a ser um homem melhor. Ela me ensina a perceber que gerações e pensamentos diferentes precisam ser respeitados e é nessa diferença que está o sentido de um mundo plural.

Sem minha família acredito que não haveria continuidade, não haveria sentido. Agradeço também às minhas tias, corajosas mulheres que enfrentam a vida dia a dia, sem temor do que virá, e em especial à Tia Maria da Assunção Marinho dos Santos, por meio da qual, eu saúdo aos meus outros tios. É quem cuida de mim como se cuidasse de um filho, foi quem me presenteou com Ana, tempos atrás, entregando-me algumas responsabilidades sobre essa linda menina e permitindo que ela me trate de pai, mesmo tendo como ligação sanguínea o ser primo.

Agradecemos também as pessoas com as quais vamos esbarrando ao longo de nossa jornada na vida e que carinhosamente nominamos amigos, principalmente

os envolvidos diretamente no percurso dessa pesquisa, o Professor Hélio Ney, educador carolinense que atualmente exerce o cargo de diretor do Museu Histórico de Carolina, e que grandiosamente contribuiu para meus momentos de aprendizado dentro e fora do Museu. Ao senhor Rodolfo Fortes, presidente da Associação Via Verde, mantenedora do M.H.C e curador de algumas exposições dessa instituição, os dois são exímios conhecedores da História e da Memória Local de Carolina. Filhos apaixonados pela terra natal. Rodolfo é residente em Brasília/DF, mas sempre está por Carolina, resolvendo algumas questões ligadas ao museu ou até mesmo em novas pesquisas. Por meio dos dois agradeço à equipe de trabalhadores do Museu Histórico de Carolina por sua solicitude e prontidão para o que precisávamos. A vocês nossa gratidão.

Aos amigos de longa data, para os quais de forma emocionada, direcionamos nossos agradecimentos mais profundos, em nome de todos esses eu cumprimento meu amigo Pe. Nildo Francisco da Silva, corajoso religioso, clérigo católico que abandonou sua terra de origem no Paraná, pela missão no sul do Maranhão e hoje é reitor do Seminário Maior da Diocese de Carolina em São Luís, com quem tenho aprendido a ser mais humano.

Queremos ainda de forma humilde demonstrar gratidão a quem está comigo nesse percurso de pesquisa acadêmica ao meu orientador, Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro, que me faz sentir assistido, acompanhado e querido ao mesmo tempo, mesmo com as adversidades que temos vivenciado nos tempos atuais, ao senhor meu muito obrigado. Ao querido e hoje em dia amigo, Coordenador do nosso programa de pós-graduação, e meu coorientador, o Professor Dr. Witembergue Gomes Zaparoli (nosso Berg), que em todos os momentos, direta ou indiretamente tem nos salvado a vida, instruindo e dando apoio durante esse processo.

Aos demais professores do PPGFOPRED que dispensaram um pouco de sua atenção e conhecimento nesse nosso processo de formação, ficam registrados nossos agradecimentos. Aos meus queridos e amados amigos e companheiros de caminhada da primeira turma do Mestrado em educação da UFMA de Imperatriz, foi tão bom chegar até aqui com vocês. Reconhecemos ainda a importante e renomada Instituição, a Universidade Federal do Maranhão, por sua presença e continuidade na promoção da ciência, na busca por levar o conhecimento para nossa região ainda tão carente da Universidade como um todo, ficam aqui mais uma vez registrados os nossos mais cordiais agradecimentos.

Incluo aos agradecimentos os meus dois ambientes de trabalho, dos quais fazemos parte em nossa comunidade, o Quartel da 2ª CIA de Polícia Militar de Carolina, na pessoa do Sr. Capitão PM Rogélio Raimundo Santos Pereira, meu comandante e amigo que nunca se opôs à minha busca por mais conhecimento e profissionalização, pelo qual também cumprimento nosso Comandante regional, o Major PM Gilberto Brito Coelho e toda a tropa do 4º Batalhão de Polícia Militar de Balsas. Homens que priorizam o estudo e nos incentivam a continuar nessa missão diuturnamente.

Meus agradecimentos são estendidos à equipe do Colégio Santa Cruz, Unidade Carolina, à direção nas pessoas do Pe. Edson de Oliveira da Silva, nosso diretor pedagógico e amigo e a Sr.^a. Miriam Mendes, nossa diretora administrativa, aos professores Rogério Tavares e Maruzan da Conceição Cruz, coordenadores locais da instituição e amigos queridos que sempre nos deram força e coragem para enfrentarmos as batalhas que a educação no nosso país oferece.

Agradecer ao serviço das cooperativas de transporte rodoviário de Imperatriz e Carolina, que durante esse percurso de formação nos ajudaram a estarmos nessas cidades, transportando-nos rumo à formação que almejamos e por todas as pessoas que estiveram conosco durante os trajetos e viagens. Foram muitas as histórias, pensamentos e reflexões que pudemos escutar e compartilhar nessas aventuras pela estrada.

Por fim, é com o sentimento de paz e gratidão que escrevo essas palavras percebendo que esse trabalho não é apenas meu, mas de tantas outras pessoas que me ajudaram a ser quem sou hoje. Recordando-me ainda da própria Universidade Federal do Maranhão e ao PPGFOPRED pela possibilidade de um mestrado em educação na região tocantina, sendo possível não só para mim e meus atuais colegas do programa de pós-graduação darmos continuidade em nossos estudos, mas também, a outras pessoas que, porventura, vierem a fazer parte desse grandioso e frutífero projeto.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Localização de Carolina/MA.....	21
Figura 2 - Localização do Parque Nacional da Chapada das Mesas.	95

IMAGENS

Imagem 1 - A Rua Grande I.....	38
Imagem 2 - A Rua Grande II.....	38
Imagem 3 - Vista de Carolina/MA.....	60
Imagem 4 - Morro do Chapéu na década de 1970.	64
Imagem 5 - Morro do Parque Nacional da Chapada das Mesas na década de 1970	64
Imagem 6 - Vista da Rua Grande I aproximadamente na década de 1940.	66
Imagem 7 - Vista da Rua Grande II, aproximadamente na década de 1940.	66
Imagem 8 - Vista da Rua Grande III, aproximadamente na década de 1940.	66
Imagem 9 - Casa tradicional sertaneja.	68
Imagem 10 - A Beira-Rio do Rio Tocantins.....	71
Imagem 11 - Telhados da Rua Grande.	71
Imagem 12 - Cine Teatro Fátima.	78
Imagem 13 - Prédio da Casa Paroquial de Carolina.....	79
Imagem 14 - Colégio do Sertão Maranhense.	83
Imagem 15 - Unidade Escolar José Queiroz.	83
Imagem 16 - Primeira Igreja Batista de Carolina - PIB.	84
Imagem 17 - Primeira Igreja Batista II. Pós-reforma.....	87
Imagem 18 - Colégio Batista de Carolina.	89
Imagem 19 - Fachada do Museu Histórico de Carolina.....	91
Imagem 20 - Fila da praia.....	92
Imagem 21 - Lateral da Igreja Catedral de São Pedro de Alcântara.	99
Imagem 22 - Cemitério da Cidade de Carolina no dia 2 de novembro de 2020.	101
Imagem 23 - Fachadas na Rua Grande.	103
Imagem 24 - Casarão Histórico.	105
Imagem 25 - Vista frontal da Praça José Alípio de Carvalho.....	106
Imagem 26 - A Praça do Mercado Municipal de Carolina.....	108
Imagem 27 - Lateral da Igreja de São Pedro de Alcântara.....	109
Imagem 28 - Avenida Elias Barros.	111
Imagem 29 - Seminário Diocesano São José.....	112
Imagem 30 - Casarão antigo na Rua Grande.....	113
Imagem 31 - Antigo Colégio do Sertão Maranhense.	115
Imagem 32 - Unidade Escolar José Queiroz.	116

Imagem 33 - Centro Educacional de Tempo Integral Sertão Maranhense.....	116
Imagem 34 - Instituto Batista de Carolina.....	116
Imagem 35 - Um barco típico regional.....	119
Imagem 36 - O Largo da Avenida Getúlio Vargas.	121
Imagem 37 - Praça Alípio de Carvalho.....	121
Imagem 38 - Antigo Porto das Barcas.....	122
Imagem 39 - Porto do Restaurante Flutuante.....	123
Imagem 40 - Ponte na Beira-Rio.	123
Imagem 41 - Igreja de São Pedro de Alcântara.....	127
Imagem 42 - O restaurante Flutuante.....	128
Imagem 43 - Morro do Chapéu.....	129
Imagem 44 - Cachoeiras Gêmeas do Rio Itapecuru.....	129

RESUMO

BRAGA, Cristiano Marinho. História, Memória e Identidade: a utilização de imagens em sala de aula:

Linha de pesquisa 2: Pluralidade, Interculturalidade e Práticas Educativas interdisciplinares.

Esse trabalho científico tem como finalidade demonstrar a História, Memória e Identidade da cidade de Carolina/MA, a partir da utilização de imagens em rede social e na sala de aula com análise de imagens históricas do lugar, na preservação e manutenção da História, da memória e da identidade local. Buscamos um resgate de elementos que compõem a memória dessa localidade para reconstruir e ressignificar suas identidades locais e regionais a partir de um olhar sobre sua própria História, e com imagens que a representam. Compreendemos assim os sentidos, os sentimentos e os significados que essas imagens despertam e representam para os sujeitos da comunidade em geral. A pesquisa dissertativa fora desenvolvida em etapas e de forma qualitativa, com a utilização da análise documental e rodas de conversas *online* e presenciais com os estudantes do 8º e do 9º ano do Colégio Santa Cruz, Unidade Carolina/MA, e com pessoas da comunidade em geral com quem mantivemos contato a partir de um perfil do *Instagram*, *@imagens_quecontamhistória* uma ferramenta primordial nesse processo, por meio do qual pudemos disponibilizar imagens do lugar e aprender sobre o que as imagens despertavam de memórias e sentimentos em quem as via. Uma pesquisa desafiadora e ao mesmo tempo complexa em virtude de suas transformações ao longo do processo pandêmico e dos mais diferentes sentimentos despertados que apresenta grandes conceitos como o da História, da memória e identidade, com autores importantes da historiografia mundial, ao mesmo tempo em que trás a tona discussões acerca da História regional e local, onde também mostramos autores e escritores locais que a seu modo abrilhantam o texto com suas histórias pitorescas e interessantes sobre Carolina desde seus primórdios à atualidade apresentando a Carolina que encanta os olhos dos visitantes com suas belezas naturais, História e cultura. Traz ainda, como um dos temas norteadores nesse processo de escrita e pesquisa o ensino de História na educação básica a partir de uma nova abordagem por meio da utilização de imagens históricas do lugar, primeiro, apresentadas no perfil do *@Instagram* já mencionado, para depois, essas com mesmas imagens, realizarmos as rodas de conversas com as turmas supracitadas de forma *online* e presencialmente. Compreendemos as dificuldades do momento que temos passado nos últimos dois anos no nosso país, compreendemos ainda as dificuldades ditas normais no processo de desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado, no entanto, nos aparamos, assim como qualquer outro educador e pesquisador que acredita numa educação que transforma e liberta que o aprendizado da História por meio dos elementos que compõem a História local e regional é de suma importância para um processo de conhecimento de si mesmo e do espaço em que vivemos e com certeza marcará um ponto de encontro de memórias a partir de então.

Palavras-chave: História Local. Memória Coletiva. Imagens Históricas. Carolina. Identidade.

ABSTRACT

BRAGA, Cristiano Marinho. History, Memory and Identity: the utilization of pictures in the classroom and social network.

Research Line 2: Plurality, Interculturality and Interdisciplinary Educational Practice.

This scientific work aims to demonstrate the History, Memory and Identity of the city of Carolina/MA, from the use of images in social network and in the classroom with analysis of historical images of the place, in the preservation and maintenance of History, of the memory and local identity. We seek to rescue the elements that make up the memory of this location to reconstruct and re-signify its local and regional identities from a look at its own history, and with images that represent it. Thus, we understand the senses, feelings and meanings that these images arouse and represent for the subjects of the community in general. The dissertation research was developed in stages and qualitatively, using document analysis and online and face-to-face conversations with students from the 8th and 9th grades of Colégio Santa Cruz, Carolina Unit/MA, and with people from the community in general with whom we kept in touch from an Instagram profile, @imagens_quecontamhistória a primordial tool in this process, through which we were able to make images of the place available and learn about what the images aroused from memories and feelings in those who saw them. A challenging and at the same time complex research due to its transformations throughout the pandemic process and the most different feelings awakened, it presents great concepts such as History, memory and identity, with important authors of world historiography, at the same time as brings up discussions about regional and local history, where we also show local authors and writers who in their way brighten the text with their picturesque and interesting stories about Carolina from its beginnings to the present, presenting Carolina that delights the eyes of visitors with its beauties natural, history and culture. It also brings, as one of the guiding themes in this writing and research process, the teaching of History in basic education from a new approach through the use of historical images of the place, first, presented in the aforementioned @Instagram profile, and then later, these with the same images, we held conversation circles with the aforementioned groups online and in person. We understand the difficulties of the moment we have spent in our country in the last two years, we also understand the so-called normal difficulties in the process of developing a master's research, however, we cut ourselves off, just like any other educator and researcher who believes in an education that transforms and liberates that learning History through the elements that make up local and regional History is of paramount importance for a process of knowledge of oneself and the space in which we live and will certainly mark a meeting point for memories from then.

Keywords: History. Memory. Carolina, Identity e Coletive Memory.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASCAM	Associação dos Filhos de Carolina
ABDP	Associação Beneditina da Divina Providência
CDP	Colégio Divina Providência
CSC	Colégio Santa Cruz
CBB	Congregação Batista do Brasil
CFSD	Curso de Formação de Soldados
CMB	Cristiano Marinho Braga
FOPRED	Formação Docente em Práticas Educativas
JMN	Junta de Missões Nacionais
IBC	Instituto Batista de Carolina
MHC	Museu Histórico de Carolina
ONG	Organização Não Governamental
PMMA	Polícia Militar do Maranhão
PPG	Programa de Pós-Graduação
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 A IDENTIDADE, A MEMÓRIA E A HISTÓRIA	41
2.1 Caminhos da História, da memória, da imagem e do lugar	43
2.2 O ensino de História e a memória.....	52
2.3 Os registros da memória coletiva: Maurice Halbwachs.....	57
3 AS NARRATIVAS DE AUTORES REGIONALISTAS E AS IMAGENS QUE CONTAM HISTÓRIA	60
3.1 Os lugares de memória na região tocantina: significados e representações.....	67
3.2 Cultura, educação e religiosidade no sertão do Maranhão	73
3.2.1 A figura do Padre Luso: “um padre que era mais homem”	75
3.2.2 O catolicismo franciscano e o trabalho com os indígenas	77
3.2.3 Os missionários protestantes batistas na sociedade carolinense	83
3.3 O Museu Histórico de Carolina e o Turismo local	89
4 OS REGISTROS DE MEMÓRIAS COM IMAGENS: NO PERFIL DO <i>INSTAGRAM</i>, EM RODAS DE CONVERSA E NO ALBÚM	97
4.1 Do perfil <i>@imagens_quecontamhistoria</i>.....	99
4.2 As rodas de conversa: momentos de relembrar e de sentir	132
4.2.1 A conversa com os alunos do 8º ano.....	133
4.2.2 A conversa com os alunos do 9º ano.....	139
4.3 Apresentando o Álbum com Imagens de Carolina.....	142
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
REFERÊNCIAS.....	151

MEMORIAL

Acredito que uma das maiores dificuldades que tenho é escrever sobre mim mesmo, aqui, inclusive, peço-vos licença para fazê-lo em primeira pessoa do singular. Falar sobre minha trajetória de vida e sobre aqueles que direta ou indiretamente estiveram ou estejam e que ainda estarão ligados a ela é uma 'peleja grande', no entanto, vale o esforço e neste íterim gostaria de expô-la buscando e apresentando também o meu lugar de fala e de vida até aqui percorridos.

Uma mulher muito sábia e de palavras carinhosas e doces, que tive a grata satisfação de conhecer durante esse percurso formativo do Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED), e pesquisadora do Campo Memorial, professora Herli de Sousa Carvalho, ensinou-me por meio de sua Tese de doutorado que: "A história de vida, como processo de formação, é uma forma de apropriação da própria história e do lugar que ocupamos ao tomarmos consciência da autoformação como experiência individual no processo de formar a si mesmo nos ambientes aprendentes" (CARVALHO, 2016, p.39). Somos seres inacabados, em constante formação, em constante aprendizado.

Escrever minhas memórias faz parte desse processo de reconhecimento de mim mesmo, de amadurecimento pessoal e profissional desde o início da vida escolar até esse momento atual, que considero o ápice até aqui, mas que não será o último, pelo contrário é um começo. Todos somos seres 'aprendentes' (CARVALHO, 2016).

Sou Cristiano Marinho Braga, filho segundo dos cinco de uma Maria guerreira e vitoriosa. A minha Maria é a Leiva Marinho dos Santos, uma mulher batalhadora e corajosa. Digo sempre que ela é uma mulher à frente de seu tempo, ela criou cinco filhos praticamente sozinha e numa época bastante complicada, em que os direitos da mulher ainda são violados e desrespeitados. A dona Maria, minha mãe, sempre enfrentou os problemas da vida face a face com eles. E quantas outras histórias, de muitas outras Marias não estão espelhadas com a de minha mãe. As Marias pelo Brasil parecem mudar apenas de endereço, pois as trajetórias de vidas são sempre de muito suor, trabalho, dificuldades, mas de muita dignidade e honradez.

Das memórias mais antigas que tenho, recordo-me das construídas a partir das narrativas de minha mãe da época em que ela viveu em Goiânia/GO, onde ela morou por um tempo e de lá trouxe seu primogênito no colo e a mim, em seu ventre. É uma trajetória construída com humildade e simplicidade, rica de amor e cuidado. As

memórias que construímos a partir de narrativas de outrem fazem parte de nosso processo formativo enquanto seres humanos, e faz parte da vida de todo e qualquer outro ser humano, é assim que formamos nossas gerações, passando nossos conhecimentos ao longo do tempo.

Joel Candau (2019), autor que se debruça sobre a temática da memória e da identidade diz que por meio da memória, emerge em um indivíduo um conjunto de personalidades, um sentimento de continuidade temporal, que reúne condições necessárias para a representação do Eu, ou melhor, é por meio da memória e da transmissão dela que seres humanos se encontram consigo mesmos (CANDAU, p.61).

É por meio da memória que conseguimos ser quem somos, que nos tornamos seres aprendentes e viventes das sociedades que fazemos parte, da mais complexa à mais simplificada forma de vivência e experiência. É por meio da memória que nos constituímos gente. No meu caso, até mesmo escrever sobre minha História ainda está sendo um aprendizado.

Tivemos uma infância pobre, assim como a História de muitas outras crianças abandonadas pelos pais, pelos homens heterossexuais, “machões”, que por não conseguirem controlarem seus ímpetos masculinos deixam suas famílias em busca de novas aventuras amorosas. Nós enfrentamos muitas dificuldades, principalmente os três primeiros filhos de minha mãe: Frederico Jader M. Santos, o mais velho; este que vos escreve, o do meio; e o caçula, Enilton Marinho Braga, que carrega o apelido de Dodô, mesmo sem ter nada a ver com o pássaro. Até que, ainda na nossa infância, minha mãe juntou-se com o pai das minhas irmãs por parte de mãe, Fransielma e Fransielim Marinho dos Santos Cruz, elas como são filhas do mesmo pai e mãe têm o mesmo sobrenome, elas foram muito aguardadas por nós.

O pai, todos ainda o chamamos pai, mesmo ele tendo nos abandonado à própria sorte, ainda viveu conosco por oito anos, muito do que sou hoje também é um pouco do reflexo da criação dele e da severidade e rigurosidade com que minha mãe criou os filhos homens, tudo parecia ser perfeito em nossa vida e em nossa casa, até que ele nos abandonou no ano de 1998. Esse foi um dos piores momentos em nossa História, passamos necessidades básicas, ficamos sem energia elétrica em casa, sem gás de cozinha, sem alimento à mesa, quase que sem dignidade.

Recordo-me da minha mãe chorar às escondidas com medo de não ter o pão de cada dia no outro dia para alimentar seus filhos. Ela trabalhou temporariamente no

verão, nas barracas das praias, que são costumes no mês de julho nas praias de Filadélfia/TO. Os dedos do pé de minha mãe sangravam por corrosão da areia da praia, mas aquela foi uma das formas que ela encontrou de nos garantir o alimento. Recordo-me ainda dela trabalhando em casas de família, em balcões de bares, lavando roupas para trazer-nos o sustento. O que me faz aproximar o que escreve Carvalho (2016) sobre suas memórias:

Morei em casas de famílias para trabalhar e aproximar das escolas que havia na cidade a fim de prosseguir os estudos. Aprendia novas coisas, e vivia relacionamentos fraternos através de duros ensinamentos diários. Também contribuía com a alimentação da família, sustentada por meus pais com o trabalho na roça, fretes feitos em carroça, lavagem de roupa e serviço doméstico (p.61).

Ler as palavras da hoje professora da Universidade Federal do Maranhão, que possui três doutorados é inspirador, Dr^a. Herli Carvalho nos enche de inspiração e fé na vida e na coragem que podemos ter em buscar algo que sonhamos tanto e faz-me ainda refletir sobre quão dura foi a trajetória da dona Maria, minha mãe, para criar sozinha 5 filhos. Ela conta, que certa vez trabalhando em uma dessas “casas de família”, usava sempre a mesma roupa para ir trabalhar, que todos os dias ao retornar para casa a lavava e a esperava secar para no outro dia estar apresentável novamente.

As memórias dos tempos difíceis em nossas vidas estão ainda vivas em minha mente e fazem parte de quem eu e cada um de meus irmãos somos. E hoje, creio eu que não as carregamos como traumas, mas como lembranças de tempos difíceis que nos fizeram hoje valorizar tanto uns aos outros, e que mesmo distantes fisicamente, no pensamento e nas memórias nos unimos sempre. Esse sentimento, segundo Candau (2019), ao falar do sujeito que procura se libertar de certas cargas traumáticas, e que pretende silenciar suas memórias não existe, ele é irreal.

Para o autor, o que deve haver é uma reapropriação dessas memórias que se queira esquecer, ou até mesmo silenciar e as inscrever como em um novo futuro, fazendo-se necessária uma ressignificação, aquilo que de fato o autor coloca como reapropriação, sendo mesmo redundante propositalmente, pois a “lembrança não é a imagem fiel da coisa lembrada, mas é outra coisa, plena de toda a complexidade do sujeito e de sua trajetória de vida” (*Ibidem*, p.65). Ela é ressignificação. Foi da adversidade que veio a força e a coragem tanto para minha mãe quanto para os filhos dela em buscar conquistas além de suas realidades.

Que eu tenha em minha memória o primeiro lugar onde estudei, onde tive contato com lápis e papel, foi numa escolinha de bairro, no bairro Cibrazém em Carolina. Lembro que eu amava cheirar o lápis, o caderno. O cheiro deles sempre chamou a minha atenção. De lá vim para a escola Vovó Luzia, para a alfabetização, foi nesse período que experimentei uma das piores coisas da vida, a vacina com a pistola. Aquilo foi horrível, mas de onde tenho também gravado na memória o cheiro da 'merenda' sendo feita pelas moças da cantina, era o nosso regozijo sentir aquele cheiro e depois poder degustar o alimento. Recordo-me ainda do flagelo da palmatória, ainda no início dos anos noventa, eu estava ainda nos primeiros dias de aula, mas temia a danada, e assim como relata Carvalho (2016) sobre sua indignação com tais absurdos, também eu me comportava como um cordeirinho em sala de aula com medo da dita cuja, principalmente com o aprendizado da matemática (*Ibidem*, p.43)

Certa vez, não tínhamos o que tomar café antes de ir para a aula e minha mãe serviu para nós farinha, com um pouco de gordura de alguma fritura que havia feito na noite anterior e sal, comemos aquilo e achamos bom. Das memórias de minha infância, eu acredito que a mais triste, foi quando adoeci, por sermos de família humilde e minha mãe precisava trabalhar, éramos levados pelos nossos avós para o sertão e lá havia muitos insetos.

As moscas varejeiras pousavam na minha cabeça, picavam e deixavam suas larvas; segundo relatos da minha mãe, ela encontrou cinquenta e oito delas, ainda hoje sinto no meu coro cabeludo os hematomas desse momento nefasto de minha vida. Talvez fosse essa uma das lembranças que merecessem meu esquecimento, no entanto, é uma das que sempre me passam pela cabeça, das mais antigas e significativas que tenho. Candau (2019), diz que “essas representações, em geral valorizam os tempos mais antigos” (*Ibidem*, p.88), e concordamos com ele. As representações de minha infância ainda são muito fortes em mim, e mesmo que sejam lembranças não muito agradáveis, fizeram-me ser quem sou hoje.

Voltando a falar em sertão, acredito terem ocorrido lá as melhores lembranças de minha infância e tantas outras descobertas que só foram esclarecidas depois de mais maduro. Lembro-me que contávamos no calendário, nesses calendários doados pelo comércio local quando era o início das férias para podermos pegar o barco para irmos ao sertão de Papai (meu avô). Ao chegarem as férias, pouco tempo passávamos

na cidade, arrumávamos nossas sacolas e esperávamos só a ordem de minha avó chamando os netos para irem com ela para lá.

A primeira leva dos netos de minha avó fora quase toda de homens, as duas únicas primas mulheres casaram-se cedo e não podiam estar conosco nessa jornada que se repetia todos os meses de julho e dezembro de nossas férias escolares. Íamos os netos de dona Francisca e Seu Raimundo para passarmos as férias longe da cidade, então começava a diversão: banhos de rio, andar de canoa, “passarinhar”, dormir nas redes, apanhar arroz na roça, conduzir o gado, que era coisa que meus primos mais velhos faziam porque meu avô não me deixava ir para essa lida.

Passei por algumas escolas de minha cidade, como disse anteriormente, nossa vida financeira, a de minha mãe na verdade, não era das melhores, então nos mudávamos direto de casa, daí sempre íamos também para escolas mais próximas de onde morávamos, e nesse ponto Carolina é um lugar privilegiado, pois possui muitas escolas espalhadas na zona urbana e várias outras na zona rural.

Dentre elas estão a José Queiroz, escola que está situada na praça do estudante, e onde também está o Centro Educacional Sertão Maranhense, que na minha época escolar chamava-se Colégio do Sertão Maranhense, uma das mais antigas instituições de ensino do sul do estado, logo mais ao lado e escondido na Rua Adalberto Ribeiro está o Colégio Luzia Ayres Maranhão, onde estudei metade do ensino médio e que na época do ensino fundamental chamava-se Américo Ayres. Essas escolas levam exatamente o nome de algumas personalidades locais, principalmente de educadores e intelectuais.

Continuando a narrativa de minhas memórias, recordo-me dos lugares que moramos em Carolina, das pessoas que conhecemos em cada um desses lugares, dos donos das casas que já vivemos. Para mim, andar pela cidade é fazer sempre um resgate de memórias do passado. E por todos os lugares que já estivemos na cidade, sempre estávamos de bem com a vida, brincando e sendo crianças sem descuidar dos afazeres da casa, pois, minha mãe saía para trabalhar e confiava aos filhos a responsabilidade dos afazeres domésticos e os cuidados das mais novas.

Como disse anteriormente e cabe aqui repetir, as memórias da infância ainda me são mais representativas, ainda me fazem, inclusive nesse trabalho, escrever mais sobre elas, a pesquisadora brasileira do campo da memória Ecléia Bosi (2003), que faz um estudo complexo e importante trabalho com o conceito de sociologia da memória; em sua obra *O tempo Vivo da Memória*, diz que “a passagem pela sociologia

da memória é esclarecedora na hora de entender o porquê de alguns recordadores fixarem melhor suas experiências de infância do que da vida adulta” (BOSI, 2003, p.54), e acredito que me incluo nesse grupo. A autora explica que:

A comunidade familiar ou grupal exerce uma função de apoio como testemunha e intérprete daquelas experiências. O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e de onde coexistem elementos da escolha e rejeição em relação ao que será lembrado (*Ibidem*).

No seio de minha família é bastante comum as rodas de conversa, com as temáticas de nossas infâncias. Nesse contexto incluo a todos que sempre estão presentes na área da frente da casa de minha avó, onde sempre à tardinha, quase no cair da noite se reúnem filhos, netos, tios, primos em visita à mamãe e para ouvir seus “causos e causos”. Nessas conversas nossas memórias são evocadas, principalmente as da infância. Nossas memórias são interligadas e é no meio dessas conversas que observamos ainda mais a coletividade delas, também não é no sentido político ou ideológico que elas são despertadas não, é mesmo apenas no contexto familiar e de instigar as memórias ainda mais antigas de minha avó, nós gostamos de ouvir suas histórias.

Retomando a discussão sobre o período da infância, recordo-me que dos filhos de dona Maria, a que mais sofreu na infância foi a Elma. Ela sofria muito com desidratação, não ganhava peso. Não se desenvolvia bem naquele primeiro momento, então, a casa dela quase que era também o hospital. Pensávamos nós que essa problemática de saúde ficaria apenas por ela, mas quando nossa caçula completou seus quatro anos, numa manhã ensolarada e com bastante vento, Elin, teve seu primeiro desmaio e daquele dia em diante sabíamos que algo não estava correto.

Minha mãe andou com ela por muitos lugares até chegar à conclusão de que se tratava de epilepsia, um tipo raro dela, chamado pelos médicos de Epilepsia Benigna do Jovem, que de bom nada tem. Doença bastante estigmatizada, mas que com os devidos cuidados e medicação é bem controlada e quem a tem vive uma vida comum.

Sobre essa situação de doença, eu também já andei pelo hospital internado, quando tinha 10 anos, adquiri uma pneumonia e foi um momento horrível na minha vida, eu jurava que ia morrer, mas fiquei vivo para contar a história, o que me marcou daquele momento foi o carinho recebido de minha mãe e do pai de minhas irmãs que na época ainda estava com minha mãe. Ele me comprava uns pãezinhos recheados

com água de coco. Imagina! Pães recheados. Um luxo para poucos naquela época e eu os dispensava, enjoava e vomitava tudo, então evitava comer. Na época passava a novela O Rei do Gado e a música de abertura da novela ainda ecoa na minha mente.

Na minha trajetória de vida e na trajetória de vida de minha família que em minhas memórias terminam se confundindo, em virtude de termos as mesmas vivências, sempre tivemos a certeza de que precisaríamos batalhar muito para poder mudar aquela situação de nossas vidas, e assim o fizemos; e algo majestoso em minha mãe foi de sempre nos incentivar a continuar estudando, onde vemos como inspiração a mesma trajetória de dificuldades e superação de Carvalho (2016, p.44), ao relatar sobre suas experiências com as escolas públicas municipais em Imperatriz, ainda quando colocava sua esperança de dias melhores no estudo, coisa que nós sempre o fizemos, também.

Uma das realizações mais importantes que considero nessa fase de minha vida foi a de adentrar na missão da igreja e de lá poder ter encontrado pessoas que me ajudaram, acolheram-me e me auxiliaram a melhorar. O grupo de canto na missa de domingo chamávamos de “Novo Caminho”, éramos responsáveis pela animação musical nas celebrações com as crianças às 9h, todos os domingos; pela manhã no grupo de jovens da Renovação Carismática Católica (RCC) Metanóia, segundo os dirigentes do grupo o nome provém de um termo bíblico que quer dizer “mudança de vida e de mentalidade”, passei anos memoráveis na Igreja de Santa Teresinha do Menino Jesus, onde aconteciam os encontros do grupo de oração.

E mais uma vez vejo minhas memórias se entrelaçarem nas de Carvalho (2016), quando ela relata sobre suas vivências a missão da igreja em Imperatriz/MA, ao ponto de ingressar na vida vocacionada na Congregação das Irmãs Beneditinas da Divina Providência, em Carolina/MA. Diz a autora:

[...] vivi experiências significativas de engajamento no Grupo de Jovens São José do Egito da Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Fui catequista de crianças que tinham recebido o Sacramento da Comunhão e me sentia realizada com participação ativa nas atividades religiosas. Preparei-me como vocacionada que me sentia para ajudar as pessoas mais pobres em comunidades maranhenses, o que me rendeu um ano (1982) de vida aspirante na casa da Congregação das Irmãs da Divina Providência em Carolina/MA (CARVALHO, 2016, p. 46).

Não cheguei ao ponto de seguir a vida vocacionada, mas esse era um grande sonho naquele período de minha vida. Sentia-me próximo da missão em servir as pessoas que precisavam de Deus. Não segui a vocação religiosa e fui ser catequista

da primeira eucaristia da Paróquia de São Pedro de Alcântara, onde antigamente funcionava a sede de formação inicial dos padres em Carolina, no Seminário São José, ao lado da Igreja Matriz. Tanto que grande parte dos amigos que tenho hoje, são os daquela época, o engajamento na igreja já não é mais o mesmo, mas os amigos permaneceram e isso eu considero muito importante.

Dos amigos que fiz nesse serviço voluntário foi de onde me surgiu a oportunidade de estudar e depois trabalhar no Colégio Divina Providência (CDP), que era das irmãs Beneditinas da Divina Providência, congregação citada por Carvalho (2016), em que a pesquisadora passou um ano como aspirante a religiosa. As irmãs encerraram seu trabalho religioso na cidade de Carolina, no ano de 2012, passando a missão educativa para os Padres da Congregação de São Luís Orione, que trabalham com a Pequena Obra da Divina Providência nesse mesmo local, são conhecidos como padres Orionitas, que por cá estão até hoje e eu ainda faço parte do corpo docente do agora Colégio Santa Cruz, unidade Carolina (CSC), não segui a vida religiosa, mas a providência divina sempre esteve em minha vida.

Como aluno nunca fui um gênio, mas para ajudar aos outros e me dispor para o serviço na comunidade sempre estive pronto. Da oportunidade de estudo e trabalho no CDP, veio também a coragem para cursar licenciatura em História na Universidade Federal do Tocantins (UFT), em Araguaína/TO, cidade que fica a 96 quilômetros de Carolina, com o “privilégio” de uma travessia de balsa pelo rio Tocantins. Essa foi uma época difícil, mas vencemos mais esse desafio.

Ainda antes de concluir a graduação fui convidado pelo Instituto Batista de Carolina (IBC), colégio confessional batista da cidade, único do país ainda pertencente à Junta de Missões Nacionais (JMN) da Confederação Batista do Brasil (CBB), para ministrar as disciplinas de Filosofia e Arte, nesse local foi minha primeira experiência enquanto educador e onde me apaixonei pela sala de aula e pude vencer um preconceito contra os irmãos de denominações religiosas diferentes da minha. Para ir ao IBC tive que deixar o ainda CDP, eu não o fiz por querer, mas fui, era um sonho sendo realizado.

No ano de 2012, abriram as inscrições para o concurso da Polícia Militar do Estado do Maranhão (PMMA), e eu sempre tive a impressão de que os concursos para as polícias seriam mais ‘fáceis’ para ser aprovado, ledo engano o meu. Para a minha sorte ou mais uma vez a Providência Divina, eu passei no concurso, e em 2013, atendendo ao chamamento do concurso público, mudei para Balsas/MA para

participar do Curso de Formação de Soldados da PMMA (CFSD-PMMA), acredito que tenha sido o período mais desafiador da minha vida, juro a você que lê essas linhas, foi muito difícil.

Eu queria desistir todos os dias, era um universo completamente novo e singular para eu estar, mas aquela era a oportunidade de uma vida de ingressar no serviço público estadual, ganhar a tão sonhada estabilidade que o cargo permitia e com um salário razoável. Passar nesse concurso foi um presente de Deus e do qual sou grato todos os dias, pois, é o que garante meu sustento e o sustento de minha família.

Minha vida se transformou grandiosamente e partir dessas novas experiências uma nova pessoa surgiu, sem medo, sem 'frescura', sem frivolidades. Meus comandantes em Balsas gostaram de mim, mantiveram-me em Balsas por quase cinco anos, quando pedi para retornar a minha cidadezinha, Carolina, atenderam prontamente à minha solicitação.

Em Carolina, nessa nova fase da vida ainda estou e daí mais uma vez a Providência Divina se fez e eu passei para a Primeira Turma do mestrado do PPGFOPRED para a UFMA de Imperatriz/MA, cidade que pela História é filha de Carolina, mas que pelo tempo se projetou como grande polo econômico, educacional e cultural na região do vale do Rio Tocantins e do Araguaia, do qual tenho muito orgulho em pertencer e fazer parte. Parece que Carolina e Imperatriz ainda mantêm suas relações históricas bem vivas tanto na tese de doutorado da professora Herli Carvalho (2016), quanto nas minhas memórias.

A vida não foi e não é fácil para ninguém, e como disse no início desse relato não vivemos nesse mundo sozinho, nós precisamos uns dos outros, gente foi feita para estar no meio de gente. Muitas pessoas estenderam sua mão para nos ajudar e somos eternamente gratos, não foram ajudas financeiras, mas de palavras de incentivo e encorajamento, e eu acredito que essas sejam as maiores riquezas em nossas vidas, os laços que construímos.

As memórias que jamais iremos retirar de nossa cabeça, aquelas que permanecerão vivas, acesas, ligadas em nós, aquelas que fazemos questão de transmitir, pois "transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo" (CANDAU, 2019, p.118), e nós estamos no mundo, nós fazemos o mundo, nós modificamos o mundo.

Ser grato deve ser uma das maiores, transformadoras e mais benevolentes capacidades humanas, hoje sou um homem de 34 anos, pele parda, de 1.76 de altura, olhos claros bem verdes, eles saíram semelhantes aos de minha mãe e de minha avó, mas o cabelo é crespo assim como os de meu avô, o peso não importa. Sou policial militar e professor, mestrando em Educação do PPGFOPRED da UFMA de Imperatriz, orgulhoso de meus feitos, alegre e feliz sabendo que tudo na vida tem seu tempo, hora e momento certo. Sei ser grato ao universo e a Deus, aliás, a Sua Providência, por tantas coisas boas que tem acontecido e de eu poder estar ajudando minha família sempre que necessário for.

Perceber que filho de pobre consegue sim chegar onde quer e tem vontade, perceber que empoderar-se é apropriar-se de suas dificuldades e vencê-las, é fazer delas sua vitória. Acredito que a minha dona Maria esteja orgulhosa do filho que colocou no mundo e sou grato mais ainda por tê-la como mãe, e escrever essas palavras, próximo do dia das mães, tornam-nas ainda mais significativas e representativas do amor que sinto por ela.

1 INTRODUÇÃO

Estudar é preciso. Essa é uma frase muito facilmente ouvida no seio de minha família e que sempre me incentivou para correr atrás dos meus sonhos, portanto, aqui estamos galgando um grau a mais na escala do conhecimento. Conhecimento esse que há séculos vem sendo descoberto e redescoberto, escrito e reescrito a cada geração em seu tempo e espaço.

E o que procuramos é um conhecimento mais humano que atenda a sociedade no sentido de formar indivíduos preocupados com a construção de sua própria cidadania, de seu espaço de vivências, de sua comunidade e de sua região. Essa é, nós acreditamos, uma das grandes utopias da educação no nosso país. É por meio da educação que construiremos uma sociedade mais livre, justa, democrática e com respeito à diversidade, valorizando o ser humano acima de qualquer outra necessidade materialista.

Temos como tema norteador das discussões nesse trabalho dissertativo, a análise a respeito da utilização de imagens históricas no ensino da História na preservação e na divulgação da História local, contribuindo assim para a melhoria e criação de novas estratégias e abordagens para o ensino da Disciplina História, principalmente por meio da utilização de imagens históricas em sala de aula e disponibilizadas em rede social, especificamente no *Instagram*¹.

Tema desenvolvido a partir do seguinte problema: Como as imagens de espaços públicos de Carolina podem contribuir para a prática do ensino de História e para o resgate e preservação da identidade e da memória local? E para respondermos a essa incógnita, elencamos como norte, primeiramente, identificar e analisar as possíveis contribuições das imagens para a construção da memória e da identidade local, como já dito, nosso *lócus* de pesquisa é a cidade de Carolina - MA, mais especificamente com os alunos do 8º e 9º ano do Colégio Santa Cruz, Unidade Carolina, diretamente pelas aulas *on-line*, em virtude do período de pandemia e com a comunidade em geral pela rede social *Instagram*, as turmas são únicas e compostas

¹ Uma rede social de nível mundial que hoje em dia tem tomado conta das mais diversas formas de comunicação que existe usando como canal para isso a internet. O *Instagram* é ainda portal de notícias e tem tornado muitas pessoas anônimas famosas da noite para o dia, pois permite que essas mesmas pessoas transmitam cotidianos antes acompanhados apenas pela televisão. Pode ser baixado em qualquer *Smartphone* ou *Iphone* de forma que permita o livre acesso a diversos conteúdos e com diferentes pessoas.

por 20 e 19 estudantes respectivamente, num total de 39 alunos participantes dessa pesquisa. Já na rede social, além da presença de estudantes, temos ainda, pessoas que optaram por seguir nosso Perfil @imagens_quecontamhistoria, temos um total de 221 seguidores. Estamos na página com um total de 16 postagens com fulcro voltado a essa pesquisa dissertativa.

A condição ética dessa pesquisa se deu por meio do Termo de Assinatura de Anuência pelo Reitor Pró-Reitor de Assistência Estudantil da UFMA e termo de consentimento livre e esclarecido assinado pela coordenação da Escola onde realizamos as rodas de conversa, haja vista que na utilização da Rede Social os indivíduos já concordam com os termos de uso dos aplicativos nela inseridos, no nosso caso dos termos de uso do *Instagram*.

Acrescentamos ainda a submissão do projeto de pesquisa à Plataforma Brasil, e até o presente momento aguardamos pelo número de Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE), gerado por essa mesma plataforma. Informamos ainda que não foram necessárias a utilização de imagens de pessoas de nenhuma natureza, tampouco das gravações dos vídeos das rodas de conversa, sendo solicitado previamente que todos os estudantes mantivessem suas câmeras desligadas.

A escola pertence à Congregação dos Padres Orionitas de Araguaína/TO², está situado na Praça Alípio de Carvalho, que fica no mesmo conjunto urbano da Avenida Getúlio Vargas, principal espaço que utilizamos como fomento para as imagens escolhidas, no centro da cidade. No mesmo local, já passaram por ali outras três ordens religiosas de ensino. Um importante centro de ensino e pioneiro na região, representativo da memória e da identidade local principalmente no que diz respeito ao ensino educacional religioso.

A pesquisa é desenvolvida na cidade de Carolina, cidade situada ao sul do Estado do Maranhão, na divisa com o norte do Estado do Tocantins, antigo nortegoiano, como demonstrado na figura 1.

² Congregação dos Irmãos e Irmãs da Pequena Obra da Divina Providência, fundada por São Luis Orione, Santo da Igreja Católica que viu na assistência educacional e da saúde aos mais necessitados, sua missão de vida. A Congregação a nível mundial possui obras ligadas a Hospitais, Escolas, Asilos, Paróquias e tantas outras voltadas à caridade e benevolência.

Figura 1 - Localização de Carolina/MA.

Fonte: Carolina, In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre.

Essa cidade do interior do Maranhão viveu seu auge econômico, político e cultural entre as décadas de 1930 a 1960 do século passado. Tem como marco inicial os tempos de criação da povoação no início do século XVII, em 1810 até sua época de glória nos anos 1960 quando da conclusão da obra de construção da rodovia Belém/Brasília, que une o Norte à capital do país. Cidade da “Região Tocantina”³ que se destacou como uma das primeiras cidades no “caminho do gado”⁴, na interiorização do Maranhão.

No período destacado anteriormente, o maior porto e a maior rota fluvial do norte-goiano e sul do maranhão pertenciam a Carolina, a cidade foi a primeira do Norte e Nordeste do país a receber a construção de uma Usina Hidroelétrica, para se compreender tamanha significação que possuía Carolina para a política nacional naquela época.

A importância de Carolina nesse período é mostrada por Eloy Coelho Neto, em *História do Sul do Maranhão* (1979), que escreve, “A República, proclamada em 1889, encontrara Carolina integrada ao estado do Maranhão. Era a primeira cidade do sul do Estado e, depois de Caxias, a mais importante” (1979, p. 71), o autor ainda chama a cidade de a “Princesa do Tocantins” (1979, p.72) e segundo ele, “Na década de 1930 a 1940, vivia um quadro animador sobretudo no setor do ensino pois contava com três estabelecimentos de notável importância: Colégio Carolinense de Odolfo

³ Localização regional de Carolina, banhada pelas águas do Rio Tocantins compreendidas entre o sul do estado do Maranhão, norte do Tocantins e sul do Pará, até o Araguaia.

² Expressão utilizada por Adalberto Franklin e João Renôr F. de Carvalho, em Francisco de Paula Ribeiro, *Desbravador dos sertões de Pastos Bons*, 2005.

Medeiros, O instituto renascença, de José Queiroz e o Colégio Progresso, de Edison Cardoso” (1979, p.73).

Para o autor, a cidade era a mais importante da região banhada pelo rio Tocantins, entre o sul e o norte de Goiás. A História sobre Carolina ganhou relevância com a instalação do Museu Histórico de Carolina no ano de 2015, quando alguns ‘filhos’ de Carolina residentes em outros estados brasileiros, principalmente em Brasília/DF, preocupados com a preservação da História dessa localidade, uniram-se e criaram o museu que hoje é referência e importante lugar de memória da região tocantina. Trata-se de uma instituição privada, mas com notável interesse público, mantido pela Associação Carolina Viaverde⁵, uma Organização Não Governamental - ONG, onde os responsáveis são esses filhos de Carolina que hoje residem distantes de seu lugar de origem, mas que se preocupam com sua memória e história.

Portanto, esse trabalho dissertativo, também se faz necessário, como parte constitutiva da História do cidadão carolinense que ainda necessita conhecer sua própria História no processo de construção e constituição de sua própria identidade. Esse apanhado histórico que faz Coelho Neto (1979), retrata uma paisagem dos anos de 1930 e 1940, desconhecidas pela nova geração que pouco sabe de sua História. E foi com o intuito de resgatar essa memória, por vezes esquecida, ou adormecida e trazê-la à luz das discussões por meio da proposta dessa pesquisa que nos desafiamos no propósito dessa dissertação.

Sua relevância ocorre primeiramente, pelo fato de se propor em fazer ciência, enaltecendo e promovendo as Ciências Educacionais, Humanas e Sociais na região do vale do Rio Tocantins, aqui nominada de ‘região tocantina’. Uma região ainda carente de pesquisa dessa natureza. Carente de mais Universidades, carente do olhar do poder público. Em um segundo momento, por reforçar o valor e a importância que as pesquisas de caráter social devem ter na nossa sociedade, em que, na atualidade, vivemos um período controverso na política nacional de desvalorização dessas ciências, e esse trabalho se propõe como resistência a uma política de desvalorização da educação pública. Num terceiro ponto, esse trabalho dissertativo elenca a valorização e resgate da memória e da História local, reconstruindo-a e ressignificando a, trazendo-lhe novo sentido.

⁵ https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g1076247-d10486142-Reviews-Museu_Historico_de_Carolina-Carolina_State_of_Maranhao.html

Nessa pesquisa damos importância aos significados imagéticos representativos de sujeitos por muito tempo isolados pela dita História Tradicional, que viviam à margem, trazendo à tona elementos que compõem a sua própria trajetória de vida, a nossa própria História, sendo um dos motivos pelos quais escolhemos essa temática de estudo. Resgatando por meio dessas imagens, as memórias humanas, sertanejas, ribeirinhas dentre tantas outras, de pessoas simples, sejam elas os alunos sejam membros da comunidade em geral.

Trata-se de uma pesquisa no campo da Educação que apresenta elementos que fomentam uma nova abordagem para a disciplina História em sala de aula, e fora dela, no ambiente virtual da rede social *Instagram*, pois, está diretamente inserida em suas vivências sociais e em seus processos de formação educacional, seja ele formal, para os educandos, seja ele informalizado para a comunidade já egressa da escola.

Nesse aplicativo existem algumas funções de interação social virtual, que demonstram para o usuário de uma conta nele (Perfil), o interesse do público pelo conteúdo apresentado nele, por exemplo: *Likes*⁶, que são as “curtidas” (quando alguém gosta do que você publicou no seu perfil), já as *Views*⁷ ou visualizações demonstram a quantidade de pessoas que visualizaram aquilo que foi postado pelo gerenciador do perfil nessa rede social, e “compartilhamentos”, que é quando alguém que visitou o seu perfil se apropria daquilo que você publicou e faz uma nova publicação com o mesmo conteúdo que você se utilizou anteriormente. Atualmente no perfil estão 17 postagens com as imagens, 231 seguidores e estamos seguindo 208 pessoas.

Para essa pesquisa o *Instagram* não foi apenas uma ferramenta de análise, mas, além disso, tornou-se ainda um produto, fruto desse trabalho de pesquisa dissertativa que possibilitou alcançar aqueles sujeitos fora de sala de aula e em diferentes lugares do país e do mundo. Os filhos dessa terra, da região tocantina e os turistas que visitaram as atrações naturais de Carolina, e gostam de lembrar sua estadia ali por meio das imagens, já que elas lhes trazem à memória as lembranças que viveram naquele local.

O estudo de elementos históricos e culturais locais ou regionais provoca nas pessoas um sentimento de maior valorização do ensino e da disciplina História, por

⁶ Terminologia da língua inglesa que em português quer dizer que quem visualizou o que foi postado na rede social gostou ou curtiu, ou quantas pessoas curtiram o que fora compartilhado na rede social.

⁷ Terminologia da língua inglesa que em português quer dizer quantas pessoas visualizaram aquilo que fora compartilhado na rede social.

parte dos alunos, despertando neles que estão em fase de formação básica o sentimento de identificação e pertencimento para com aquilo que lhes está sendo mostrado. Sabemos o quanto é complicado o ensino da História atualmente, um aprendizado mais eficaz e mais prazeroso dessa disciplina, levando-os a valorização e a construção das suas próprias identidades.

Nesse período de isolamento social, momento em que se deu também o desenvolvimento desse trabalho dissertativo, a pesquisa com a utilização da rede social como ferramenta de pesquisa se fez bastante pertinente e eficaz. Disponibilizar imagens da cidade de Carolina na rede social, tanto para os alunos, quanto para a comunidade em geral, também fez levar um pouco dessa memória e História local para as casas de quem nesse momento está trancado nelas com medo do vírus da Covid-19⁸, foi como se as pessoas que acessam e visitam o perfil do *Instagram*, pudessem fazer, de certa forma, um passeio pelo local apreendido e ao mesmo tempo recobrar na sua mente os sentimentos e significados ali vividos quando esteve por lá fisicamente, resgatando assim parte do que somos, contribuindo ainda mais para o desenvolvimento de novas práticas e estratégias no ensino da História como disciplina escolar, de uma forma inovadora e diferenciada, com o uso da rede social.

É claro que para a feitura desse trabalho a bibliografia anterior é de grande valia. Para isso, fora desenvolvido o **Estado da Arte**, é também parte integrante e obrigatória no processo de construção e formação tanto desse trabalho dissertativo científico quanto exigência do programa de pós-graduação em educação do qual fazemos parte, fazendo-se como uma revisão daquilo que já está escrito sobre as temáticas da História, da Memória, da Identidade, da História Local e do Ensino da História. Com o título “Diálogos sobre a História, a Memória e a História Local em análise de literatura”, presente na obra *Estado da Arte em Educação*, fruto do PPGFOPRED.

Expomos aqui também algumas considerações sobre esses trabalhos analisados na produção dessa dissertação. Trabalhos que se utilizam dessas categorias e que também nos serviram de linhas norteadoras em muitos aspectos. Na dissertação de Edson de Jesus, com o título “História Local: ideias de sentido histórico nas narrativas de alunos do ensino médio de uma escola estadual em Pinheiro-PR”,

⁸ Segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS, a covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus, e que tem assolado o mundo desde 2019, fazendo com que as pessoas não saiam de casa.

há uma discussão clara e concisa com a utilização dos conceitos sobre a História, a História Local e sentido histórico presentes nas discussões também da história que se coloca local.

Outro trabalho que consideramos interessante foi o de Indira Silva Sousa, com o título “História, memória e identidade: os ciganos no interior da Bahia na segunda metade do século XX”. Na Universidade Federal da Bahia, onde os conceitos da História, da Identidade e da Memória são bastante relevantes. O trabalho de Silvio Ricardo Golveia Cadena, com o título “Narrativas digitais e a história do Brasil: uma proposição para a análise de memes com temáticas coloniais e seu uso nas aulas de história”, mostrou-nos exatamente aquilo que pretendemos com o uso da rede social como ferramenta de pesquisa e de ensino em nosso trabalho dissertativo, uma nova proposta para o fazer pedagógico do Ensinar História, Silvio (2018) trabalha os *memes*⁹ nas redes sociais e nós trabalhamos as imagens locais.

Adriano Carlos de Almeida, escreve “Uma interpretação da História visual de Goiânia: os registros fotográficos de Hélio de Oliveira (1950 a 1970)”, e despertou nosso interesse o seu trabalho com as imagens, e em como elas foram utilizadas na produção de seu trabalho, que segundo ele, essas imagens são, também, construtoras de memória e registram a modernização do espaço urbano da cidade de Goiânia/GO, no período registrado por Hélio de Oliveira, fotógrafo, que teve sua obra pesquisada por Adriano (2018). Na pesquisa de Alex da Silva Faria, “Memória, patrimônio e sujeitos sociais na construção histórica do instituto do museu jaguarbano (1965 – 1985)”, da Universidade Federal do Ceará, estão as palavras de efeito: memória, patrimônio e sujeitos sociais, que perduram no texto e que estão em comum com os conceitos que nos apropriamos no nosso trabalho dissertativo.

Na dissertação de mestrado de Ana Silva Conceição de Oliveira, que tem o título “O Caderno de ensino de história e educação patrimonial: museu de Sergipe”. Observamos elos temáticos que envolvem conceitos sobre a História e o ensino de história, estudo e ensino propriamente ditos, conhecimentos sobre museus; memória coletiva e patrimônio cultural; a escola e aspectos educacionais relevantes no processo de construção de sua obra. Assim como também consideramos importante e interessante de se trabalhar nessa dissertação. O trabalho de Oliveira é relevante por ter o mesmo significado que o trabalho de conclusão final do mestrado em

⁹ É como são conhecidas as montagens de imagens utilizadas nas redes sociais para gerar alguma outra informação ou sentido, é bastante utilizado em se tratando de cunho humorístico, principalmente.

educação ao qual estamos inseridos juntos à UFMA de Imperatriz, trata-se de um produto, resultado de seu trabalho na produção de um novo conhecimento histórico, humano e profissional.

Já Maria Lindalva Alves da Silva, escreve “Percepção ambiental dos moradores das chapadas das mesas sobre o Parque Nacional, Maranhão, Brasil”, dissertação de mestrado apresentado junto ao Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, em Biodiversidade Ambiental e saúde. Que traz como eixos centrais em sua narrativa, os atores sociais, as comunidades tradicionais, a unidade de conservação e o turismo ecológico a se desenvolverem na região dos municípios por onde a área legal do parque está inserida. Nesse contexto, acreditamos que a obra de Silva seja bastante relevante, tendo em vista que, Carolina é nosso lócus de pesquisa e é um dos municípios mais atrativos dentro do Parque Nacional da Chapada das Mesas, que tem visto sua via social se transformar nos últimos anos por conta da divulgação que a criação do parque trouxe para o turismo local. O que afetou diretamente a vida dos atores sociais inseridos nesse contexto de vivências e transformações, tendo que ressignificar suas vidas em função do parque.

Um dos trabalhos mais relevantes em nossas leituras fora o das Pesquisadoras Silmara Regina Guedes e Nilmara Fátima Menegazzo Nicodem (2017), com o título “A utilização de imagens no ensino da história e sua contribuição para a construção de conhecimento”, que em muito contribui para a discussão que fomentamos em nossa pesquisa dissertativa, em que as autoras fazem um estudo interessante sobre a importância do uso de imagens na disciplina História em sala de aula, apontando dificuldades e acertos com essa temática. Elas salientam que na disciplina História é importante a utilização de imagens, filmes e representações mais artísticas do passado, pois materializam ou simbolizam para os estudantes aquela realidade apresentada no conteúdo que os alunos estão estudando no percurso didático pedagógico em sala de aula (*ibidem*, p. 2).

Para as autoras, o uso de imagens e vídeos é extremamente importante e bastante utilizado na atualidade, pois ajuda os estudantes a refletirem melhor sobre os conteúdos apresentados, e visualizarem melhor realidades tão distantes das deles em muitos momentos, como uma espécie de materialização daquilo que se estuda em História, segundo elas:

Atualmente, o uso de imagens é uma das ferramentas metodológicas mais utilizadas para o ensino de conteúdos da disciplina de história para ampliação

e melhoramento no processo de ensino/aprendizagem. As imagens podem ser utilizadas de muitas formas, como: vídeos, cinema, pinturas, fotografias, mapas, histórias em quadrinhos, etc. Enfim, são inúmeras as possibilidades, destacando-se duas que são as mais usadas pelos professores no contexto da sala de aula na disciplina de história, como é o caso do uso de filmes e fotografias (GUEDES; NICODEM, 2017, p. 3).

E nosso destaque, nesse trabalho, é exatamente para o uso das imagens no contexto de sala de aula e na rede social *Instagram*, uma proposição ainda mais inovadora com o trabalho de pesquisa histórica e social no âmbito educacional também na internet por meio da rede social em questão. Para as autoras, imagens, filmes, vídeos, fotografias, pinturas, mapas etc. possuem papel importante no processo de ensino e aprendizagem da disciplina História. No caso das fotografias, elas são consideradas memórias eternizadas, materializadas, “imutáveis”, “um documento que fala por si mesmo” (*ibidem*); mas interpretáveis, e é necessário todo um trabalho teórico metodológico anterior para a escolha de quais imagens levar para a sala de aula, e quais objetivos se tem para com sua utilização, o que aqui já deixamos claro nossa intenção com as imagens de Carolina/MA.

Para Guedes e Nicodem (2017), quando se usa imagens no contexto de sala de aula está ao mesmo tempo melhorando a forma de se trabalhar a história em sala de aula e de criar estratégia de ensino desta:

O uso da imagem no contexto da sala de aula implica na melhoria do ensino e para que os educandos tenham a possibilidade de conhecer a diversidade da história, tornando as aulas mais dinâmicas. A linguagem própria da imagem auxilia o aluno na construção do conhecimento histórico. Compreende-se que o olhar chega antes mesmo da palavra, os seres humanos aprendem primeiramente a se comunicar pela visão. Assim podemos dizer que a imagem faz com que tenhamos uma rápida percepção daquilo que queremos antes mesmo que qualquer palavra (*Ibidem*, p. 3).

Por conta da linguagem própria que a imagem possui, segundo as autoras, a transmissão do conhecimento por meio delas torna-se ainda mais eficaz e prazerosa, até mesmo a aula é mais dinâmica, obviamente que as autoras defendem essa estratégia no ensino da História, mas alertam para o perigo de os professores serem justos com as interpretações que as imagens podem levar os alunos a gerarem em suas imaginações. É necessário um trabalho prévio, maduro e reflexivo com e sobre essas imagens, elas não podem ser entregues aos estudantes de qualquer jeito, elas por elas. O papel de mediador do professor entre as imagens e o conhecimento histórico presente nelas deve ser singular.

Atualmente, os professores de história, na maioria das vezes, não utilizam esses recursos metodológicos de forma adequada, entendendo as imagens como mera ilustração e não como produtora de conhecimento e ativadora da imaginação dos alunos. É importante salientar aos alunos que as imagens não devem ser estudadas de forma isolada, mas no interior de um contexto maior dos conteúdos curriculares de História (GUEDES; NICODEM, 2017, p. 3).

Sem dúvidas o uso de imagens no ensino da História ainda mais por meio da rede social mais utilizada no mundo na atualidade só tem a contribuir ainda mais para uma nova abordagem no ensino da disciplina História, só temos que ter a preocupação de fazer esse novo conhecimento acontecer da forma correta, quer dizer, explicitando aos estudantes passo a passo sobre como se dá o conhecimento por meio da imagem e de que forma eles extraem delas o que precisam. As representações de imagens locais nesse contexto são ainda mais interessantes, pois colocam os estudantes frente à sua própria História, frente à construção histórica de si mesmo, que vem a ser o processo de construção de sua identidade.

Trabalhar a imagem, o filme, os vídeos, os *memes* é um desafio grandioso para as nossas realidades educacionais brasileiras, mas ainda é um recurso visual importante para a didática do professor da disciplina História, trazer esses novos contextos para a sala de aula faz-se extremamente necessário ao nosso ver, pois, trará junto os interesses dos educandos pela sua própria história de vida, principalmente. É ainda uma forma de interdisciplinarizar o ensino, aliando a esses recursos outras disciplinas equivalentes, a exemplo da Geografia, da Sociologia, da Filosofia e da Arte que lidam cotidianamente com imagens, mapas, documentos etc. Entendemos a dinâmica da interdisciplinaridade como algo grandioso e desafiador para os educadores na atualidade, e não é nossa intenção provocar essa discussão ainda, mas perceber que ela faz parte da vida escolar como parte constitutiva no processo educacional. Trata-se de uma temática que ainda não cabe nesse trabalho, fica para futuras pesquisas.

A Metodologia, pela qual optamos foi exatamente a da pesquisa qualitativa em pesquisas sociais e educacionais, a princípio com a técnica da análise documental e com rodas de conversas e por fim com o perfil do *@imagens_quecontamhistoria*, na rede social *Instagram*, como ferramenta de pesquisa e coleta de dados. Esse processo está sendo explicado nas linhas que seguem. Antes discutiremos um pouco sobre as técnicas de pesquisa. Destacamos ainda que o perfil do *Instagram* não é apenas uma ferramenta de pesquisa, mas é também, um produto de nossas

pesquisas, que pode ter seu trabalho mantido mesmo depois de passado esse processo formativo da pós-graduação do mestrado em educação.

A utilização da análise documental, como recurso preliminar, nos possibilitou um embasamento teórico importante para a produção desse trabalho, e para um contexto mais intenso da pesquisa a promoção das rodas de conversas *on-line*, pelo recurso do *Google Meet*¹⁰ com os alunos do 8º e do 9º ano do Colégio Santa Cruz Unidade Carolina. Os documentos e imagens da cidade de Carolina, alguns encontrados no Museu Histórico de Carolina, e outros frutos de nossas pesquisas fora do museu.

Acreditamos na pesquisa qualitativa como metodologia em virtude de sua capacidade em lidar com as subjetividades dos sujeitos da pesquisa, assumindo assim muitas formas, podendo ainda ser conduzida em diferentes contextos. Segundo Robert C. Bogdan e Sari Knopp Biklen, em *Investigação Qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*, diz; “A investigação qualitativa em educação assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos”, significa que muitas formas de se fazer pesquisas educacionais existem por aí, e dentro dos seus diferentes contextos são elaboradas para atender a necessidade de cada pesquisador que a utiliza. Os autores também apontam que:

Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. Ainda que os indivíduos que fazem investigação qualitativa possam vir a selecionar questões específicas à medida que recolhem os dados, a abordagem à investigação não é feita com o objetivo de responder a questões prévias ou de testar hipóteses (1994, p.16).

Ao se referir aos dados levantados para a produção da pesquisa pelo pesquisador, estes podem ser deveras diversificados levando em consideração as pessoas, os locais onde ela está sendo realizada e as conversas de que se tem conhecimento no andamento dos trabalhos. O que se procura investigar não está diretamente focalizado em alguns pontos, mas sim, pode estar ligado ao todo, à compreensão dos sujeitos e de suas representações. No contexto da investigação qualitativa não se tem a pretensão de antecipar resultados ou hipóteses, estes são construídos ao longo do processo de desenvolvimento da pesquisa.

¹⁰ O *Google Meet* é um recurso assistente do programa *Google* da Microsoft, utilizado para fazer vídeo-chamadas para a realização de reuniões, palestras, aulas e afins que inclusive podem ser gravadas.

Ainda segundo os autores, a investigação qualitativa procura privilegiar, principalmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação, sendo as causas exteriores consideradas de importância secundária. A pesquisa qualitativa preconiza o envolvimento do investigador com os sujeitos da pesquisa como parte importante nesse processo o que é contundente, haja vista os sujeitos dessa pesquisa serem também nossos educandos.

Quanto da relevância e pertinência da pesquisa qualitativa em educação, assim como a consideramos relevante sua abordagem para esse trabalho, Bogdan e Biklen afirmam:

Na *Sociology of Teaching*, Waller baseou-se em entrevistas em profundidade, em histórias de vida, na observação participante, no registro de casos, em diários, cartas e outros documentos pessoais, para descrever o mundo social dos professores e seus alunos. Para Waller, a ideia base do livro era a crença de que as crianças e os professores não constituem inteligências incorpóreas, nem máquinas de ensino e de aprendizagem, mas sim seres humanos integrais, enlaçados num labirinto complexo de interconexões sociais; A escola é um mundo social por ser habitada por seres humanos (1994, p.30 e 31).

A pesquisa qualitativa tem total aplicabilidade no contexto educacional e com diferentes métodos de trabalho para obtenção dos resultados que o pesquisador espera. A exemplo do que vemos na afirmativa dos autores e consideramos, também, conforme a visão deles, a escola é um espaço habitado por homens e mulheres e tudo aquilo de suas vivências e experiências externas.

A roda de conversa é uma técnica importante e desenvolvida no ambiente de sala de aula da escola com todos os cuidados que tanto a instituição de ensino e a Secretaria Municipal de Saúde apregoam com estudantes em regime presencial e *on-line* de ensino. Mesmo com a problemática da pandemia da Covid-19, elas foram possíveis de serem realizadas e puderam enriquecer ainda mais esse trabalho dissertativo. Nós as fizemos nas duas turmas ao mesmo tempo, virtuais e presenciais, para cada uma 8º e 9º ano, mas encontramos resistência por parte de algumas famílias que se opuseram que os filhos pudessem estar em horários alternativos aos das aulas participando das rodas de conversa pela *web* câmera, problemáticas com direitos a uso de imagens etc.

Decidimos usar apenas o áudio tanto para os que estavam em sala de aula quanto para os que estavam em casa. Não adentramos nesse meandro da imagem ou justificativa para cada família em respeito a eles mesmos, é claro que infelizmente

devido às circunstâncias que a época nos provoca muito deixou de ser feito e coletado, mas, com o pouco que fizemos acreditamos ter desenvolvido um trabalho alicerçado nas bases da ciência e do conhecimento.

Nossos resultados provêm de ambientes distintos, primeiro com a análise das imagens do retorno/*feedback*, ou melhor dizendo, da resposta que alguns estudantes e pessoas da comunidade tiveram frente às postagens/imagens presentes no perfil do *Instagram*. E das rodas de conversas realizadas com as turmas de 8º e 9º anos do CSC de Carolina que ocorreram no horário das aulas de História e que focaram na visão dos alunos sobre essas postagens feitas nesse perfil e em imagens mostradas a partir do trabalho dissertativo, isso nos permitiu uma interação com os visitantes do perfil *@imagens_quecontamhistoria*, no *Instagram* e uma conversa com os alunos em sala de aula nos permitiu observar suas sensibilidades e sentimentos despertados na análise das imagens ali apresentadas.

Minayo (2001) também corrobora com o valor da pesquisa de caráter qualitativo em sua obra *Pesquisa Social, Teoria, método e criatividade*, para ela:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (2001, p.22).

A pesquisa qualitativa nos possibilita uma abordagem pautada nas vivências e expiações das intenções de estudo aqui presentes, pois, preocupa-se com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, um aspecto bem mais aprofundado entre investigador e seu objeto e sujeitos de pesquisa. Nesse contexto, as técnicas de análise documental e rodas de conversas, foram-nos de grande valia, pois nos permitiram um direcionamento metodológico e de pesquisa conveniente e eficaz na coleta de dados e informações que precisávamos.

A análise documental ou pesquisa documental também foi uma das técnicas importantes da qual nos utilizamos no processo de desenvolvimento desse trabalho e para José Luís Neves (1996), em *Pesquisa Qualitativa, características, usos e possibilidades*, artigo escrito para o Caderno de Pesquisas em Administração da USP, faz um detalhamento sobre os processos característicos, sobre a utilização e das possibilidades de se pesquisar qualitativamente, afirma:

A pesquisa documental é constituída pelo exame de matérias que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser examinados com vistas a uma interpretação nova ou complementar. Pode oferecer base útil para outros tipos de estudos qualitativos e possibilita que a criatividade do pesquisador dirija a investigação por enfoques diferenciados. Esse tipo de pesquisa permite o estudo de pessoas a que não temos acesso físico. (distantes ou mortas). Além disso, os documentos são uma fonte não-reativa e especialmente propícia para o estudo de longos períodos de tempo (NEVES, 1996, p. 3).

O que o autor nos apresenta é a necessidade e a importância da pesquisa documental na pesquisa social e o seu caráter analítico que nos permite ir a longínquas temporalidades históricas, por meio da leitura e análise de documentos oficiais, cartas, bilhetes, livretos, obras literárias, enfim, por meio de diversos tipos de objetos que representam a cultura e a sociedade a ser estudada, o que apresentamos na terceira sessão desse trabalho.

Um mesmo documento na mão de diferentes pesquisadores pode representar diversos significados, dependendo apenas da criatividade e do objetivo que esse pesquisador possua com sua pesquisa, em nosso caso, as imagens históricas fornecem representações valiosas de cotidianos de décadas atrás da sociedade carolinense, maranhense e até mesmo brasileira, haja vista, a importância histórica dessa cidade no início do século XIX até a década de 70 do mesmo século.

O que a sociedade carolinense produzia culturalmente e suas representações também são representações daquilo que era o Maranhão e até mesmo o Brasil, escrito e retratado por personagens locais da arte, da literatura etc., fazemos menção de alguns na terceira sessão desse trabalho.

Para Neves (1996), os enfoques de pesquisa são primordiais no sentido de captação da informação que se procura. E o que procuramos nas análises dos documentos, livros e imagens históricas de Carolina/MA? Claro que suas memórias, sua História e trajetórias de vidas de indivíduos pertencentes a um tempo e a um espaço no passado de um lugar histórico e culturalmente reconhecido.

Na atualidade, essa cidade vivencia uma verdadeira transformação graças ao turismo crescente na região do Parque Nacional da Chapada das mesas¹¹, mas é cada vez mais crescente o interesse dos visitantes conhecerem, além das belezas naturais do lugar: cachoeiras, morros, florestas, rios e igarapés, *resorts* e balneários, também a história e a cultura local, tanto que Carolina é tida como um dos grandes

¹¹ Parque criado no ano de 2005, com finalidade de preservar uma grande área do cerrado carolinense, que compõe ainda as cidades de Riachão e Estreito.

polos turísticos do Estado do Maranhão e dos Norte e nordeste brasileiro; e desde o ano de 2015 possui um Museu que tem garantido esse processo de preservação, manutenção e divulgação da História e da Memória locais.

Retomando o pensamento de Neves (1996), o documento possui o caráter da não mutabilidade, da não reação frente ao pesquisador. O documento, seja ele de qual natureza for, é fonte pronta e acabada, mas que necessita ser interpretado. Ele permite conhecer personagens que já se foram, histórias já contadas, memórias já vividas, a representação do documento é que é ressignificada por meio de seu agente pesquisador. Buscamos então essas representações e ressignificações na análise de algumas obras literárias de autores locais carolinenses, em imagens atuais e históricas, no intuito de contar sobre as memórias e a história de Carolina.

O autor ainda aponta os caminhos da pesquisa qualitativa seguindo o pensamento de Godoy (1995). O que importa nesse estudo não é a forma como os acontecimentos e processos se desenrolam, mas sim, os sentidos e significados que eles trazem para aquela comunidade ou para os indivíduos dela (NEVES, 1996, p.3).

A Pesquisadora e professora do departamento de Educação da USP, Arilda Schmidt Godoy (1995), citada em Neves (1996), traz em artigos publicados na Revista de Administração dessa universidade, nas edições de março, abril, maio e junho, respectivamente, mais contribuições sobre a pesquisa qualitativa e seus diferentes enfoques e olhares.

Em seu artigo que trata de uma *Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades*, Godoy (1995) nos mostra uma introdução aos estudos de caráter qualitativo e suas nuances a partir daquilo que a História desse tipo de análise científica nos proporciona, desde o surgimento dessas pesquisas no campo da antropologia para seu enfoque nas ciências sociais e humanas especificamente na Educação.

Para a autora, do ponto de vista metodológico, e ao se referir à pesquisa qualitativa onde a melhor maneira para se captar a realidade é aquela que possibilita ao pesquisador colocar-se no papel do outro, algo que vise a compreensão ampla dos fenômenos que estão sendo estudados, considerando assim que todos os dados da realidade daquela comunidade são importantes e devem ser examinados (GODOY, 1995), e assim como ela expõe, o fazemos, na comunidade urbana onde já estamos inseridos com o tempo de nossa trajetória de vida e sendo parte da comunidade escolar desde que iniciamos nosso trabalho em escolas no ano de 2007, agindo

também como um participe desse processo, numa ação mais participante e de observação.

É claro que o trabalho de pesquisa científica, propriamente dito, veio a partir de nosso ingresso na graduação em Licenciatura Plena em História, na Universidade Federal do Tocantins (UFT), que agora se chama Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), na cidade de Araguaína, dos anos de 2009 a 2013, desde esse período já nos empenhamos em direcionar nossos esforços na busca por enaltecer a História Regional e Local.

Assim, a escolha de Carolina como objeto de pesquisa é expor também sobre a nossa própria trajetória de vida, daí o caráter mais ativo de participação no processo de construção dessa pesquisa. Nosso envolvimento histórico e cultural com esse local, com uma vivência e imersão desde o nascimento até a atualidade, tal qual o nosso próprio tempo de vida. Podendo afirmar que esse trabalho dissertativo, o processo de sua construção possui um tempo de duração muito maior do que o de duração do Próprio Mestrado que é apenas de dois anos, já nosso envolvimento e empenho na pesquisa sobre a história e a memória carolinense ultrapassa esse íterim.

Interessamo-nos desde então pelas temáticas sobre as trajetórias regionais, fossem elas dos grupos sociais, dos indivíduos, dos lugares em Carolina ou até mesmo a própria cidade e suas representações peculiares com suas 'insígnias reais de princesa', frase presente no hino da cidade, que ainda é cantado nas escolas públicas municipais enaltecendo seu valor e realeza, investigar e conhecer foi o que sempre pretendemos e o que ainda continuaremos a fazer.

Locais de memória considerados representativos da memória carolinense como a rua Grande, a catedral de São Pedro de Alcântara, as escolas, os nomes nas escolas do município, quem são as pessoas por detrás daqueles nomes, sempre foram curiosidades e acreditamos que estes tenham sido os primeiros passos de uma pesquisa que ainda levará uma vida, mas que nesse trabalho dissertativo já apresenta alguns dos seus resultados.

A princípio delimitamos a temática da pesquisa dissertativa em proposição de questionamento em: como as imagens de espaços públicos de Carolina poderiam contribuir para a prática do ensino de História e o resgate e preservação da identidade e da memória local? Segundo passo então foi buscar literatura pertinente e

consonante com essa temática escolhida, já expomos previamente e que estão presentes no corpo do texto dissertativo.

Das propostas inusitadas inovadoras dessa pesquisa científica, encontra-se a utilização da rede social *Instagram*, como ferramenta de pesquisa para coleta de dados e informações, e como produto do processo científico, tendo em vista que aproveitamos da proximidade dos educandos com esse veículo da internet para a construção e obtenção de resultados de nossa pesquisa.

Nesse perfil foram organizadas postagens com imagens da cidade de Carolina, descrevendo os contextos histórico, social e cultural representados nelas, sempre com algumas considerações sobre essas imagens, o que provocava *feedbacks* dos visitantes por meio de seus comentários nas postagens lá feitas.

Por meio da tecnologia disponível damos início a esta empreitada ainda nas aulas formais do Colégio Santa Cruz, pelo *Google Meet*, expondo nossa temática de pesquisa e já divulgando o perfil do *@imagens_quecontamhistoria*. Obviamente que após termos percorrido os caminhos burocráticos para que pudéssemos chegar até os estudantes diretamente, e com as limitações que nos foram impostas.

É necessário explicitar que o perfil do *Instagram* é uma ferramenta de pesquisa e interação extrassala de aula, quer dizer, fora dela, tanto dela presencial quanto virtual e sem estar diretamente ligado a conteúdo específico da disciplina História. Essa pesquisa está mais focada nas representações do lugar para os indivíduos, sujeitos da pesquisa, do que da importância simplesmente da compreensão de conteúdo.

Por isso, nesse processo de pesquisa foram incluídos, além dos estudantes, a comunidade em geral que resolveu seguir nosso perfil na rede social, pois acreditamos que o que a pandemia afastou a rede social aproximou. A rede social é aberta e permitiu uma abrangência singular. Essa modificação nos foi permitida como um processo de adaptação frente às dificuldades apresentadas durante o processo de pesquisa. Desses outros sujeitos pudemos também apreender novas percepções acerca dessas imagens, bem como de um trabalho com a História Local ainda mais significativo.

Esses indivíduos outros, são pessoas que de alguma forma sentem-se ligados ao local, eles foram pedindo para fazerem parte com o recurso do “seguir” o perfil na rede social e nós não negamos, muito pelo contrário, acreditamos que quanto mais seguidores e participantes no perfil tivermos maiores serão nossas apreensões de

dados para a efetivação desse trabalho dissertativo, é claro que para essa pesquisa limitamos uma quantidade de postagens e imagens que nos serão objetos de análise diretamente, mas o perfil continuará levando essas imagens e aceitando novos seguidores, não é algo que pretendamos finalizar com término desse processo de formação.

Esses outros participantes da pesquisa em parte são filhos da cidade de Carolina que hoje habitam noutras cidades pelo país afora e que carregam consigo uma saudade da sua terra natal, e essas saudades estão representadas nas falas desses sujeitos nas postagens do perfil e por outro lado são turistas que ali passaram e que levam consigo as memórias dos momentos de lazer, aventuras e aprendizado que obtiveram ao passarem por ali.

Um dos pontos mais relevantes que consideramos ao lidarmos com a pesquisa qualitativa em educação e no transcorrermos desse trabalho dissertativo, são os sujeitos que trazem consigo seus conhecimentos, suas bagagens intelectuais e que precisam a seu modo, tempo e lugar serem respeitadas, valorizadas, com uma preocupação mais voltada para os significados, para os simbolismos, para as razões e as representações desses mesmos sujeitos refletidos nas imagens, algo já discutido nas visões dos autores que abordam a análise qualitativa como importante nas ciências sociais e humanas, e também na Educação. Isso é o que realmente pretendemos atingir com essa dissertação: o ser, o homem, o sujeito.

E por fim, confeccionamos um dos produtos de nossa pesquisa, com as imagens disponíveis no perfil do *Instagram*, um Álbum de caráter pedagógico para uso dos professores, alunos e demais interessados na História do município de Carolina - MA, permitindo-nos a socialização também dos resultados dessa dissertação com a comunidade em geral.

Nosso Quadro Teórico está presente na segunda sessão dessa dissertação, alicerçando-se acerca de discussões a partir de categorias como a História, a Memória, a Memória Coletiva e a Identidade, compreendendo seus caminhos teóricos em pontos específicos como aos ligados primeiramente à imagem trabalhada no ensino da história, resgatando memórias a partir da visão de Erwin Panofsky (1976) e Eduardo Neiva Junior (1986). Ao discutir sobre a identidade e seus significados, optamos por adotar a visão de identidade cunhada por Stuart Hall (2006), em que esta é produzida a partir de suas experiências e vivências, das contribuições do outro para

si, e de si para os outros, definições a partir da compreensão do que seria a identidade nacional. Sobre o lugar, Pierre Nora (1984).

Já no segundo ponto de discussão onde transcorremos sobre a memória, buscamos os conhecimentos e conceitos de Michael Pollak (1989 e 1992) e Jacques Le Goff (2013). Para discorrer sobre o Ensino de História observamos os apontamentos de Carlos Augusto Lima Ferreira (1999). Sobre a História e suas representações, buscamos “beber da fonte” a partir do viés da Escola dos *Annales* de Lucien Febvre, Marc Bloch (2002) e Burke (1992), autores que concebem a História de uma forma mais humana e procuram a representatividade de uma história vista de baixo, contada e experimentada pelas periferias, pelas localidades e não pelo centro, não pelas pessoas ditas importantes, buscando sempre uma história singular.

Por fim, analisamos a categoria da Memória Coletiva, firmando-nos em Maurice Halbwachs (2003) e nos seus apontamentos e discussões sobre a construção da memória a partir de experiências grupais e coletivas. Consideramos também relevante os apontamentos de Paulo Freire (1996) com relação à busca pela autonomia dos educandos e que ao nosso ver, ao conceberam a História a partir da Imagem, que ao iniciarem essa viagem pela sua própria memória e história, reconstruam e ressignifiquem em si mesmos esses conceitos.

Na terceira sessão das discussões dessa dissertação discutimos sobre a História e a Memória carolinense: as narrativas de autores regionalistas. Versando a partir da visão de Alfredo Aquino Maranhão (1985 e 2009), Odozinda Luso Pires (1979), Ruy Carvalho (1978), Eloy Coelho Neto (1979), Adalberto Franklin e João Renô (2007), Rosa e Nilma Carvalho (2015), dentre outros escritores que versam sobre essa localidade e seus arredores na busca por conhecer melhor a trajetória da história dessa cidade desde os seus períodos de origem até a época da construção da BR Belém-Brasília.

Levantamos ainda reflexões sobre os lugares de memória na região tocantina seus significados e representações, observando lugares representativos do imaginário popular local como a própria cidade; as ruas e avenidas, as casas e casarões que fazem parte do conjunto arquitetônico urbano ainda preservado, principalmente os presentes na Avenida Getúlio Vargas, antiga “Rua Grande”, e o simbolismo da natureza ligada a uma Carolina mística através do Rio Tocantins, das águas das cachoeiras, rios e igarapés próximos à cidade, morros e chapadas, tão presentes no ecossistema e bioma cerrado do qual Carolina faz parte. Também

apresentamos um pouco da Cultura e da Educação no sertão do Maranhão, haja vista que, a partir das narrativas dos regionalistas, observamos a singular importância de Carolina como promotora de uma cultura erudita e de uma educação de qualidade.

Dentre as imagens mais simbólicas da cidade de Carolina está exatamente a rua Grande, atual avenida Getúlio Vargas, que ainda possui outros títulos como a “Rua das Mangueiras Seculares”, “Rua da Catedral” ou “Rua das Pousadas”, esse último é em virtude da quantidade de Pousadas e Hospedarias que há nessa localidade, pois está no centro de Carolina, e os turistas gostam de sair a pé dos hotéis para conhecerem a cidade andando. A seguir, imagens da rua Grande.

Imagem 1 - A Rua Grande I



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga, 2019.

Imagem 2 - A Rua Grande II



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga, 2019.

Versamos também sobre a figura do Padre Luso e sua representação religiosa e civil para a localidade, como disse Ruy Carvalho (1978) “um padre que era mais que

homem”, uma figura considerada por muitos como controversa, que agradou e desagradou, mas que tem contribuições significativas na política estadual, também sobre a presença dos frades franciscanos na formação da sociedade carolinense, a missão protestante batista e a criação da Primeira Igreja Batista de Carolina e a presença e influência da filosofia espírita no pensamento cultural carolinense.

É importante falar sobre a trajetória da cidade de um passado prodigioso a um presente de dificuldades, trabalhando as nuances sobre o apogeu e o declínio da cidade, tendo como ponto principal a construção da BR Belém-Brasília. Abordamos as belezas naturais e o progresso do turismo local atual como uma tentativa de recuperação ou de garantir o desenvolvimento econômico e social da cidade a partir de uma nova atividade econômica às vistas do ecoturismo, tendo como ponto importante a criação do Parque Nacional da Chapada das Mesas. E por fim, ainda nesta sessão, mostramos o trabalho do Museu Histórico de Carolina, e sua atuação no sentido de coletar, preservar e divulgar a história local que em muito contribuiu para a produção dessa dissertação, como um lugar de memória por excelência.

Na sessão quatro mostramos os resultados dessa pesquisa dissertativa e demonstrando como ela se desenvolveu e chegou aos seus resultados, desde a escolha das imagens do lugar, e todo o processo de problematização e dificuldades encontradas pelo caminho, principalmente nesse processo envolto na situação de pandemia que o mundo todo ainda vive. Versamos também sobre os sujeitos da pesquisa, suas falas nos comentários das imagens na rede social e os lugares de memória mostrados nas imagens da comunidade com olhar sobre as memórias e identidades construídas nesse processo, apresentando a partir das imagens postadas no perfil *@imagens_quecontamhistoria* no *Instagram* as apreensões dos sujeitos da pesquisa, seus significados e simbolismos.

Versamos também do percurso sobre as rodas de conversa realizadas diretamente com os 39 estudantes que compõem as duas turmas de ensino fundamental II, 8º e 9º ano, que demonstraram por meio de uma conversa, com cada turma, suas considerações a respeito dessas imagens. Essa pesquisa sempre avançou e chega às suas conclusões e contribuições com um objetivo bem simples, mas grandioso de lutar pela manutenção, preservação e divulgação da História, da Memória e da Identidade local.

Esperamos que o leitor tenha em mente que essa dissertação é fruto de um amor chamado Carolina/MA, assim como Gabriel García Marques (2019) escreveu

em Cem anos de Solidão¹², sobre os Buendía e sua pequena Macondo, obviamente, não nos fazemos em comparação com o referido escritor, pois não seríamos capazes disso ainda, apenas buscamos demonstrar o amor chamado Carolina que é místico e importante na região onde quis o acaso ou Deus, de pararmos, residirmos e vivermos. Por se tratar de uma pesquisa em Educação e com os dois pés na História, apontamos o ensino de História como algo singular e importante no sentido de envolver o aluno em sua própria realidade, em sua própria história, fazendo-o sujeito participativo e ativo nesse processo ao despertar suas lembranças, memórias e sentimentos.

Essa pesquisa dissertativa fomenta e enaltece o homem, o sertanejo, o meu avô, os vizinhos, os amigos, os conhecidos, tanta gente sem rosto e sem nome conhecidos. Ela mexe com todos aqueles sujeitos ainda não vistos pela História Oficial e ao mesmo tempo pede que toda a comunidade carolinense se envolva e ajude a lembrar, a rememorar, a dar significado e a ressignificar acontecimentos e trajetórias de vida inseridas na História dessa cidadezinha do interior do Estado do Maranhão.

¹² MÁRQUEZ, Gabriel García. Cem Anos de Solidão. Tradução de Eric Nepomuceno. Editora Record, edição especial; Rio de Janeiro, 2018.

2 A IDENTIDADE, A MEMÓRIA E A HISTÓRIA

Nesse capítulo discutiremos sobre os conceitos da Identidade, da Memória e da História, a partir da visão de importantes pesquisadores e escritores que se debruçaram sobre essas temáticas, com o intuito de enriquecer e demonstrar a importância de se pesquisar e voltar o nosso olhar para a História e a Memória Locais, essas categorias de estudo aqui apresentadas nos ajudarão a compreender melhor essa pesquisa e seus objetivos.

Transcorrer sobre a História, a Identidade e a Memória é procurar argumentar sobre os processos de constituição de si mesmo, de nossa identidade e nosso espaço de vivência, o que nos provoca o reconhecimento do pertencimento à sociedade e dos grupos sociais dos quais fazemos parte; família, igreja, escola, amigos etc. Nesse contexto, Stuart Hall, em *A identidade Cultural na pós-modernidade*, ao abordar a questão da construção das identidades no contexto das nações, escreve: “as culturas nacionais ao produzirem sentido sobre “nação” que estas não são compostas apenas por instituições culturais, mas também, por símbolos e representações” (1992, p. 53).

Esses símbolos e representações nos provocam com utilização de imagens representativas da memória e da História local. Trazendo-os para o contexto da sala de aula e do ambiente da rede social (*Instagram*), despertam nos sujeitos deste trabalho um interesse pela sua própria memória e História. Hall enfatiza,

As culturas nacionais ao produzirem sentido sobre a nação, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre nação, memórias que conectam seu presente com o seu passado e imagens que delas são construídas (1992, p.55).

O conceito de Cultura nacional, discutido por Hall, é aplicável ao nosso olhar, tendo em vista que esse processo de busca por memórias também é presente em âmbito regional e local. Esse trabalho dissertativo é justamente nesse intuito de conhecer a História do local por meio da utilização de imagens representativas dessa mesma História.

A História e representação local também formam identidades, e essas identidades representam os interesses dos grupos sociais aos quais fazemos parte e numa cidade pequena essas identidades e representações são bastante imponentes. Para Stuart Hall (2006), as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação (HALL,

2006, p.48), o que significa dizer que a formação da identidade do indivíduo é algo construído e forjado com o tempo e a cultura a qual ele está inserido, logo a identidade local, a exemplo da identidade nacional possui a mesma representação e singularidade, ambas são também produção cultural.

O ambiente educacional e escolar desenvolvido e forjado a partir de uma visão de pertencimento por parte dos alunos e de sua comunidade própria e particular, tornar-se-á um espaço formador das identidades, seja ela de uma localidade, de uma sociedade e até mesmo de identidades nacionais, como expõe Hall (2006). Sobre a memória Jacques Le Goff, em *História e Memória* (2016, p. 387), escreve:

a memória tem o poder de conservar certas informações que nos remete em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, e graças a elas o homem consegue atualizar impressões ou informações do passado, ou que representam o passado.

Segundo ele, a memória, tem o poder de preservar aquilo que desperta a necessidade do próprio homem em ser preservado como elemento constitutivo da própria, dela mesma, para num futuro ser evocado, resgatado e trazido à tona em releitura de um passado já estabelecido na História, mas, que precisa ser reconstruído com e pela memória.

Le Goff ainda expõe que “Os fenômenos da memória, sejam em aspectos biológicos ou psicológicos, não são mais do que resultados de seus sistemas dinâmicos de organização e apenas existem na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui” (2016, p. 388). Ou seja, a memória está em função das representações assumidas pelo grupo social que a fomenta, que a procura preservar, estando então a memória diretamente ligada à relação que os seres humanos desenvolvem vivendo em sociedade, sendo ela parte constitutiva dos estudos das ciências humanas e sociais.

É importante percebermos que as diferentes compreensões da memória, seja ela na visão de Hall, como processo de construção da identidade cultural de uma nação, seja na visão de Le Goff, como um fenômeno também presente nas ciências humanas e sociais, constitutivos do próprio processo de construção e reconstrução da História. Não é diferente para sua aplicação em estudos regionais, que visa aqui, resgatar a memória do local num processo de reconstrução da identidade outrora enaltecida pela população de Carolina e região.

A identidade que construímos para nós, ou que nos é atribuída pelos que nos observam pode talvez não ser a mesma para ambos, mas, algo nos faz reconhecermos pertencentes a uma comunidade ou a um grupo em específico. A memória é esse elemento unificador por afeto, desafeto, que aproxima ou distancia.

Maurice Halbwachs, em *A Memória Coletiva*, aponta que a memória coletiva é a própria representação da História Social, nela estão contidos elementos comuns aos membros dos grupos sociais, algo que evocado por qualquer um, ao estarem unidos essa memória virá à lembrança e trará de volta os sentimentos que evocou no passado.

Essa pesquisa busca, com o uso de imagens no viés da “contação” de História local, e como já explicitado anteriormente, que os indivíduos pertencentes a esse espaço regional que é a cidade de Carolina, conheçam sua História e os elementos que a constituem e que possam despertar suas memórias no sentido de representação simbólica que há em cada elemento destes para os indivíduos dessa regionalidade na formação de sua própria identidade.

Ao buscarmos novas formas de ensinar História estamos criando práticas, novas pedagogias. Utilizando novas abordagens tanto no ensino quanto na produção dela por meio das redes sociais, preferencialmente no *Instagram*. Foram desenvolvidas postagens (*feeds* e *stories*), com imagens da cidade de Carolina, descrevendo os contextos histórico, social e cultural que provocaram “Quiz” de aprendizagem com perguntas previamente direcionadas sobre essas imagens e suas representações locais.

Ao utilizarmos imagens tradicionais e históricas, representativas da memória, da cultura e da identidade local, salientamos o valor científico e educacional desta pesquisa em fazer-se produção do conhecimento seja ele de um lugar, de uma cidade, de uma região, de um estado, de um país e até mesmo da História humana. E concluímos com a construção de um Álbum de caráter pedagógico, com as imagens utilizadas durante o processo, para uso dos professores, alunos e demais interessados na História do município de Carolina/MA.

2.1 Caminhos da História, da memória, da imagem e do lugar

Para Marc Bloch em *Apologia da História*, a História já não seria mais entendida como uma "ciência do passado" uma vez que, segundo ele, "passado não é objeto de ciência", os homens o são, para Bloch "deve ela voltar-se de preferência para o indivíduo ou para a sociedade, para a descrição das crises momentâneas ou busca dos elementos mais duradouros" (BLOCH, 2002, p.51), a História volta-se para os seres humanos e suas trajetórias de vida ao longo do tempo e do espaço, ela volta-se também para os fatos ocorridos e que deram significado às épocas do passado humano. A História mantém seu olhar sobre homens e suas mudanças e continuidades.

Vale ressaltar, segundo Bloch, o caráter não totalizante do trabalho do historiador, sendo ele apenas um, para dar conta de toda uma trajetória de vivências históricas e por esse motivo e para que o trabalho do cientista da História seja mais bem desenvolvido, o profissional da História limita-se ao recorte temporal (2002, p.52).

Estudar o passado com foco no presente ou nas interpretações dos acontecimentos do presente por meio do estudo do passado. Ou seja, História não se trata de coisa do passado, mas sim, do presente que olha para o passado a partir de suas concepções e que o reflete segundo suas aspirações de futuro. Vale ressaltar, obviamente, que Bloch não nos propõe anacronismos, muito pelo contrário, propõe-nos olhar para o passado com o respeito que lhe é devido, com o cientificismo que ele merece ser visitado. E é enfático em dizer "o objeto da história é, por natureza, o homem" (2002, p. 54).

O porquê de se olhar para o passado com as concepções do presente e na busca de se vislumbrar um futuro para esse presente? Bloch responde a esse questionamento com uma simples frase "as origens são o começo que explica" (2002, p.57), no sentido de que, para tudo em nossas vidas, devemos sempre nos reportar às nossas origens, ao que nos constituiu até o momento presente, cada experiência vivida, cada acontecimento, faz parte de nós e de quem nós somos.

Peter Burke, em sua obra *A Escrita da História*, diz:

As novas formas incluem a micronarrativa, a narrativa de frente para trás e as histórias que se movimentam para frente e para trás, entre os mundos público e privado, ou apresentam os mesmos acontecimentos a partir de pontos de vista múltiplos (1992, p. 347).

O autor reflete pontos importantes no estudo da História a partir de uma nova abordagem que não mais metódica, mas dinâmica e voltada aos detalhes e minúcias

que podem ser apreendidos de diferentes formas e ângulos conforme as diversas visões dos pesquisadores que se propõem a trabalharem sobre uma mesma temática.

Escrever uma História sobre diversos pontos de vista diferentes com múltiplos olhares e focos, outro; partir do pressuposto de que não há como se narrar um fato histórico como ele aconteceu de fato, por tanto, a verdade histórica é bastante relativa, tendo em vista que a História trabalha temporalidades e por fim; buscar uma nova narrativa seja ela, densa, micro ou do mundo público ou privado, dando um novo sentido e movimento.

Ainda com Peter Burke (2010), na *Escola dos Annales, a Revolução Francesa da Historiografia*, sobre a nova ótica da História nas visões de Marc Bloch e Lucien Febvre, criadores da Revista dos *Annales*, expõe as novas abordagens da História, dialogando com outras ciências tornando-se ela também, interdisciplinar. Ciências como: a Geografia, a Literatura, a Sociologia, a Arte dentre tantas outras, podendo estar incluídas nos estudos da História, buscando em suas fontes construir um conhecimento múltiplo.

Estudar o passado ou remexer no passado, algo que queremos conhecer é despertar memórias. Sobre a memória, trazemos novamente o pensamento de Jacques Le Goff quando o autor escreve sobre;

Os gregos da época arcaica fizeram da memória uma deusa, Mnemosine, mãe das nove musas, engendradas no decurso de nove noites com Zeus. Lembra aos homens a recordação dos heróis e de seus altos feitos, preside a poesia lírica. O poeta é, pois, um homem possuído de pela memória, o aedo é um adivinho do passado, como o adivinho o é do futuro. É a testemunha inspirada dos tempos antigos, da idade heróica e, por isso, da idade das origens (2016, p.400 e 401).

O autor busca na antiguidade clássica a representação que possui a memória como uma “deusa”, responsável por guardar tempos honrosos e cheios de significado. A memória é, aquela que quando evocada aflora também a afetividade e o sentimento por sobre a lembrança elencada. A memória é uma “*Sophia*”¹³, uma sabedoria que transmitida ao poeta o revela até mesmo os mistérios do além (*Ibid.*). A memória é, desde a antiguidade aquela que preserva o passado de maneira silenciosa para no momento necessário fazê-lo ressurgir. E quando ressurge traz consigo os sentimentos e angústias daquele momento em que ficou eternizada, mas não fixa e estática.

¹³ Como o conceito grego da palavra para sabedoria, a memória é tratada como uma sabedoria extremamente necessária para a manutenção das lembranças e a construção da própria História Social.

Le Goff (2016) acredita que os instrumentos da memória são por vezes usados e reutilizados pela e com a missão de oferecer à memória coletiva das nações os monumentos de lembrança (2016, p. 424), na localidade de fulcro de pesquisa, há essa necessidade de reconhecer elementos da memória local como parte constitutiva também da identidade e da memória coletiva. A exemplo do que construímos nesse trabalho dissertativo, uma discussão científica que fomente: resgate, manutenção e produção de memórias, algo que provoque nos indivíduos o reconhecimento e a valorização de sua identidade.

Em busca de fomentar cada vez mais pesquisas de caráter regional e de valorização das histórias e memória locais, buscamos traçar essa pesquisa no intuito de responder a seguinte pergunta: Como as imagens de espaços públicos de Carolina podem contribuir para a prática do ensino de História e para o resgate e preservação da identidade e da memória local?

Sabemos que trabalhar com imagens requer cuidado, para Eduardo Neiva Júnior, em *A Imagem* (1986), ao trabalhar conceitos sobre imagem ligados à arte, expõe: “A imagem é basicamente uma síntese que oferece traços, cores e outros elementos visuais em simultaneidade” (1986, p. 5). Para o autor, dados os recursos presentes na imagem, após uma primeira olhada, é possível a quem a observa, explorá-la aos poucos, e aos poucos vai se construindo sua totalidade. A imagem é um importante recurso de transmissão de informação, de transmissão de uma realidade eternizada nela mesma, fixa e que não poderá ser modificada.

O autor continua: “a crença no poder da imagem deriva-se desta experiência: é verossímil que o todo valha mais do que as partes” (1986, p. 5), após o olhar inicial, é imprescindível a apreensão da totalidade da imagem que trará total simbolismo e significado ao olhar de quem a observa. A imagem é, portanto, um importante recurso informativo e transmissor de ideias a partir de sua totalidade. No entanto, o autor nos adverte que “a produção e a compreensão de uma imagem também acontecem segundo restrições temporais; a imagem tem sempre uma história” (1986, p. 6). A imagem provém de um contexto, de uma época, e traz consigo os significados daquela época.

Ao citar Panofsky, autor do qual também trataremos mais adiante, diz que “a imagem e a inscrição relacionam as três etapas do tempo com as faculdades psicológicas que definem a virtude da prudência” (1986, p. 7), ou seja, a “memória”, que lembra, segundo ele, e apreende do passado e a inteligência, que julga e age no

presente como processo de rememoração ou compreensão a partir da observação daquilo que é exposto na imagem.

Assim como diz Junior “não é de meu interesse recompor o quebra-cabeças histórico; interessa-me mostrar a ação do passado nas representações que apresentam sob nosso olhar” (1986, p. 9) também não é o nosso foco recompor esse quebra-cabeça histórico, mas sim, o olhar por sobre essas imagens que provém de um passado, para que seja eternizado em imagens que demonstram a trajetória histórica dessa localidade. Importa-nos as representações que essas imagens trazem aos sujeitos dessa pesquisa no processo de resgate de suas próprias memórias e, também, de sua identidade.

Neiva Junior afirma ainda que “a lógica da imagem exige que sua representação seja feita a partir de esquema que reformula a experiência” (1986, p. 13). Reformular memórias a partir de imagens é um desafio, mas um desafio que acreditamos necessário tendo em vista que trata-se de elencar a História dita esquecida de sertanejos e ribeirinhos do interior do Maranhão numa época em que, justamente essa cidade, Carolina, era a cidade mais importante do norte do país (Neto, 1979) com proporções e dimensões geográficas na qual, Carolina está inserida, dentro do que se entende como região tocantina, ou vale do Tocantins-Araguaia, exposto anteriormente na visão de Eloy Coelho Neto (1979).

O período em questão, de 1920 a 1965, é um momento em que o Brasil vivencia grandes transformações, a construção da nova capital federal é um exemplo, e até mesmo o desenvolvimento no cerrado brasiliense. Essas imagens promovem um resgate desse contexto histórico representativo do apogeu político, econômico, cultural e social que a cidade vivenciou naqueles anos e influenciam na memória e na identidade do povo dessa localidade. O resgate dessa História não é somente interessante no sentido de trazer à tona memórias locais perdidas no tempo, mas também, ajuda-nos a construir um novo conhecimento científico que aqui se faz necessário como parte de formação no ambiente acadêmico.

Erwin Panofsky, citado anteriormente por Neiva Junior, em seu texto *Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte na renascença* (1976), aborda conceitos sobre esses estudos ligados à imagem no período da renascença, a iconografia e a iconologia, e define: “Iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma” (1976, p.47), o autor afirma que a iconografia trata-se de uma parte dos estudos da História

da arte que se debruça sobre as representações e significados que as imagens trazem em contraposição com sua própria formação, enquanto obra de arte. Para Panofsky:

A Iconografia é, portanto, a descrição e classificação das imagens assim como a etnografia são a descrição e classificação das raças humanas; é um estudo imitado e, como que anciliar, que nos informa quando e onde temas específicos foram visualizados e por quais motivos específicos (1976, p.53).

A iconografia é por assim dizer, o estudo das imagens e de suas representações. Descritiva e analítica é de suma importância para quem deseja trabalhar com imagens na pesquisa científica. Tanto que pelo próprio estudo do autor ao lidar com as imagens provenientes da renascença ele diz “ao fazer este trabalho, a iconografia é de auxílio incalculável para o estabelecimento de datas, origens e, às vezes, autenticidade: e fornece as bases necessárias para quaisquer intercepções ulteriores” (*ibidem*), ou seja, a análise iconográfica é imprescindível também na feitura desta dissertação aliado ao conceito de iconologia, também, contemplado em Panofsky, segundo ele:

Iconologia, portanto, é o método de interpretação que advém da síntese mais que da análise. E assim como a exata identificação dos motivos, é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também, a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica (1976, p.54).

O autor afirma que iconologia é um método interpretativo que provém de uma síntese da análise a partir da iconografia, como requisito básico interpretativo das imagens e de todo o seu contexto histórico e cultural produtor dela mesma. Isso em se tratando de estudos iconográficos que tratem imagens ou obras de arte que possuam um sentido alegórico e representativo da realidade. Entendemos que compreender concepções e conceitos a respeito da imagem na visão de Neiva Júnior e dos estudos fundamentais de Erwin Panofsky, são de extrema importância na construção e compreensão dessa dissertação, dadas as particularidades e os recursos locais, é claro.

Em se tratando da localidade e do objeto de pesquisa em si, desenvolveu-se junto ao Colégio Santa Cruz, Unidade Carolina, instituição de educação básica pertencente à Congregação dos Padres Orionitas com sede em Araguaína/TO, com as turmas do 8º e 9º ano. Como sujeitos desse processo estão, obviamente, os estudantes e claro, também, os agentes educativos presentes no contexto da instituição.

Essa instituição de ensino é bastante representativa da memória e da identidade interiorana dessa região, um lugar de memória que se propaga por toda uma região que previamente nominamos região tocantina e muitos outros são os espaços públicos: praças, escolas, prédios públicos e particulares, monumentos religiosos e esculturas de personagens da literatura e intelectualidade local que fazem dessa localidade objeto dessa pesquisa.

Pierre Nora (1984), historiador francês que se debruça também sobre as temáticas da memória e da identidade, em seu texto *Entre a Memória e a História a problemática dos lugares*, descreve a complexidade que são a História e a Memória e a necessidade de compreendê-las como dimensões opostas, mas interligadas pelo indivíduo humano. Para o cientista social, a memória possui seus lugares que reconduzem os indivíduos à lembrança de tempos que, por vezes, possa ter ficado esquecida; segundo ele, os lugares de memória pertencem a dois domínios “simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência, e ao mesmo tempo, sobressaído da mais abstrata elaboração” (NORA, 1984, p. 21).

Lugares esses que trazem em si a completude do simbolismo, da materialidade e do funcionamento enquanto promotor da memória individual ou grupal. E esses três aspectos para o lugar de memória coexistirão sempre. Para o historiador o que os prospectam assim são: a própria memória e a História. O que os constitui é um jogo da memória e da História, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobredeterminação recíproca.

Inicialmente é preciso ter vontade de memória (*Ibidem*, p. 22) e sem essa vontade os lugares de memória poderiam vir a se tornar apenas lugares de História. Nesse contexto, lugares de memória representam aquilo que provoca o pertencimento e a proximidade, que despertam os mais intensos sentimentos dos indivíduos envolvidos a ele. Lugares de memória provocam memória, quando a memória é também provocada, quista e almejada. Para o autor:

Em contrapartida é claro que, em caso de a história, o tempo, e a mudança não intervissem, seria necessário contentar apenas com o histórico dos memoriais. Lugares, portanto, mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade: numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel (NORA, 1984, p. 22).

Os lugares de memória estão repletos do que os seres humanos experimentam em suas vidas, são representativos da vida, da trajetória e da presença no seu tempo e espaço, e principalmente nas suas diferentes representatividades historicamente fundamentadas. Em Carolina, assim como em tantos outros lugares por onde passam os seres humanos e deixam suas marcas, esses lugares de memória também foram modificados com o tempo. São Casas e casarões, ruas e avenidas, praças, prédios públicos e tantos outros ambientes que nos trazem à memória uma visita ao passado, ao observar esses espaços.

Segundo Nora, o lugar de memória também é mutável, não estático, ele está sempre em movimento. Está vivo, pois eles vivem por sua aptidão para a metamorfose e significados diversos e ramificados. Carolina, no contexto do sul maranhense, norte tocantinense, nessa região que compreendemos tocantina, possui sua representatividade e simbolismo como lugar de memórias, e ainda, no interior de seu sítio urbano, como citamos anteriormente, apresenta tantos outros lugares que contemplam a visão apresentada por Pierre Nora (1984).

Joel Candau (2019), em *Memória e Identidade*, discute à luz do pensamento de Pierre Nora e Halbwachs, sobre esses dois grandes conceitos expostos no título de sua obra e sobre o lugar de memória, que segundo ele:

A memória e a identidade se concentram em lugares privilegiados, quase sempre com um nome, e que constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo. A razão fundamental de ser de um lugar de memória, observa Pierre Nora, “é de deter o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, immortalizar a morte”. (...) um lugar de memória é um lugar onde a memória trabalha, o que nos mostrou Halbwachs desde 1941 em relação aos santos lugares. De acordo com a sugestão de Wellem Frijhoff, um lugar de memória pode ser chamado de “baliza da memória” ou até mesmo de “baliza identitária” (CANDAU, 2019, p.156 e 157).

O autor é enfático em dizer que o lugar de memória é também constituidor da identidade, um monumento, tornado patrimônio, legítimo e sacralizado pelas pessoas, no tempo e no espaço. Ao relembrar o pensamento de outros grandes historiadores e escritores que versam sobre o conceito de memória, elenca o caráter significativo da memória para cada indivíduo ou grupo social que a evoca, até mesmo pela posição privilegiada onde estão a memória e a identidade, como categorias significativas e representativas daquilo que o próprio ser humano caracteriza como tal. Nossas memórias e nossas identidades estão diretamente relacionadas a nossas experiências e vivências cotidianas.

Os lugares de memória provocam e movimentam uma atividade mental no ato de lembrar, de trazer à tona sentimentos em embate com o esquecimento. Recordar-nos-emos sempre das memórias afetivas, queridas, boas e felizes, dos lugares onde estávamos quando passamos por essas experiências em nossas vidas, até mesmo as experiências ditas ruins podem ser evocadas quando do contato do indivíduo com esses lugares. Ocorre ainda, o reforço na construção da identidade, na construção daquilo que o próprio indivíduo quer manter como memória em si mesmo. Candau (2019), ainda complementa falando, expondo que a cidade, e as paisagens da cidade são também lugares de memória por excelência, diz ele:

Existem regiões-memória (Vendéia, Alsácia, Cevenol) ou cidades-memória (Jerusalém, Roma etc.), e mais bairros onde se afirmam com força as identidades regionais ou locais. Simon Schama mostrou o quanto as paisagens podem contribuir para afirmação de memórias compartilhadas e igualmente influenciar o sentimento de identidade nacional (*Ibidem*).

O autor especifica as representações que possuem não apenas o lugar de memória, mas também, as regiões de memória, as cidades de memória, destacando inclusive, lugares com bastantes significados para a História geral, desde a antiguidade ao horror da memória trazida pela guerra. Como dissemos anteriormente, sentimentos ruins também são despertados com a atividade de evocação da memória, exemplos disso são: o Holocausto Judeu durante a Segunda Grande Guerra e o mais recente 11 de setembro de 2001, quando ocorreu um atentado terrorista que destruiu o maior símbolo do capital moderno do mundo, as Torres Gêmeas, em Nova York, nos Estados Unidos da América (EUA), e que marcou não só a História de quem estava no local, mas de todo o mundo globalizado e tecnologicamente ligado pela televisão e pela internet. O horror desses eventos ainda está presente nas memórias de quem os viveu ou conhece, e não somente desse, já que se trata de eventos historicamente reconhecidos, objetos de estudos das ciências humanas ao redor do globo.

Observamos com a fala de Candau (2019), que essas paisagens que se modificam, que se transformam com o tempo, nem elas são capazes de extrair da memória os sentimentos que elas podem despertar no indivíduo que as evocam em dado momento de sua vida, isso é inerente à vontade de esquecimento daquilo que talvez não se queira relembrar. Nesse contexto, a região tocantina, a cidade de Carolina/MA e seus espaços de vivências, e na atualidade suas belezas naturais, são exímios e genuínos lugares de memória.

O escritor corrobora com nosso entendimento a partir da compreensão de outros grandes autores que trabalham com essa temática da memória e dos lugares representativos dela, ressaltando assim, o caráter compartilhador dessas memórias, que inclusive formam não apenas a identidade local ou regional, mas a própria Identidade Nacional (HALL, 2006).

2.2 O ensino de História e a memória

O Ensino da História enquanto disciplina escolar tem se tornado um desafio cada vez maior na nossa sociedade. É grande a oferta de informações e o acesso a elas é bem rápido, na palma da mão com a utilização dos celulares. A tecnologia tomou um espaço privilegiado na vida das pessoas que, a atividade demorada do ato de estudar na pretensão de aprender ainda mais lendo e escrevendo, como é o caso da História, tornaram-se obsoletos frente a elas. Para muitos jovens na atualidade a História parece mais algo “frio e sem cor, desinteressante”.

O desafio da sala de aula com a História busca, na atualidade nossas estratégias de ensino e práticas educativas que tornem o Ensino e o Aprendizado da História, ainda mais prazerosos, colorido, “quente” e para o interesse de todos. E principalmente, para que alcance seu objetivo de formação de seres humanos críticos em nosso país.

Nesse contexto, Circe Maria Bittencourt (2009), em sua obra *Ensino de História Fundamentos e Métodos*, faz uma discussão densa sobre questões ligadas à prática do ensino da História na educação brasileira, passando por temas como a própria disciplina História, o ensino e a aprendizagem, os conteúdos e as propostas curriculares. A autora ainda discorre sobre a Didática na História e sobre os documentos que fazem parte da História construída pelos profissionais dessa área do conhecimento.

Como resultado de longo tempo de pesquisas com professores do Brasil e do mundo. Circe Bittencourt é uma autoridade em se tratando de ensinar a disciplina História. Em meio à discussão provocada pela autora voltamos nossas atenções para o que ela diz na segunda parte de sua obra, ao abordar sobre métodos e conteúdos escolares e a importante e necessária relação entre esses dois conceitos que na prática pedagógica são inseparáveis.

[...] a história regional passou a ser valorizada em virtude da possibilidade de fornecimento de explicações na configuração, transformação e representação social do espaço nacional, uma vez que a historiografia nacional ressalta as semelhanças, enquanto a regional trata das diferenças e da multiplicidade (BITTENCOURT, 2009, p. 161).

É interessante pensar de acordo com o pensamento de Bittencourt, que a identidade nacional, se é que temos uma só, coisa que nem a autora afirma, obviamente, é constituída pela História do Brasil por elementos que unidade à nação e em contraposição, a elevação das Histórias Regionais de um Brasil tão diverso e heterogêneo possam desconstruir esse discurso da História geral brasileira.

Para a autora, a História do Brasil deve ser contada não a partir das generalizações, mas sim, da diversidade do povo e suas particularidades regionais, ela ressalta que “a história regional proporciona, na dimensão do estudo do singular, um aprofundamento do conhecimento sobre a história nacional, ao estabelecer relações entre a situação histórica diversa que constitui a nação” (*Ibidem*); é na diversidade da história brasileira que está o elemento que unifica esse mesmo conhecimento.

O caráter regional da História é valorizado e colocado como importante elemento de composição do ensino da disciplina história em sala de aula, no entanto, devemos tomar bastante cuidado com esses elementos, pois, eles não devem ser utilizados como generalizantes de uma História que se quer diversa, quer dizer, devemos tomar cuidado para não nos utilizarmos da História regional para determinar o que é o Brasil, a exemplo disso, segundo Bittencourt (2009), é o estudo agroexportador da região sudeste do país, com a ideia do Brasil cafeeiro e isso é o que nós trabalhamos no conteúdo da disciplina História em sala de aula.

Como trazer essa realidade para uma sala de aula no interior do Maranhão onde o café se compra no supermercado, e falar em tradição cafeeicultora parece-nos tão distante? Respondo. Podemos discutir sobre quais culturas agrícolas eram desenvolvidas nessa região, quando da época que o país ainda era considerado um grande exportador do grão. Como estava estabelecida a sociedade local no período em questão. Tentar trazer a temática sempre para o contexto e o cotidiano do aluno para que ele se sinta parte daquela História contada, para que ele desperte o interesse e a curiosidade por ela e assim sinta-se estimulado a aprender.

Trabalhar a História Regional no ensino da disciplina História, segundo a autora, tem sido uma tradição no país: “no caso do ensino, sua característica básica

tem sido a de produzir uma História de caráter nacional, embora, em seu percurso nas escolas, não tenha deixado de lado o estudo do local, das histórias das cidades, Estados e regionais” (BITTENCOURT, 2009, p.162), e é por meio dessa construção das histórias das regiões que a História que conhecemos nos foi ensinada, a autora complementa:

O estudo da história da Província (depois Estado da Federação) do aluno, como História do Paraná, do Rio Grande do Norte ou do Rio Grande do Sul, faz parte de uma tradição escolar brasileira [...] a identidade resultante desse sentimento de pertença à terra natal, à província (depois Estado) ou região antecipou a constituição de uma identidade nacional e justificava (ou justifica) plenamente a inserção das histórias dos Estados e regiões como conteúdo histórico escolar (BITTENCOURT, 2009, p.161).

Portanto, a História Regional como elemento que compõe os conteúdos ensinados pela disciplina História em sala de aula já é uma realidade educacional no nosso país, cabe a nós saber trabalhá-la de modo a não negligenciar os sujeitos e suas temporalidades. São esses sujeitos do passado que através da História visitam o presente e os sujeitos da História atual, por meio dela visitam o passado e nesse processo estão inseridos inclusive na construção e constituição das identidades desses indivíduos atuais, em formação.

É por meio de suas histórias de vida, de suas realidades em contato com as realidades outras, do passado, que se formam suas identidades pessoais e profissionais. “É por meio da contextualização de suas vivências em sociedade que se processam a história individual e a história coletiva” (*Ibidem*, p 165), compondo assim um indivíduo pleno de suas faculdades e atribuições intelectuais e culturais.

Hoje em dia é comum observar a tecnologia inserida a esse processo formativo dos nossos alunos, a tecnologia está presente nos seus cotidianos. O celular, o computador, o *tablet*, são elementos que fazem parte das realidades de grande parte dos estudantes brasileiros. É raro observar um jovem estudante, seja do ensino público seja do privado, que não possua um telefone celular em mãos, ou seja, a tecnologia e a ferramenta estão à disposição.

Obviamente que não devemos tomar essa posição como totalidade tendo em vista as diferenças econômicas e intelectuais de cada um, o que expomos é um consenso da maioria. Em *Ensino de História e a incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação: uma reflexão* (1999), Carlos Augusto Lima Ferreira, escreve:

Como a nossa sociedade sofre em ritmo intenso de modificações, a escola e o ensino de história em especial, tem que acompanhar esse processo sob pena de transmitir conhecimentos já ultrapassados. Por isso devem incorporar os temas e as inovações tecnológicas com que os alunos já lidam no seu cotidiano (FERREIRA, 1999, p. 144).

O autor destaca a importância em saber lidar e trabalhar com as novas tecnologias dentro da sala de aula, estando o professor em consonância com as inovações tecnológicas, é interessante que o autor escreva isso em 1999, num tempo em que a internet e o celular ainda não eram tão presentes nas vidas das pessoas, nada popular, ainda mais na vida de estudantes da educação básica; já na atualidade, dificilmente se vê alguém que não esteja diretamente ligado ao mundo virtual.

Sabemos sobre as polêmicas em torno dessa temática nas escolas pelo país afora, mas, não é essa a discussão que fomentamos. Pretendemos apenas explorar as ferramentas e tecnologias que os alunos possuem acesso e de uso frequente num trabalho de divulgação das imagens como nova forma de se estudar História, num processo de reconstrução da memória e da identidade deles próprios. A perspectiva de Ferreira sobre o ensino é:

deveríamos produzir um ensino que procure desenvolver a produção do conhecimento vinculando o ensino e a pesquisa, oportunizando aos sujeitos do processo uma postura que leve sempre ao questionamento, à coleta de dados bem como à permanente reflexão (FERREIRA, 1999, p. 145).

O autor coloca que é importante que possamos possibilitar aos nossos estudantes um ensino em que ele seja sujeito participante e produtor de conhecimento, em que ele mesmo refaça suas concepções e a partir daí esteja em constante reflexão sobre seu papel na sociedade e na construção de si mesmo. Despertar nos alunos, objetos dessa pesquisa, o interesse pela criticidade de seu próprio espaço de vivência seria o ponto chave na proposta desse trabalho; representatividade, identidade e memória são conceitos a serem descobertos por eles durante esse processo e em grande parte com o auxílio das imagens e dos direcionamentos que pretendemos estabelecer.

Vale ressaltar a importância da tecnologia na realidade atual de uma pandemia mundial, onde as escolas estão fechadas e a educação teve que ser reinventada a partir de um modelo que depende exclusivamente da tecnologia e da internet para se fazerem presentes na vida dos alunos. Da noite para o dia as instituições de ensino por todo o país, e no mundo todo, sejam elas de educação básica sejam das

universidades, tiveram que adotar medidas de ensino que primassem pelas vidas e não pelo conteúdo, e todos começaram a trabalhar, estudar e viver pela câmera do computador ou do celular. A nova realidade trouxe novas formas de experimentar a vida, novos parâmetros familiares, novas formas de construir memórias e a própria História.

Para Michael Pollak, em *Memória e Identidade Social*, onde o autor escreve sobre a importância do “lugar como construtor de memória” (1992, p. 3), de significado, uma “ligação estreita entre a memória e o sentimento” (1992, p. 4), podemos encontrar amparo para esse recorte espacial neste trabalho, o lugar de memória está impregnado de sentimento. Essa ligação entre os espaços públicos da cidade e o sentimento dos cidadãos locais é parte constitutiva de suas identidades, não há como se dissociar cada sujeito dos lugares, objetos, casas, prédios, dentre outros que venham a fazer parte do acervo do patrimônio histórico e cultural de Carolina, a exemplo da representatividade hoje reunida junto ao Museu Histórico desse município, que conseguiu, de certa forma organizar um traçado memorial importante para o que buscamos aqui descrever.

Esses espaços são a representação da memória de todos que ali vivem e de tantos outros que hoje também estão nas memórias dos vivos. Trata-se de uma cidade com muitos velhos, a “cidade dos aposentados”, como corriqueiramente se ouve falar entre os munícipes. Que apresenta uma atmosfera de um lugar grandioso e essa grandiosidade provém do passado, de uma época em que Carolina era o grande polo cultural e comercial, coisa que a História local e regional nos apresenta ricamente, e alguns autores memorialistas que apresentaremos nesse trabalho também podem confirmar.

Os espaços públicos são de grande valia na formação do caráter cultural e social do cidadão carolinense, principalmente junto à Praça Alípio de Carvalho, ou, “praça da prefeitura”, “praça do Lanche”, lugar onde se finaliza ainda a Avenida Elias Barros, um outro importante marco histórico e cultural dessa localidade. Eternizada como a Rua das Mangueiras Seculares ou, simplesmente, Rua Grande. De onde se originou a cidade, a Catedral de São Pedro de Alcântara, a Praça São Pedro, na primeira rua de Carolina, a rua Imperatriz. Essa pequena descrição de alguns espaços municipais, são genuinamente transmissores da História, da cultura e da memória local, pois demonstra, nas falas de alguns autores e memorialistas locais o sentimento de pertencimento e enaltecimento de sua própria vivência para com o lugar.

Lugares por onde muitos agentes históricos, personalidades e desconhecidos, passaram, passam e constroem suas histórias em particular, formando sua identidade de cidadão pertencente ao local. Espaços culturais tradicionais da cidade contribuintes na “contação” da História de Carolina, e de sua memória, conforme as visões de alguns autores já aqui apresentados. Lugares esses que não apenas são constituidores da memória local como também da identidade social regional.

O que nos propomos a criar e a trazer como inovação foi a apresentação desses espaços em imagens, divulgados no *Instagram*, o que torna, a nosso ver, e com a observação dos estudantes, o ensino de História algo mais interessante e desafiador para aquele que tenha a curiosidade em buscar ainda mais reconhecer-se parte no processo educativo e de construção pessoal de cada um. Sabemos da imensa importância da História local e regional para a comunidade escolar e para a comunidade em geral. O Colégio Santa Cruz é um espaço formador e transmissor da História e da memória local em conjunto com o acervo a céu aberto que o rodeia.

2.3 Os registros da memória coletiva: Maurice Halbwachs

Maurice Halbwachs, em sua obra *A Memória Coletiva*, faz uma discussão densa e sistemática sobre o processo de constituição e ação da memória coletiva, sendo que para que um indivíduo se recorde de algo é necessário que evoque junto de suas lembranças as lembranças de todos aqueles que já estiveram com ele até aquele momento, como se trouxesse consigo as memórias dos muitos que já estiveram juntos a ele, “não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós, certa quantidade de pessoas que não se confundem” (2003, p. 30). Carregamos conosco memórias não apenas nossa, mas, de todo um coletivo do qual fazemos parte e do qual a memória é elemento unificador.

Ao trabalharmos com a memória local, percebemos essa importância que o autor expõe sobre a memória coletiva compreendida como a memória de um todo, memórias de um grupo por exemplo, Halbwachs expõe:

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que tiveram mais frequentemente em contato com ele. As relacionadas a um número pequeno e às vezes a um único de seus membros,

embora estejam compreendidas em sua memória (já que, pelo menos em parte, ocorrem em seus limites), passam para o segundo plano (2003, p. 51).

Para o autor a memória coletiva é aquela partilhada por maioria dos membros de um grupo e, é por meio dessa maioria que se consegue fazê-la coletiva. São as lembranças elencadas pela maioria que vão determinar as memórias do grupo. No que diz respeito à minoria, essas memórias são deixadas em segundo plano tendo em vista sua pouca representatividade para o grupo. Não são esquecidas ou abandonadas, são silenciadas em detrimento do que a maioria escolheu como importante relembrar.

Vale salientar que, ao se buscar desenvolver essa pesquisa no domínio da História, mas no campo da educação, devemos sempre relembrar o caráter pedagógico que se gera por meio dela e no tocante à Educação, ressaltamos a importância dos escritos de Paulo Freire que em *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para a prática educativa*, traça um caminho na educação por meio da pedagogia, a importância de profissionais interessados e engajados em transformar as realidades sociais por onde se fazem presentes, segundo ele, só é escola cidadã na medida em que, optando pelo exercício da cidadania, briga para constituir-se num espaço/tempo formador de cidadania, porque, segundo o estudioso da educação “não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutro, minha prática exige de mim uma definição” (FREIRE, 1996, p.39). Quer dizer um posicionamento político para o lado do reconhecimento das necessidades do outro e da luta de classes travada em nossa sociedade, estado, professor ou escola, do lado daqueles que precisam dela em seu processo de desenvolvimento social e humano, os estudantes.

A escola é da comunidade e a comunidade da escola, ambas ligadas, inseparáveis, caminhando juntas rumo ao avanço dos que delas dependem ou fazem parte direta ou indiretamente, construindo suas identidades e produzindo suas memórias. Qual seria então o papel da escola se não o de formar um cidadão autônomo, pronto para a vida fora do ambiente escolar? Esse questionamento a partir da reflexão sobre o que Freire expõe, é interessante porque nos faz buscar compreender melhor sobre a nossa responsabilidade enquanto professores e formadores de outras pessoas, ainda mais, em se tratando da História e no ensino dela, sendo a História comumente conhecida por sua criticidade e caráter reflexivo

sobre as vivências do passado inseridas num tempo e espaço estabelecidos, mas que trazem à nossa realidade aquele que não se deveria jamais repetir como ação social.

Também em se tratando da Memória, Michael Pollak, em *Memória, esquecimento e silêncio*, transcreve que a memória é assim guardada e solidificada nas pedras: “as pirâmides, os vestígios arqueológicos, as catedrais da Idade Média, os grandes teatros, as óperas da época burguesa do século XIX e, atualmente, os edifícios dos grandes bancos” (POLLAK, 1989, p. 8).

Lugares de memória, lugares de memória local, são elementos formadores das identidades e da própria História, como expusemos conforme a visão de Nora (1984). Assim como em Le Goff (2016), quando descreve sobre documento e monumento, Pollak coloca que os monumentos são elementos que trazem memória, imagens desses documentos trazem memória, monumentos também aspiram as memórias.

Quando se viaja para conhecer uma cidade diferente, não falta na mão do visitante uma máquina fotográfica ou um celular de última geração para fazer os registros fotográficos da viagem, isso é incontestável atualmente. Como se precisasse registrar a todo instante, eternizando todo o contexto apreendido, no momento da tiragem dessas imagens. Em Carolina não é diferente, ora, na atualidade a cidade vive uma ascensão no ramo do turismo de aventuras e ecológico, que a torna ponto de visitação de gente de diversos lugares do Estado, do Brasil e até mesmo do mundo.

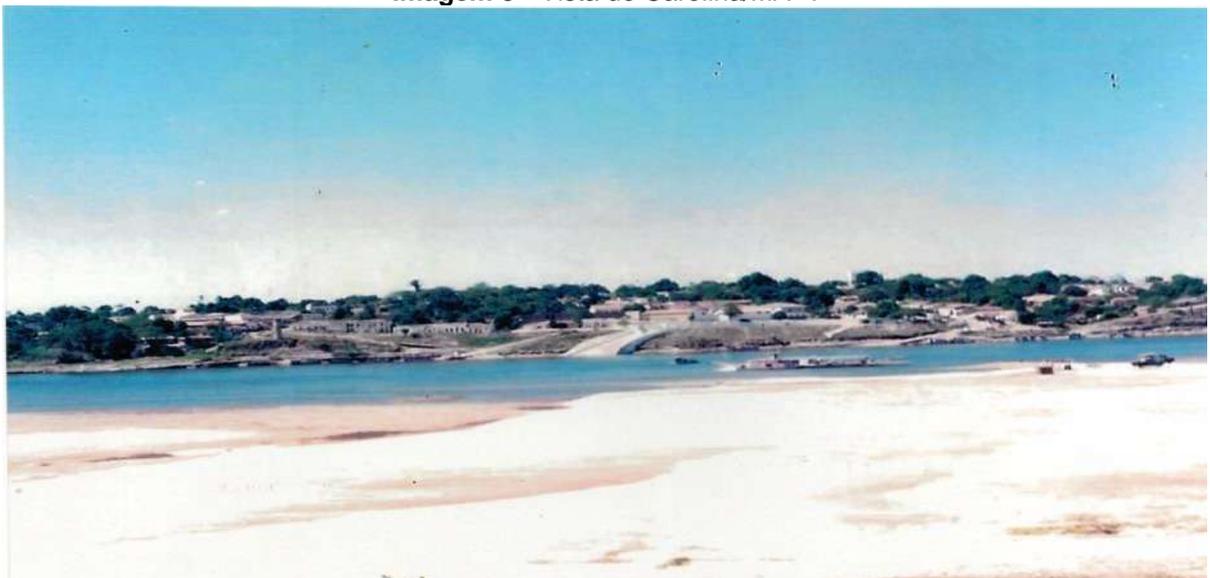
Na sessão 3 desse trabalho dissertativo demonstraremos os resultados das memórias regionais encontradas a partir da análise de algumas das obras regionalistas significativas para a sociedade Carolinense, obviamente que esses textos não estarão em sua totalidade e nem essa pesquisa sequer totalizante. Bem como trazemos os resultados da pesquisa com imagens no Perfil do *Instagram*, *@imagens_quecontamhistoria*.

3 AS NARRATIVAS DE AUTORES REGIONALISTAS E AS IMAGENS QUE CONTAM HISTÓRIA

Nesse capítulo apresentaremos os resultados das análises documentais que fizemos, principalmente com relação aos escritos dos autores locais sobre a História e suas memórias carolinenses, mostrando ainda a importância do Museu Histórico de Carolina, como espaço privilegiado de preservação e divulgação da memória local, bem como da projeção dessa localidade, por meio da criação do Parque Nacional Chapada das Mesas, como um grande polo turístico do sul do Estado do Maranhão. Mostramos ainda os resultados de nossas pesquisas com relação ao perfil do Instagram *@imagens_quecontamhistoria*.

Nada melhor do que começar uma História pelo começo, então, por meio da análise de algumas das obras importantes da História e da memória carolinense para narrar essas histórias, dos autores locais que escreveram e escrevem sobre a História dessa cidadezinha do interior do Maranhão, e de seus diferentes momentos nesse contexto. De já deixamos claro que não nos propomos lidar com toda a História dessa cidade, mas sim, de uma parte que nos interessa falar e aqui expor, tecendo uma colcha de retalhos chamada História e trajetória de vidas. Assim, na primeira imagem a visão da cidade que tanto marca seus visitantes:

Imagem 3 - Vista de Carolina/MA¹⁴.



Fonte: Acervo iconográfico do Museu Histórico de Carolina, imagem do início dos anos 1990.

¹⁴ Imagem retratada ainda nos anos 1990, quando a formação das praias de Filadélfia/TO, mostrando Rio Tocantins e a vista de Carolina com o Estaleiro da PIPES, o Cais do PORTO e o Porto da Balsa.

Para discutirmos melhor essa temática analisamos autores como Alfredo Aquino Maranhão (1985, 1986, 1991 e 2009), Odozinda Luso Pires (1979), Ruy Carvalho 1978, Eloy Coelho Neto (1979), Adalberto Franklin e João Renô F. de Carvalho (2007), dentre outros autores e memorialistas locais que dedicaram suas vidas na promoção do conhecimento e deixaram um legado literário a ser sempre lembrado e rememorado por todos aqueles que buscam ainda mais conhecer sobre as memórias e História da região sul do Maranhão.

Alfredo Aquino Maranhão foi um cidadão carolinense nascido e criado nessas paragens, como ele sempre gostava de ser lembrado e deixou escrito que assim gostaria de ser lembrado pela História, um grande defensor de Carolina, cidade em que acreditou e lutou pelo desenvolvimento e progresso. Em Carolina participou ativamente da vida social da cidade, trabalhou em quase todos os postos de trabalho que a sociedade podia oferecer e pode também registrar em livros suas experiências como homem do seu tempo e seu olhar por sobre a História do lugar que viu passar por grandes transformações sociais, políticas e culturais.

Em *O Barra Limpa* (1985), livro de autoria do escritor regional, Alfredo Aquino Maranhão, na última página da obra, traça um breve histórico da cidade de Carolina, que segundo ele:

O Arraial de Alcântara que teve o começo de sua fundação em 1810, pelo piauiense Elias Ferreira Barros, auxiliado pelo goiano Francisco José Pinto de Magalhães. Elias Ferreira Barros construiu um batelão (barco) e desceu o rio Tocantins, afim de ir a Belém do Pará fazer um sortimento das mercadorias necessárias ao comércio do então povoado. Na mesma época, o maranhense Antônio Moreira da Silva fundou o povoado das Três Barras, na margem esquerda do Rio Tocantins. Não tivera, porém, este arraial o mesmo desenvolvimento que lograria o de São Pedro de Alcântara, fundado por Elias Barros, porque os habitantes em sua maioria eram índios (MARANHÃO, 1979).

O autor local preocupa-se em demonstrar ao leitor um resumo daquilo que foi a História de criação, emancipação e desenvolvimento da cidade de Carolina. Essas informações também estão presentes, de forma mais densa no livro de Adalberto Franklin e João Renô F. de Carvalho (2007), em que os dois autores e pesquisadores da região de Pastos Bons, narram as viagens do desbravador e demarcador territorial real Francisco de Paula Ribeiro, traçando assim uma base geográfica e humana do Sul do Estado do Maranhão em sua obra. Mas nesse momento cabe-nos ainda analisar a fala de Maranhão (1979) que continua sua fala dizendo:

Em 10 de julho de 1825, o Dr. Joaquim Theotônio Segurado deu ao aludido povoado (ainda dirigido por Antônio Moreira), o nome de Carolina em homenagem à primeira Imperatriz do Brasil. D. Carolina Leopoldina Josepha, esposa de D. Pedro I, em 17 de março de 1827 o povoado foi elevado á categoria de vila e município, pelo ouvidor mor da comarca do norte (S. João das Duas Barras). Em 1832, os habitantes dessa vila de Carolina se transportaram, em sua quase totalidade, para o povoado de São Pedro de Alcântara, 16 quilômetros abaixo da foz do rio Manoel Alves Grande, onde hoje está a cidade de Carolina. Em união de vistas, os moradores de ambos os lugares fizeram representação ao Governo provincial de Goiás, em data de 26 de abril daquele mesmo ano, e, a 25 de março de 1833, é ordenada pelo dito governador a transferência da comarca e do município da vila de Carolina para o lugarejo S. Pedro de Alcântara (MARANHÃO, 1979).

O memorialista regional destaca o fato de que Carolina nasceu do lado goiano do Rio Tocantins, no entanto, devido ao desenvolvimento maior da vila vizinha, mais abaixo e na margem maranhense do mesmo rio, para onde a maioria dos habitantes migrou para aquela povoação, e depois, essa localidade torna-se vila e município.

O escritor denota esses fatos exatamente para mostrar que desde seus primórdios, a “Carolina” já demonstrava promessa de desenvolvimento e crescimento naquela região. Tanto que até mesmo a comarca regional fora transferida para a Vila de São Pedro de Alcântara, como era conhecida a localidade na margem maranhense do rio, que logo depois veio a se tornar também Carolina, os habitantes vieram do lado goiano e trouxeram consigo o nome Carolina, que homenageia a primeira esposa do Imperador de Brasil Dom Pedro I.

A 23 de agosto de 1854, por decreto nº 773, é ratificada a demarcação dos limites da província de Goiás, pelos rios Tocantins e Manoel Alves Grande e a serra das Mangabeiras, ficando a vila de Carolina como termo da comarca de Pastos Bons no Maranhão. Por lei Provincial nº 370, de 26 de maio de 1855, Carolina foi elevada à categoria de comarca: e de cidade, por decreto nº 527, de 08 de julho de 1859 (MARANHÃO, 1979, p.133)¹⁵.

Essa narrativa de Maranhão demonstra um pouco da História e da trajetória da cidade de Carolina e sua importância junto à História do nosso país, incluindo a particularidade de ter a cidade nascido na margem goiana do Rio Tocantins, mas ter vindo parar na margem esquerda do mesmo rio, já do lado maranhense, a 16 (dezesesseis) quilômetros de onde surgiu.

Outra autora regionalista, a senhora Odozinda Luso Pires (1979), que escreveu o livro *Meu Mundo Encontrado*, importante memorialista local, também faz seu registro

¹⁵ Texto escrito na página final do livro O barra Limpa de Alfredo Aquino Maranhão, escritor, jornalista, músico e comerciante local, um dos autores que mais tem obras sobre a região tocantina e Carolina.

sobre a História de Carolina. Segundo a narrativa da autora, há inclusive histórias de como o rio Tocantins recebeu esse nome e alguns elementos da paisagem natural de Carolina, também, escreve ela:

Carolina foi descoberta pelo sertanejo baiano Elias Ferreira de Barros, que fundou um arraial à margem direita do rio Tocantins, em terras do estado do Maranhão. Elias Ferreira de Barros, com sua comitiva, atravessou o estado de Goiás e pisou em terras do Maranhão. Prosseguindo sua viagem, veio de Pastos Bons sempre se internando por matas e campinas, avistou, entre outras serras, um alto morro e nele subiu por ponto acessível, de lá avistou uma verdejante mata, resolveu, então, descer a ver do que se tratava. Após ter andado uns 12 quilômetros, chegou à margem dum lindo rio. Nestas margens habitavam índios de comprido nariz, qual bico de tucano, então, nariz na língua deles, queria dizer Tins; com aparência de tucano, ficou o rio chamado de Tucantins; nariz comprido (PIRES, 1079, p.25).

Os relatos sobre as experiências de vida da autora na região tocantina e os relatos que ela também expõe das memórias de familiares, amigos e conhecidos sobre a cidade de Carolina nos trazem importantes considerações sobre a memória e a identidade locais. Demonstra, por meio de histórias, lembranças, mesmo memórias num processo de formação desse lugarejo do interior do Maranhão.

Até mesmo com a paisagem natural ela faz alusão sobre o nome de um importante cartão postal local, o Morro do Chapéu. Segundo Luso Pires, foi também Elias Ferreira Barros que deu nome ao morro ao esquecer-se de seu chapéu em cima do morro ao subir para contemplar a paisagem em suas andanças à procura das riquezas do sertão e desbravando o mato (PIRES, 1979, p.26).

Ainda nos relatos de Pires (1979) podemos observar elementos que compõem tanto o imaginário popular quanto a paisagem natural, a exemplo dos dois relatos anteriores, sobre o nome do rio e Tocantins e do Morro do Chapéu, na atualidade, são importantes locais de divulgação do turismo local.

Odozinda versa também sobre o nome dado à cidade que foi em homenagem à primeira imperatriz do Brasil, mas, lembrando de algo bastante peculiar sobre a vida do fundador da cidade que tenha como amante uma dona também chamada Carolina (*Ibidem*).

As imagens a seguir, 4 e 5 mostram o Morro do Chapéu e do Parque Nacional da Chapada das Mesas, ambos na década de 1970, retiradas do Acervo do Museu Histórico de Carolina.

Imagem 4 - Morro do Chapéu na década de 1970.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Carolina.

Imagem 5 - Morro do Parque Nacional da Chapada das Mesas na década de 1970.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Carolina.

Dos relatos sobre a trajetória da cidade de Carolina vários são narrados pela autora, um exemplo é o da disputa entre Maranhão e Goiás, pelo território da pequena cidade, ainda nos anos de 1830, ao final da disputa, e tendo vencido o estado do Maranhão e por ordem do próprio imperador do Brasil Dom Pedro II, que em 23 de agosto de 1854, pelo decreto imperial nº 773, demarcando os limites das duas províncias, deixando Carolina de vez à jurisdição maranhense e elevou-a à categoria de cidade em 8 de julho de 1859 (*ibidem*).

Um dos pontos mais importantes da cidade segundo a autora, naquele momento, e um ponto em comum com outros autores locais é a Rua Grande, atual Avenida Getúlio Vargas ou também chamada de a Rua das Mangueiras Seculares ou Rua da Igreja Catedral. Relata a autora que:

A casa da Câmara Municipal situava-se no meio da Rua Grande, com quatro frentes: a primeira para o marco da Independência; a segunda para a casa do professor José Queiroz e coronel Messias – cel. da guarda Nacional, a patente era comprada ao Governo; do lado oposto, a casa do escrivão Joaquim Eloy de Queiroz, esposo de Felipa Benício e a de Fabrício Burjack, ficando a outra frente para o antigo campo de futebol, hoje praça Alípio Carvalho. Nessa casa funcionava a intendência (Prefeitura), o fórum, a delegacia e as escolas, cujos professores eram: Severino Ayres Joca e Neco Ayres (PIRES, 1979, p.27).

A importância da Rua Grande para o contexto da cidade e da sociedade carolinense daquele período era singular, a se perceber pela concentração de tantas personalidades importantes locais e suas respectivas instituições de trabalho num mesmo local. A casa da qual se refere Luso Pires já não existe mais, claro que a ação do tempo e da sociedade que se transforma também age sobre a paisagem urbana, obviamente a casa deu lugar a um largo com grandes mangueiras, hoje seculares como um parque no meio da cidade.

A rua chama-se agora Av. Getúlio Vargas, como dito anteriormente, e sua representatividade para a memória local é muito significativa, pois nesse espaço se passaram muitos dos momentos importantes da história da localidade. Assim como escreveu o historiador francês Pierre Nora, sobre os lugares de memória e tendo por base o que já discutimos no segundo ato desse trabalho, a Rua Grande, em Carolina, é um lugar de memória e um lugar crucial para a memória local.

Observamos que, segundo, tanto as narrativas de Alfredo Aquino Maranhão (1985), quanto as de Odozinda Luso Pires (1979), a importância e a representatividade que a História de Carolina têm não só para a região sul do Maranhão mas, também, para a História do Brasil é evidente, e por isso torna esse lugar apropriado para uma pesquisa dissertativa tal qual essa se pretende e nesse primeiro momento, preocupamo-nos exatamente em expor sobre as origens para, posteriormente, tecer mais sobre o fio da História dessa cidade e dos tempos de glória que ela viveu, isso em se tratando de economia, cultura e sociedade.

Imagem 6 - Vista da Rua Grande I aproximadamente na década de 1940¹⁶.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Carolina.

Imagem 7 - Vista da Rua Grande II, aproximadamente na década de 1940¹⁷.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Carolina.

Imagem 8 - Vista da Rua Grande III, aproximadamente na década de 1940.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Carolina

¹⁶ Vista a partir da frente da Igreja Catedral de São Pedro de Alcântara.

¹⁷ Vista a partir da Praça Alípio de Carvalho.

Vale salientar a representação dos espaços urbanos e sua formação a partir do templo religioso católico. Em Carolina, a Igreja de São Pedro de Alcântara foi construída como um importante espaço de fé e religiosidade posicionada na primeira rua da localidade, rua Imperatriz, que fica na parte de trás da Igreja Catedral, apresentada nas imagens anteriores. Templo esse que assim como a cidade herda um nome nobre, também herdou o nome de Pedro em homenagem ao padroeiro da família imperial do Brasil, São Pedro, quanto ao próprio príncipe herdeiro do trono brasileiro Pedro I.

A importância do complexo arquitetônico da Rua Grande (Av. Getúlio Vargas), que tem seu início junto à rua Imperatriz, que é a primeira rua da cidade, é singular para essa localidade, até mesmo pelas relações culturais, políticas e econômicas que se estabeleceram a partir desse lugar de memória, como elencamos anteriormente e por sua relevância e importância, tornou-se nosso principal foco de trabalho imagético e descritivo.

3.1 Os lugares de memória na região tocantina: significados e representações

A História de Carolina se confunde até mesmo com a História de parte da região tocantina, que aqui descrevemos anteriormente, em virtude de sua projeção enquanto lugar de proeminente progresso no interior do sertão brasileiro, principalmente após a década de 1930. Desde sua criação e mais tarde emancipação política, o lugar carrega consigo uma aura de realeza, de princesa, o próprio nome é homenagem a então primeira esposa do Imperador brasileiro Dom Pedro I.

São muitos os ambientes no espaço urbano da cidade representantes da memória e da História locais, e é claro que não nos seria possível expor aqui todos eles. A esses que colocamos nesse trabalho dissertativo nominamos lugares/pontos de memória, ou somente lugares de memória trabalhando o conceito que o próprio Pierre Nora, sustentou a partir do que é um lugar de memória e obviamente que respeitando a passagem da História, do tempo e do homem, por assim dizer, em cada um deles.

Seja um simples casarão seja uma praça pública, poder escolher alguns desses lugares tornou-se de certa forma uma dificuldade em virtude da quantidade deles. Buscamos então a partir de visitas ao Museu Histórico do Município de Carolina (MHC), lugar onde está sintetizada boa parte dessa trajetória de Carolina e região pelo

tempo e espaço, buscando em seu acervo iconográfico, onde obtivemos muitas informações e imagens.

Solicitamos junto a essa instituição permissão para a utilização de algumas dessas imagens para que pudéssemos dar continuidade a essa pesquisa, essas imagens nos permitiram ligações entre elas mesmas e os acontecimentos e fatos históricos ocorridos nessa localidade e suas representações e memórias a partir delas (PANOFSKY, 1986), principalmente ligados à simplicidade e originalidade dos sujeitos históricos presentes nessa pesquisa, que aqui nos apropriamos do ser antes de tudo um forte, como dito por Euclides da Cunha em sua célebre obra *Os Sertões* (2001), “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”. E é na trajetória de homens do interior, de sertanejos fortes que está também a História de Carolina/MA. A imagem abaixo representa as habitações desses homens do sertão brasileiro.

Imagem 9 - Casa tradicional sertaneja¹⁸.



Fonte: Acervo Cristiano Marinho Braga, 2020.

Concebemos as imagens como transmissoras de mensagens localizadas no tempo e no espaço, memórias eternizadas e com significações para aqueles que a registraram. Elas podem dizer bem mais que as palavras, elas transmitem sentimentos e representações que muito nos interessa conhecer ao trabalhá-las nesse trabalho dissertativo, imagens como essa da representação habitacional do sertanejo, principalmente o nordestino são registros exímios dessa memória local.

¹⁸ Essa casa está montada e em exposição permanente na parte dos fundos do Museu Histórico de Carolina.

Essa importância está na relevância que elas possuem para observação e conhecimento da memória do indivíduo, principalmente o local, esteja ele vivendo em Carolina ou distante dela, e na importância que essas imagens têm ou trazem para cada indivíduo desses objetos dessa pesquisa. Estudantes ou não, carolinense ou não, as imagens proporcionam um despertar de sentimentos e emoções antes adormecidas. Uma imagem traz à tona memórias esquecidas.

Obviamente que buscamos a partir de uma ordem cronológica observar essas imagens e as representações que elas pudessem trazer assim como é feito na exposição do MHC já que, em nossa percepção, Carolina traz nas paredes de seus casarios e nos blocos de concreto de suas vias públicas sempre algum aspecto da memória da sociedade carolinense com uma mescla entre presente e passado, como se a passagem do tempo nessa localidade do interior do estado do Maranhão fosse mais lenta que nos outros lugares.

Dentre os autores que escrevem sobre a História de Carolina e dessa região banhada pelas águas do Rio Tocantins, está Eloy Coelho Neto (1979), já anunciado na introdução deste trabalho, que lembra Carolina como a “Princesa do Tocantins”, nas décadas de 1930 e 1940.

[...] é no maranhão o centro de maior cultura intelectual, é o lugar em que homens estudam e aprendem só pelo gosto de saber, como na antiga Heláde e não por especulação industrial. Dir-se-ia que a inteligência se revelava entre os seus habitantes e as letras a fascinação daquela gente. Era o professor, o poeta, o jornalista, o escritor, o músico, sempre o afã da produção intelectual, o afã da cultura, na agora, orgulhosa de seu justo epíteto – Princesa do Tocantins. Representou destaque na vida social e política de Carolina o Coronel Honório Ayres da Silva, chefe de uma das principais famílias da cidade (NETO, 1979, p. 72).

Nesse período as personalidades municipais eram em sua grande maioria professores, jornalistas, músicos e artistas locais e nacionais que por vezes tiveram suas passagens registradas por Carolina com suas contribuições para a tradição, a memória e a História locais. Esse valor dado à intelectualidade e ao diálogo sobre o conhecimento humano é marca registrada dessa localidade do interior do Maranhão. E assim como muitos outros lugares pequenos pelo país, grupos familiares se destacavam em aspectos da sociedade, sejam comerciantes, educadores ou até mesmo na política.

Coelho Neto nos apresenta um quadro social, político, cultural, econômico e principalmente, no campo educacional, bastante animador sobre essa localidade e o

motivo pelo qual tantos moradores de outras cidades, próximas ou distantes de Carolina, apostarem no seu potencial de progresso, mandando seus filhos para estudarem nela, onde antes os filhos de Carolina precisavam sair para as capitais do país para poderem continuar os estudos, diz ele:

Na década de 1930 e 1940 Carolina vivia um quadro animador sobretudo no setor de ensino pois contava com três estabelecimentos de notável importância: o Colégio Carolinense” de Odolfo Medeiros, o “Instituto Renascença”, de José Queiroz e o “Colégio Progresso”, de Edson Cardoso, este último vindo de Balsas (NETO, 1979, p. 73).

Para o autor, a cidade era a mais importante da região banhada pelo rio Tocantins, entre o sul e o norte de Goiás. Ele destaca, segundo Carlota Carvalho, a qual intitula de escritora sertaneja, que: “na segunda década do século XX a notável escritora sertaneja, afirma que aí, nesta terra, ao referir-se a Carolina, o amor às letras e ao útil desenvolvimento do raciocínio é comum a ambos os sexos” (NETO, p. 72), uma curiosa demonstração de valorização do conhecimento intelectual tanto de homem quanto de mulheres. Sendo a intelectualidade traduzida em conhecimento e narrativas, algo que possa denotar essa localidade como superior a outras de igual importância.

Segundo Eloy Coelho Neto, nessa região há uma valorização do conhecimento acima de muitos outros lugares importantes do país, como se isso fizesse da localidade com uma identidade específica voltada à expiação do conhecimento e das discussões intelectuais daquele da sociedade daquela época.

O autor assim destacou a cidade como a:

Pérola do Tocantins, que se projeta pela conquista cultural, desperta para se firmar como entreposto avançado do comércio. Surgiram grandes estabelecimentos comerciais: A Carioca, de Dias e Irmãos, a Leão de Ouro, da Azevedo e Filhos, Azevedo e Irmãos, Salomão Solino, Frederico Martins de Azevedo e outros, todas com intenso comércio, especialmente com Belém, capital do Pará, com as cidades vizinhas de Porto Franco, Boa Vista (atual Tocantinópolis) e rio acima, também com Pedro Afonso e até Porto Nacional (NETO, 1979, p. 74).

Vale salientar que ainda nos seus anos iniciais a cidade foi motivo de disputa entre os dois estados brasileiros de Maranhão e Goiás, após sua criação. Ficando o Maranhão com a posse em definitivo. Essas histórias narradas por autores locais nos guiaram no processo de escolha de imagens do lugar, tentando trazer à tona as que possam despertar memórias e sentimentos de um passado não muito distante.

Procuramos notar as representações e significações da memória e da História locais em suas valiosas características presentes no espaço da intelectualidade, da cultura, da religiosidade, da arquitetura dos casarões coloniais presentes na rua Grande (atual Av. Getúlio Vargas), as ruas e espaços públicos e principalmente o Rio Tocantins e sua majestosa curva sinuosa por entre os dois estados. São muitos os diferentes aspectos da vida e do cotidiano dessa pequena cidade do interior do país que fazem dela importante e de relevância para a pesquisa acadêmica.

Imagem 10 - A Beira-Rio do Rio Tocantins¹⁹.



Fonte: Acervo do M.H.C, 1980.

Imagem 11 - Telhados da Rua Grande²⁰.



Fonte: Acervo do M.H.C, 1980.

¹⁹ Demonstrando a volta do rio Tocantins ao fundo, mais aproximada, uma visão bastante modificada na atualidade onde está instalada a Empresa PIPES, Empreendimentos.

²⁰ Os telhados da 'Rua Grande' são até a atualidade um charme para a localidade, ao fundo o Rio Tocantins.

Carolina possui uma História Memoriável, um passado “glorioso”, e grande parte desses nomes citados previamente, estão em prédios públicos, ruas, e avenidas urbanas. Assim como já tiveram os grandes impérios na História humana, porém, esse período glorioso, atualmente estão presentes apenas nos folclores e nas histórias contadas pelos mais velhos que ainda preservam em seus discursos esse traço da “realeza” que a cidade já possuiu no passado.

O que é importante notar nesse processo de construção desse trabalho é a falta de conhecimento por parte dos jovens locais não conhecerem a História de sua cidade natal e esse é um dos motivos de nossa inquietação enquanto profissional da História, que os indivíduos conheçam antes de tudo a si mesmos, conhecer a História de sua cidade é um pouco conhecer a História de cada um que ali reside.

Buscamos então, a partir de pesquisa junto ao Museu Histórico de Carolina (MHC), imagens de locais públicos e privados que pudessem remeter à memória daqueles que possam visualizar as imagens da cidade e a partir dessa visualização poderem lembrar fatos e acontecimentos que possam ter vivido ou escutado a narrativa de algum mais velho sobre essa cidade em questão, para tal, o conceito de Memória Coletiva é bastante pertinente por se tratar daquele que traz significado e representação a um acontecimento já esquecido há algum tempo.

Essa pequena cidade do interior do país viu muitas transformações importantes acontecerem em seu território, o primeiro telégrafo da região, o primeiro avião, a primeira agência do Banco do Brasil, o primeiro grande cais de porto, primeira escola de primeiras letras, ginásial e normal. Tantos foram os grandes acontecimentos vividos por essa localidade e isso demonstra o porquê da importância de muitos de seus cidadãos na atualidade, procurarem saber um pouco mais da trajetória histórica de seu município.

As famílias são uma tradição importante no tocante à cultura e a sociedade carolinense, sejam elas mais abastadas sejam da periferia, cada uma traz consigo uma particularidade que ajuda na formação da cidade que segundo Alfredo Maranhão (1975) poderia ser chamada de a “capital do Tocantins” (MARANHÃO, 1985).

Não há como se falar em cidade pequena do interior do país no século XIX ou início do século XX sem se pensar numa vida bucólica e repleta de desafios geográficos em que grandes aventuras em busca de comércio, educação, saúde e informações não fizessem com que muitos viajantes resolvessem se aventurar em busca de novas oportunidades. Os viajantes daquele período não apenas promoviam

o comércio com outras regiões, mas também traziam consigo os conhecimentos adquiridos pelos lugares que visitavam.

3.2 Cultura, educação e religiosidade no sertão do Maranhão

Por muito tempo a cidade de Carolina foi lugar de referência educacional e cultural na região do vale do Tocantins, e como referência de centro cultural sempre recebeu muitos visitantes nos períodos de festividades conhecidos, a exemplo do carnaval, das quadrilhas do mês de julho, do divino no mês de maio, das férias de julho e do festejo local. Odozinda Luso Pires (1979) também escreve sobre esse aspecto importante da cultura carolinense, diz ela: “a boa educação, os modos expansivos e delicados do povo, o luxo requintado das moças no vestir, acompanhando a moda dos grandes centros, causou-me boa impressão” (PIRES, 1979, p.114). A autora faz esse relato ao observar e comparar a expressão da sociedade carolinense com outras cidades também consideradas importantes naquela época a exemplo de Porto Nacional e Tocantinópolis, destacando a relevância e sobreposição da pequena Carolina.

Luso Pires (1979) foi uma das expressivas professoras primárias da cidade com um leque variado de conhecimentos que variavam da música ao ensino das letras:

[...] com melhor saúde, abri uma aula particular de curso primário com trabalhos manuais. Havia quinze alunas. Paralelamente ao curso primário passei a ensinar música profana a Luzia Ayres, Francisca Azevedo e a um grupo de adultos, francês, desenho e pintura três vezes por semana, tendo como primeira aluna Honorina Tavares. Depois Nozor Marinho, Orfeu Marinho Sousa, Ceci Sousa, Eudóxia Leal e Aristeu Barros. Não me limitei só a esta distração. Com a permissão de meu papai organizei um conjunto de cantoras, das quais ainda existe Rosa Costa Leite e Letícia Leal, a quem ensinei música sacra e canto chão, a fim de solenizar as missas das 8 horas dos domingos e os terços à noite com a benção do Santíssimo (*Ibidem*, 1979, p.114).

É elencado ao mesmo tempo, pela autora, a erudição e o processo de formação de pessoas comuns da sociedade que principalmente atuaram em diferentes setores da cultura carolinense naquele período, desde a educação escolar aos serviços religiosos na Igreja Matriz. Do ensino primário, com as letras e literatura aos diferentes tipos de regências de canto, tanto erudito quando não erudito, que a autora chamou de música profana. Destacamos ainda o ensino da língua francesa em Carolina ainda nos anos antes de 1920, citados pela autora, e aulas ministradas por ela mesma, sendo o francês, por muito tempo considerada a língua da erudição e intelectualidade.

Aprendia-se francês por essas paragens, não porque alguém viajaria para a França, mas sim, porque era um conhecimento que destacava o indivíduo que a soubesse, aprendia-se pelo simples prazer de se aprender, quando na atualidade pouco se vê falar em línguas estrangeiras, ela está relegada aos pontos turísticos que possuem suas grandes demandas de atendimento e por vezes recebem visitantes de outros países, seja nas Cachoeiras do Rio Itapecuru seja no luxuoso *Resort* de Pedra Caída, donde há diversas cachoeiras e pontos naturais que atraem esses turistas para a cidade, o que tem tornado a grande fonte de renda em Carolina, o Turismo de Aventura.

Dos aspectos culturais em Carolina, um dos que mais se destacam é o da religiosidade popular, as aulas e formações ministradas por Odozinda Luso Pires (1979), teriam uma finalidade que era utilizada no cotidiano do cidadão de Carolina, principalmente nos eventos que contavam sempre com a participação popular, momento em que esses conhecimentos eram necessários, afirma a autora:

Para os novenários do Padroeiro São Pedro de Alcântara, Nossa Senhora dos Remédios, Nossa Senhora da Conceição, São Sebastião, São José, Divino Espírito Santo e as festas litúrgicas de Natal, Ano Novo e Semana Santa, ministrei os mesmos conhecimentos a uma banda de música da cidade, cujo maestro era Rodolfo Medeiros. Solenizava-se a Semana Santa, com a procissão do Senhor Morto, o canto de Verônica e o funeral. Domingo de Páscoa havia procissão à madrugada, com o Santíssimo exposto, acompanhada de música e depois missa cantada. Havia imenso respeito e fervor nesses atos religiosos (PIRES, 1979, p.115).

As festas religiosas tinham grandiosa representação para a sociedade daquele período, tanto que os festejos dos santos de devoção da população eram festejados com honras e muitas celebrações, que contavam com a participação de boa parte da população da cidade, só deixando de lado aqueles que já vislumbravam a fé protestante ou espírita, também presentes em Carolina. Esses atos de fé que ganhavam opulência e grandiosidade no passado hoje ainda estão presentes na sociedade carolinense, no entanto, com menor participação popular tendo em vista a diversidade da fé cristã presentes na atualidade. Tendo o catolicismo perdido muito espaço para as igrejas pentecostais e neopentecostais que anos depois também buscaram seu espaço na sociedade da região.

E não é apenas em torno da religiosidade que a vida social em Carolina se detinha também em divertidos bailes, vesperais dançantes, serenatas onde os homenageados abriam suas portas para um café com bolos, até mesmo os

aniversários eram comemorados com os bailes, principalmente quando se tratava do aniversário de alguma figura ilustre da sociedade daquela época. A autora destaca também a imponência e preocupação dos indivíduos da alta classe social dessa cidade em estarem sempre bem-vestidos e com comportamento exemplar dentre os demais. O carolinense também se orgulhava e se vangloriava pela formação intelectual de alguns de seus ilustres filhos, segundo Pires:

Carolina é, das cidades do interior do Estado, a que mais filhos formados possui em todos os setores da cultura. Entretanto, os escritores como Heitor Carvalho, Rossini e Alfredo Maranhão, não dedicaram ao Cônego Carvalho uma só linha nos seus livros, sabendo-se que ele foi o terceiro vigário da paróquia (PIRES, 1979, p.122).

É reconhecido pela autora a importância singular de Carolina no que diz respeito à cultura e intelectualidade. No entanto, ela critica que em meio a tantos bons e grandes escritores locais, nenhum deles tenha se dedicado a falar da trajetória do Padre/cônego Carvilho Luso, segundo ela, importante figura para a sociedade carolinense daquela época, em que a escritora enxerga como injustiça intelectual com o referido religioso o fato de ele não ser lembrado nem mesmo com o nome de uma rua ou escola. É sobre essa figura singular da História de Carolina e região que versaremos no ponto seguinte.

3.2.1 A figura do Padre Luso: “um padre que era mais homem”

Segundo Odozinda Luso Pires (1979), a presença da religiosidade católica já era notada no lugarejo desde os seus primórdios, mas foi com o Padre Carvilho Luso que sua organização foi efetivada. Podemos notar que nessa localidade a importância da presença religiosa católica é, assim como em tantos outros diferentes lugares espalhados pelo país, de suma importância para a formação do pensamento e da sociedade local, pois, ao final do século XIX o pensamento católico ainda é majoritário nas terras brasileiras.

Escreve Pires sobre a origem do Padre que primeiro administrou a paróquia em Carolina, designado para essa cidade pelo bispado de São Luís do Maranhão em 1881, segundo ela; “Padre Carvilho Luso descendia dos nobres Luso, de Lisboa, Portugal. Era filho legítimo de Joaquim Pereira Luso, português e Rita Clara Luso, maranhense.

“Nasceu na cidade de Alcântara do Maranhão, no dia 1º de março de 1844” (PIRES, 1979, p.31). Foi o padre, inclusive, que ao chegar à localidade trocou o nome da paróquia: “um dos primeiros atos como vigário paroquial foi mudar o nome de Santo Antônio para o de Paróquia de São Pedro de Alcântara, em homenagem à sua cidade natal e ao Imperador do Brasil D. Pedro II” (*Ibidem*, 1979, p.32).

O padre fora uma figura controversa para a sociedade daquele período, mas uma personalidade importante e significativa. Carvilho Luso chegou ao patamar de deputado pela cidade de Carolina, tamanha era a representatividade dessa cidade naquele período e do padre do interior do estado, mas, também, nunca abandonou os afazeres de padre no lugarejo (PIRES, 1979). Ruy Carvalho, outro autor regional, que escreve a obra *Estórias da História de Carolina*, e em sua obra, no ponto XI escreve sobre o padre que era mais que homem, diz ele:

O nome do pároco era Carvilho Luso, mas só era conhecido por Padre Luso. Mesmo depois de receber as dignidades de Cônego, continuou sendo Padre Luso para todos os efeitos. Muito culto, muito inteligente, vivo, sagaz, aquele Padre aqui foi tudo. Professor, fazendeiro e chefe político. E político de oposição, vejam bem! Tão ensarrado, que dizia que as escápulas de sua rede lhe recomendavam no embalo Política! Política! Política! (CARVALHO, 1978, p.43).

O autor demonstra exatamente a importância e a significância do Padre Luso para a cidade de Carolina e por assim dizer para a sociedade da região onde se encontra a cidade. Os papéis exercidos pelo padre eram importantes e faziam dele alguém que pudesse representar ainda mais aquela localidade e assim como escreveu Odozinda Luso Pires (1979), chegou ao cargo de deputado representando a cidade de Carolina. De acordo com Carvalho (1978), Padre Luso e sua representatividade política incomodavam seus adversários políticos, mas a missão do padre era para além de sua época, diz ele:

Temperamental, sincero de atitudes, livre no pensar e no agir, mesmo com esses arroubos impulsivos, nada disso conseguiu diminuir a estima, o acatamento, o respeito em que era tido e com os quais morreu. Espírito superior, liberal e culto, hoje é que estamos vendo como nos foi útil, o extraordinário Padre. Com aquele estouvamento todo, muitas décadas atrás, preparou Carolina, preparando a todos nós na aceitação de uma religiosidade eximida de beatismos, de carolices hipócritas, fez de nós um povo destemido, compreensivo e livre de sobrecapas falsas, de falsa fé (CARVALHO, 1978, p.45).

Mais uma vez o autor demonstra quão significativa é a figura do padre e não somente para a sua época, mas para as gerações que vieram depois. Para as gerações que conduziram Carolina para sua época mais “gloriosa”, dispensando as

adversidades hipócritas da sociedade daquele período. O padre Carvilho Luso, assim como expõe Luso Pires (1979) e Ruy Carvalho (1978), é uma memória importante e significativa para a construção de uma ideia a partir das ações do padre enquanto representante da Igreja, da política local e como chefe de família, haja vista ter ele adotado alguns filhos e filhas ao longo de sua jornada por Carolina. Mesmo sendo a figura de Padre Luso, controversa e não agradando a todos, deixou um legado familiar e político para os que viessem após ele.

3.2.2 O catolicismo franciscano e o trabalho com os indígenas

Alfredo Maranhão (1979, p.33), escreve sobre como eram realizadas algumas festas religiosas no ano de 1922 ao descrever:

Até o ano de 1922, eu continuava pagão, sem receber o sacramento do batismo. Meus pais, meio pendidos para o espiritismo, não davam muita importância a este ato religioso. Aconteceu que chegaram uns frades de Porto Nacional com o objetivo de realizarem as Santas Missões em Filadélfia. Imediatamente a notícia chegou a Carolina e correu célere por toda a cidade, constituindo um grande acontecimento na época. A festa religiosa tomou campo e dominou não só Filadélfia como a nossa cidade que todas as noites enviava o seu apreciável cortejo de católicos para participar das Santas Missões na vizinha cidade goiana. A animação era indescritível. Foi ali que aprendi a cantar a música religiosa: “Pecador agora é tempo ...” etc. (MARANHÃO, 1985, p.33).

No período em questão, receber um evento como uma festividade religiosa como a das Santas Missões, dirigidas por frades de uma outra região era um acontecimento singular tanto para Carolina do lado maranhense quanto para a pequena Filadélfia do lado goiano. Um evento como esses sempre exigia dos moradores seu empenho e dedicação no sentido de participação das festividades e auxílio nas missões religiosas dos religiosos que vinham de longe e contavam com a comunidade local para o desenvolvimento de seu trabalho pastoral, tanto que sendo a festividade em Filadélfia, também os carolinenses vinham participar, e caso fosse do lado carolinense, os goianos também vinham prestigiar tal evento.

O autor ainda complementa que graças à presença religiosa capuchinha na cidade de Carolina o teatro também era uma expressão cultural grandiosa daquela localidade:

Ao lado do futebol o teatro também era bem cuidado em nossa cidade. Havia um excelente grupo de amadores, do qual eu fazia parte e muitas peças de

renome foram levadas com sucesso no nosso TEATRO S. JOSÉ, um bom teatro construído pelos frades capuchinhos, atrás da Igreja Catedral e que foi demolido para ser construída a rua Justiniano Coelho, no terreno do convento das irmãs, cuja obra nunca fora realizada (*Ibidem*, p.56).

Maranhão (1975) expõe sobre a importância da presença religiosa da Congregação dos Frades Menores Capuchinhos, que se faziam presentes nessa localidade também em diferentes frentes de trabalho e serviços na comunidade carolinense, tal qual o teatro, a exemplo de igrejas, das escolas e do hospital que eram mantidos e dirigidos pela obra religiosa. Eram muitos os locais aos quais os frades capuchinhos estavam inseridos na sociedade carolinense.

Imagem 12 - Cine Teatro Fátima²¹.



Fonte: Livro de Alfredo Aquino Maranhão, O Barra Limpa.

Qualquer outra denominação religiosa que chegasse naquele ambiente representaria tanto uma ameaça ao trabalho religioso capuchinho quanto uma ideia de inovação para o trabalho religioso como um todo, e é nesse contexto em que se inserem na localidade os missionários batistas.

Outro legado franciscano que se estabeleceu na região fora o da formação religiosa com as escolas e o seminário franciscano instalado em Carolina, que se torna local de referência na formação católica religiosa do vale do Tocantins, recebendo estudantes de diversas regiões, desde o antigo norte de Goiás a territórios mais distantes dentro do próprio estado do maranhão.

²¹ Tetro não religioso, sobre o teatro das irmãs não conseguimos imagens e por isso expomos a que conseguimos. Um espaço onde se promovia cultura e funcionava como teatro local. Esse espaço já não existe atualmente.

Imagem 13 - Prédio da Casa Paroquial de Carolina²².



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga, 2019.

Além do seminário capuchinho, a obra religiosa ainda contava com duas instituições de ensino voltadas ao ensino básico, o Colégio Comercial e a Escola Normal Nossa Senhora da Piedade, essa última era responsável pela formação direta de moças que seriam preparadas diretamente para o trato educacional local. Os religiosos estavam presentes na vida da sociedade carolinense, nas viagens periódicas para outras cidades, a exemplo do que afirma Maranhão (1985) ao nos relatar sobre suas viagens em busca de cura para a doença de sua filha, Ligia Maranhão, afirma ele:

Após um mês em Belém, regressamos a Carolina, pelo Barco-Motor BAÍÁ, do senhor Deco Amorim, pioneiro da navegação do Tocantins, que nos trouxe até Carolina realizando uma excelente viagem e com ótimo trato a bordo. No confortável barco, viajavam na oportunidade, apenas três passageiros, eu, Metilene, minha esposa e o vigário superior de Carolina, o boníssimo Frei Tomaz. Metilene, chegou reestabelecida, bem forte e ainda mais bonita com o banho de civilização que recebeu na capital do Pará (MARANHÃO, 1985, p.70).

Nos relatos de Aquino Maranhão, podemos notar, além de sua árdua missão na busca pela descoberta do que seria a enfermidade de sua filha, sua medicação ou até mesmo cura, volta ou outra a presença de um religioso próximo à vivência familiar, a exemplo do frei Tomaz no mesmo barco que vinha de Belém/PA, trazendo a família,

²² Lugar onde funciona a administração da Catedral de São Pedro de Alcântara em Carolina/MA, imagem de acervo pessoal, onde ainda funciona a cúria diocesana da Diocese de Carolina.

Maranhão mais uma vez desenganado pela medicina científica, mas que trazia consigo algumas novidades da capital que poderia expor para a sociedade carolinense, dentre elas, o banho de loja de Dona Metilene na capital paraense. Ir à capital era sempre um grandioso e bem vindouro evento, a família Maranhão ainda andou por outros estados na busca pela resposta para saúde de sua filha. Pernambuco, Goiás-Velho (Tocantins) até mesmo o Rio de Janeiro, e em todas as campanhas sem sucesso.

Os religiosos estavam também presentes nas escolas ditas seculares, ou melhor, não religiosas como relata Maranhão (1985), ao mencionar a reprovação de sua outra filha Maria Lêda no Ginásio do Sertão Maranhense:

Depois de fazer o primário, fez o Ginásio, no Ginásio do Sertão Maranhense. Por uma marcação injusta da professora Iná, contrariando os seus próprios colegas professores e o diretor do Ginásio, Maria Lêda não teve o prazer de colar grau juntamente com sua turma, por um ponto que D. Iná lhe negou na sua matéria, ficando assim para a segunda época. Maria Lêda não tinha muita inteligência, porém era muito aplicada, estudiosa e comportada, daí o motivo pelo qual os professores lhe queriam bem e a tinham como uma boa aluna. Até mesmo Frei Romualdo que lecionava no Ginásio, porque via em Maria Lêda uma menina exemplar, mocinha educada, esforçada, tinha grande prazer em ajuda-la. Além do curso ginasial, fez ainda os cursinhos de corte e costura e arte culinário que em muito tem lhe ajudado na vida de casada (*Ibidem*, 1985, p.70).

Na narrativa do autor observamos, além da presença dos religiosos na sala de aula e na vida da família, a severidade como era tratada a questão da educação na sociedade daquela época, em que o professor era uma grandiosa autoridade respeitada pelo seu labor e formação, e mesmo observando o sofrimento de sua própria filha, Maranhão soube respeitar a decisão da professora em aguardar o processo de formação de sua filha caçula.

O Ginásio do Sertão Maranhense é uma das instituições de ensino públicas mais antigas da região tocantina, responsável pela formação educacional de milhares de pessoas ao longo dos anos de seu funcionamento. Hoje é a única instituição de Ensino Integral de Carolina e com novo nome: Centro Educa Mais Sertão Maranhense, mantido pelo Estado do Maranhão. Segundo os relatos do memorialista, Carolina era uma cidadezinha do interior do Estado do Maranhão, sertaneja e culta, aliás, a mais culta de toda a região tocantina (MARANHÃO, 1985, p.75).

Heloy Coelho Neto (1979) também exalta o trabalho das congregações religiosas católicas dos franciscanos, tanto masculina quanto feminina, devido sua

contribuição cultural e educacional para essa cidade, incluindo nessa memória também a missão protestante batista.

Ressalta-se, também, a valiosa contribuição cultural dos Frades Franciscanos Capuchinhos e das Irmãs Franciscanas, ora fundando, ora auxiliando estabelecimentos de ensino, como a Escola Normal Regional Nossa Senhora da Piedade, e os protestantes Batistas fundando e mantendo o Instituto Teológico Batista além de sua contribuição, de modo geral, no setor educacional (NETO, 1979, p.75).

O trabalho religioso seja ele católico ou protestante é marca significativa na História carolinense e regional, tanto na zona urbana quanto na zona rural, inclusive com as povoações indígenas que viviam naquela região. Os franciscanos chegaram até as povoações indígenas no território de Grajaú, importante entreposto regional naquela época, também.

A diocese de Grajaú é a mãe da diocese de Carolina, por meio da “BULA RATIONI CONGRUIT” que elevou a arquidiocese de São Luís à categoria de sede da província eclesiástica e ao mesmo tempo criava a prelazia de São José de Grajaú, onde estavam inseridas a esse território a região do Alto Sertão Maranhense com as paróquias de Santa Cruz da Barra do Corda, Nosso Senhor do Bomfim de Grajaú, São Pedro de Alcântara de Carolina, Santa Teresa de Imperatriz e Porto Franco e teve como primeiro prelado Dom Colombo (1979, p.192).

Para Coelho Neto (1979), tanto o sertanejo quanto o índio já recebiam os resultados da ação missionária franciscana e seu trabalho catequético, com novas ideias e planos de ações, pensados a partir de obras sociais, reforma da igreja e evangelização nas residências, esse projeto missionário também fora implementado em outras regiões mais longínquas de seu trabalho pastoral.

Os índios do território de Grajaú são vistos de perto por parte dos Frades Capuchinhos, que estudando a sua vida, localização, costume, crenças, sociabilidade – “o pequeno mundo selvático, realizam uma penetração, descobrindo nesta gente as suas qualidades positivas e ajudando a mesma a ganhar, dentro da civilização cristã, um novo quadro, baseado no entendimento e na compreensão” (NETO, 1979, p.195).

O autor legitima e evidencia um trabalho efetivo da missão capuchinha na diocese de Grajaú e região, região essa que também compreende Carolina que ainda era paróquia pertencente à Diocese de Grajaú. Trabalho esse que compreende principalmente o aspecto ainda do “civilizacionismo” europeu da época colonial, ou

melhor, processo de catequização dos gentis nas terras brasileiras e sertanejas do maranhão já no início do século XX.

Carolina tornou-se então uma cidade importante para a região sul do Maranhão e norte do antigo estado de Goiás, chegando ao patamar de “pérola tocantinense” ou “capital intelectual do Tocantins”, como já retratou Coelho Neto (1979), em páginas anteriores. Devido a essa importância e visibilidade adquirida pela cidade ribeirinha do Rio Tocantins, ela se torna então sede de outra Prelazia Católica em 1958.

Em 1958, foi criado o bispado de Carolina pela Bula “QUIAEQUE AC S. PETRUS”, desmembrado do de Grajaú, estendendo-se a área de região tocantina, agora despertada pelo progresso com o polo de desenvolvimento de Imperatriz e o grande trecho à margem da Belém-Brasília, do Estreito até os limites com o Estado do Pará, sendo o primeiro Bispo Dom Cesário Alexandre Mineli e depois substituído pelo Bispo Frei Sérgio Bicego, em virtude de grave doença e morte do primeiro prelado (*Ibidem*, 1979, p.195).

A região em questão, conhecida por região tocantina, por ser banhada pelas águas do Rio Tocantins, tornaram-se grandes polos comerciais, econômicos e culturais após a construção da Rodovia Belém-Brasília, a exemplo de Araguaína/TO, Estreito/MA e Imperatriz/MA, também com a representação na beira do rio de Tocantinópolis/TO e Porto Franco/MA.

E obviamente, Carolina, que já nessas alturas experimentava a amargura de não poder contar com o fluxo do progresso que acompanhou a construção da Rodovia Federal que liga o centro do país à região norte, e assistiu seus povoados tornarem-se cidades importantes na História regional, citadas anteriormente. Também Alfredo Maranhão (2009), em *A Cidade das Mangueiras Seculares*, reforça essa ideia.

As instituições de ensino educacionais em Carolina também se tornaram referências regionais a ponto de receber estudantes de cidade e localidades ainda mais distantes, dentre elas estão O Colégio do Sertão Maranhense, O Instituto Batista de Carolina e a Unidade escolar José Queiroz. O Colégio do Sertão Maranhense iniciou seus trabalhos como uma instituição de ensino organizada por professores locais de capital privado, no entanto, hoje em dia está sob a responsabilidade do Estado do Maranhão.

O Instituto Batista de Carolina é uma instituição de ensino confessional, pertencente à Junta de Missões Nacionais da CBB, Congregação Batista do Brasil. E a unidade escolar José Queiroz, é uma instituição de ensino básico pertencente ao poder público municipal. Essas três escolas pertencem ao complexo educacional situado na Praça do Estudante, centro da cidade.

Imagem 14 - Colégio do Sertão Maranhense²³.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga, 2020.

Imagem 15 - Unidade Escolar José Queiroz²⁴.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga, 2020.

Devido a visibilidade de Carolina como importante e grande polo cultural e social, a diversidade religiosa também ganhou espaço na sociedade que se transformou em palco das disputas por fiéis entre diferentes denominações religiosas que se faziam presentes na cidade, a exemplo do catolicismo, da missão protestante batista e do espiritismo.

3.2.3 Os missionários protestantes batistas na sociedade carolinense

²³ Na atualidade é o Centro de Educação Integral Educa Mais Sertão Maranhense, importante instituição de ensino, fomentada por professores nos tempos áureos de Carolina.

²⁴ O primeiro colégio escola pública municipal de ensino básico, situada à Praça do Estudante, centro da cidade.

Os primeiros missionários batistas a chegarem em Carolina eram de origem inglesa, como afirma Lyndon de Araújo Santos em *As outras Faces do Sagrado*. O autor registra que “em 1910, o Sr. Ernesto Wootom, veio da Inglaterra, estabeleceu-se na cidade de Carolina - MA, visando o trabalho com os índios” (2006, p. 44), e tinham um interesse específico na conversão indígena.

Esses missionários não faziam parte da convenção batista que fundou a igreja de Carolina, mas segundo Santos, eram eles das “chamadas Igrejas Batistas Livres Independentes ou Igrejas Cristãs, localizadas no interior do Estado (Maranhão)” (2006, p. 45), cujos mantenedores eram grupos ingleses residentes na Europa. Ainda segundo Santos, “a HAM (*Hert of Amazonia Mission*) estabeleceu missões entre os índios guaiapós, sobre o rio Araguaia, em 1925; entre os Craôs, sobre o rio Tocantins (...)” (2006, p. 46).

Imagem 16 - Primeira Igreja Batista de Carolina - PIB.



Fonte: Acervo da PIB de Carolina, 2016.

Em 1926 o missionário batista Zacarias Campelo, vindo de Recife – PE, porém nascido na região, é nomeado pela Junta Missionária Nacional (JMN) para o trabalho entre os índios Craôs, em Carolina – MA, (OLIVEIRA, 2007, p.48). Quando os batistas chegam por essa região, já estavam instaladas na localidade as igrejas cristãs independentes, de organização inglesa como já referido anteriormente, que, mais tarde se tornaria batista e o tradicional movimento católico em nessa localidade já representado pelos Frades Capuchinhos.

Sobre as considerações a respeito da missão protestante Batista na região que denominamos tocantina, temos trabalho já publicado no livro *Conhecendo a América* (2021) de organização do Professor Dr. Dimas dos Reis Ribeiro, que reuniu trabalhos de diferentes áreas do conhecimento humano, a fim de expor as diferentes formas de pensar a História da América Latina nessa obra; e é num compilado dessas informações que expomos aqui também sobre a presença desses missionários em Carolina e região.

Segundo as considerações de Zaquel Moreira de Oliveira sobre os cem anos do trabalho missionário no Brasil, em 1937, a Igreja Batista de Carolina resolveu, em assembleia, sustentar inteiramente seu pastor, desligando-se financeiramente da dependência da JMN, para pagar o salário desse missionário. Destacando a passagem do pregador Eurodice de Queiroz da igreja da liberdade em São Paulo, ao vale do Tocantins, em 1947.

Nas suas palavras “ele pregou em vários lugares, incluindo as igrejas de Porto Nacional, Piabanha (atual Tocantínia), Pedro Afonso, Itacajá, Carolina, Porto Franco, e Babaçulândia” (2007, p. 71). Para ressaltar a importância que tem a região tocantina nesse contexto e a própria cidade de Carolina, onde um pregador de São Paulo vinha para o trabalho pastoral na igreja local. Em 1949 é criada a biblioteca Helcias Câmara, construída pela doação do salário do próprio missionário, pelas aulas de inglês que dava no ginásio (Instituto Batista de Carolina) (*Idem*, p. 73).

Essa localização estratégica seria notada pelos missionários batistas, que logo se autoafirmavam pertencentes a essa sociedade progressista. Na visão dos missionários, as ações religiosas e educacionais que desenvolviam na cidade poderiam significar o surgimento de uma nova sociedade protestante, quebrando assim, a hegemonia católica, já existente em Carolina. Seria, assim, um interesse bem mais amplo que o de conquistar fiéis. Tratava-se da construção de uma nova identidade para o povo daquele local, a identidade protestante. O seminário teológico teria papel significativo nessa empreitada, os religiosos protestantes locais, incentivavam inclusive a vinda de pregadores e missionários de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco etc., para essa tarefa de conquistar fiéis.

Em 1963 Carolina já como um polo educacional regional, acontece a formação da primeira turma do Seminário Teológico de Carolina e a equivalência dessa formação com a do Seminário Menor Católico. Em 1968, o pedido de afastamento de David Gomes fez com que a JMN avançasse em seu trabalho missionário. Em 1969,

a grande preocupação era elevar a categoria do Seminário Teológico de Carolina para Clássico e Científico, o que fez a JMN ir atrás de um professor de filosofia (NETO, 1979, p. 102,108).

À medida que os católicos avançavam na formação intelectual de seus religiosos, os missionários batistas também tomavam a mesma iniciativa, numa espécie de competição, de disputa por um espaço na privilegiada sociedade carolinense da época. Em 1972, ocorre a junção entre o Seminário Teológico e o Colégio Batista, mantendo dois tipos de formação: teológico e fundamental.

Em 1975, em decorrência da construção da rodovia Belém-Brasília, que deslocou o comércio na região, os missionários transferiram o Seminário Teológico para Imperatriz, MA, por julgarem lá um lugar com maiores facilidades para esse tipo de trabalho missionário. Parece-nos que, pelo fato de Carolina ter perdido sua condição de cidade importante para o comércio (que agora passavam a ser as cidades que ficavam às margens da rodovia), os missionários também deslocaram seu espaço de formação de pastores.

A Primeira Igreja Batista de Carolina foi a segunda igreja batista a ser organizada no Vale do Tocantins. Outros missionários protestantes já haviam iniciado o trabalho missionário em Carolina, como a organização de uma pequena igreja denominada Cristã Evangélica (SANTOS, 2006). Esta Igreja tinha a sua sede no Largo do Sol, hoje parte da Rua Ricardo Martins, numa casa conhecida como “Casa da Missão”, nome dado pelos primeiros missionários estrangeiros advindos da primeira onda de missionários protestantes nesta cidade.

O trabalho missionário já havia se iniciado ainda antes mesmo da fundação do templo que hoje se localiza na Avenida Benedito Leite, centro da cidade quase de frente com a Capela de Sta. Teresinha do Menino Jesus, pertencente à Igreja Católica. Num período em que Carolina se despontava enquanto proeminente lugar desenvolvido no sul do Estado do Maranhão e Norte do ainda Estado de Goiás, as organizações e missões religiosas se interessavam pelo campo de ocupação religiosa (BOURDIEU, 1989), que possuía, até então, maioria católica.

Imagem 17 - Primeira Igreja Batista II. Pós-reforma.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga, 2020.

Pela tradição católica, os templos religiosos dificilmente são demolidos e em seu lugar construídos outros mais novos e modernos, geralmente eles fazem reformas que não descaracterizem o projeto inicial da Igreja Romana, quando ocorre da necessidade de um templo mais amplo ou mais moderno se busca construir um novo, mantendo a História e a tradição do antigo, inclusive seu prédio, já muitas das denominações religiosas protestantes não possuem esse apego. No nosso país, a exemplo dos Batistas e Evangélicos Pentecostais da Assembleia de Deus em Carolina, que de tempos em tempos modificam suas fachadas e estruturas físicas dos seus templos, assim como exemplificado nas imagens anteriores.

Retomando a trajetória batista pela região de Carolina, foi no dia 30 de setembro de 1928, que aconteceu a organização da Primeira Igreja Batista de Carolina. Eram eles os únicos pastores batistas no Vale do Tocantins. O grupo, que contava com algumas pessoas, levantou-se e solenemente se declarou organizado em “Igreja de Jesus Cristo” e tinha os seguintes membros: Zacarias Campelo, Martinha Campelo, Isabel Campelo, Raimunda Maranhão, Patrocínia Bezerra Campelo, Manoel Secúndio, Orfisa Batista de Souza, Manoela Campelo de Oliveira, Maria Alves da Silva e Joana Borges de Sousa e Alexandre Silva.

No dia seguinte à organização, ocorre a decisão de comprar a casa onde foi sediada a igreja, e que estava à venda por três contos de reis. O valor foi conseguido por meio de oferta da Comissão Predial Batista do Norte do Brasil, em Recife. A oferta, dinheiro arrecadado entre os fiéis durante os cultos, foi completada pelos membros

de Carolina. Os primeiros móveis foram doados pelo missionário Zacarias: meia dúzia de tamboretos, um banco escolar, e sete bancos grosseiros. Zacarias fez também funcionar aulas de alfabetização para adultos na cidade. A Bíblia Sagrada, utilizada como material de leitura traduzia-se em princípio educacional.

E a partir do trabalho missionário batista em Carolina, outras igrejas foram se formando na região a exemplo da Primeira Igreja Batista de Porto Franco, organizada no dia 7 de setembro de 1935, a Igreja Batista de Piabanha (atual Tocantínia) de 1936, a outra fora a Igreja Batista de Itacajá, em 1937.

Em Babaçulândia, foi organizada a quarta igreja, e assim se seguiu o trabalho missionário batista na região. Estavam imbuídos da ideia de que as religiosidades populares dos “sertões” deveriam ser substituídas pela fé protestante, como dissemos, uma fé destituída de magia e ancorada nas letras. Para tanto, assumiram como inimigo a ser combatido o catolicismo, fosse ele o popular ou o romanizado.

O trabalho missionário batista ainda é reconhecido em Carolina, muito em decorrência do funcionamento do Instituto Batista de Carolina, escola fundada em 1936, pela então missionária Ligia de Castro e há 84 anos mantendo seu trabalho missionário e educacional em Carolina. Instituição educacional confessional que também faz parte do processo de construção da História e da memória carolinense, tendo se fixado nessas paragens numa época áurea e gloriosa para essa cidade, a única instituição de ensino escolar ainda pertencente à JMN.

O Instituto Batista de Carolina também é um importante lugar de Memória Local, tendo em vista ser uma das mais antigas instituições de ensino educacional na cidade de Carolina, a única que ainda permanece com o seu nome de origem e que preserva sua mantenedora, a Junta de Missões Nacionais dos Missionários Batistas no Brasil. Administrado na atualidade pela gestora Adriane Oliveira, com um corpo de funcionários da localidade.

Na imagem 18, está o Instituto batista de Carolina, importante instituição de Ensino nessa cidade com 85 (oitenta e cinco) anos de atuação educacional, pastoral e missionária.

Imagem 18 - Colégio Batista de Carolina²⁵.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga, 2020.

A escola nasceu nos fundos da Primeira Igreja Batista (PIB) de Carolina, no entanto, após um tempo, ganhou prédio próprio e com a finalidade de além de ensinar a ler e a escrever, fomentar o ideal cristão batista nos estudantes que por ali passaram e ainda passam. É uma entidade confessional que preserva seus princípios religiosos e morais ainda na atualidade tratado por seus mantenedores como uma missão também cristã.

3.3 O Museu Histórico de Carolina e o Turismo local

O MHC é um importante aliado na luta pela preservação e divulgação da História e da memória local. Nasceu da ideia de “nativos” do município residentes na capital do país, Brasília/DF, com o intuito de manter viva a História local e poder repassar uma trajetória de glórias que a cidade viveu num passado não muito distante. Segundo o pesquisador e museólogo Mateus Menezes (2019) essa necessidade de preservação e manutenção da História local carolinense nasceu da preocupação de seus filhos residentes em Brasília, que viram durante as últimas décadas uma transformação acentuada na paisagem urbana e natural do município maranhense,

lembra-se que Carolina passou por grandes mudanças nas últimas décadas, como a falta de proteção ao patrimônio natural, arqueológico e arquitetônico, que desencadearam essa necessidade de preservação, provocando um movimento de mobilização social em prol da cultura (MENEZES, 2019, p.14).

²⁵ Única Escola na atualidade mantida pela Junta de Missões Nacionais dos Batistas, da CBB, situado na praça do Estudante em Carolina/MA.

O Museu Histórico de Carolina nasceu nesse intuito de preservar, manter e proteger o patrimônio histórico, artístico, cultural e natural de Carolina e está localizado no centro da cidade bem próximo do prédio onde funciona a prefeitura municipal. A mobilização dessas pessoas que são originárias dessa cidade e que de onde vivem se preocupam com a preservação de sua História e memória é que mantém o trabalho do Museu Histórico de Carolina vivo. O MHC estabelece, na visão de Menezes (2019), “relações específicas com o poder público local, acumulando funções ligadas à administração pública, à promoção cultural, à educação formal e ao turismo”, (p.16). É ligado à administração pública porque, apesar de ter surgido de incentivo privado, por meio da Associação Viaverde, possui um funcionalismo cedido pela prefeitura local, o museu promove sarais musicais e teatrais, isso ainda antes da pandemia, sempre com temáticas ligadas à História local, festivais de cinema com filmes e documentárias da época gloriosa da princesinha do Tocantins.

O museu também recebe alunos de todas as escolas, sejam elas públicas ou privadas, esse pesquisador mesmo já levou seus estudantes para visitas e aulas de campo no MHC e ainda oferece apoio às pesquisas acadêmicas tal qual essa que fomentamos, além de ser um ponto rico de visitação para aqueles visitantes (turistas) que v em conhecer Carolina, aos milhares, todos os anos, sendo um importantíssimo local de promo o e preserva o da memória carolinense e regional.

A Cidade de Carolina tem se tornado grande polo turístico regional, recebendo milhares de visitantes anualmente que v em em busca de conhecer as belezas naturais desse lugar: cachoeiras, rios, igarapés, morros e paisagens lind ssimas que encantam os olhos e trazem paz a alma. Nesse sentido, o trabalho do museu   ainda mais significativo e importante, pois,   um lugar específico que reúne parte da memória local despertando nos visitantes das belezas naturais, também o interesse pela história e pela memória local.

Imagem 19 - Fachada do Museu Histórico de Carolina²⁶.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga, 2021.

A História da Cidade de Carolina já mencionada em Eloy Coelho Neto (1979), afirma que essa cidade viveu seus momentos de destaque regional e nacional na primeira metade do século XX, e durante algum tempo foi polo cultural, econômico e cultural da região tocantina, e devido a esse momento singular na sua História, esse passado é lembrado com nostalgia, sendo considerada por muitos, na atualidade como a cidade do “já teve”, uma expressão bastante encontrada no vocabulário do carolinense, em virtude exatamente desse passado resgatado por Coelho Neto (1979), e o que sobrou para os jovens na atualidade é saírem de sua localidade para grandes centros urbanos em busca de estudo e oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

Na visão de Menezes (2019) essa realidade vem se alterando novamente, primeiro: negativamente, devido à construção da Barragem Hidroelétrica de Estreito do Consórcio Estreito Energia (CESTE); e segundo: positivamente, com advento do turismo ecológico praticado nessa localidade; após a criação da unidade de conservação ambiental: Parque Nacional da Chapada das Mesas, o fluxo de visitantes nessa localidade aumentou consideravelmente. Para o autor;

O município vem sofrendo modificações nos últimos anos, como a construção de um complexo hidroelétrico, gerando inúmeras alterações na geografia e no modo de vida de seus habitantes. Além disso, a formalização do ecoturismo proporcionado pela Chapada das Mesas aumentou de forma considerável os fluxos comerciais na região. Com essas mudanças a comunidade passou a sentir a necessidade de gerenciar seu passado, uma vez que antigas referências passaram a ser gradativamente modificadas (MENEZES, 2019, p.23).

²⁶ Lugar que reúne grande parte da memória local, mantido pela iniciativa público/privada.

Com a construção da Usina Hidroelétrica de Estreito (UHE), a paisagem geográfica carolinense tem se modificado bastante, principalmente nas regiões ribeirinhas ao Rio Tocantins, a maior delas, acreditamos nós, seja a falta da praia que se formava do lado tocantinense do rio, no município de Filadélfia/TO, que recebia visitantes de vários lugares que vinham apreciar o período de veraneio nas praias de Filadélfia e Carolina, e por causa do lago da Usina Hidroelétrica isso não mais ocorreu. O Consórcio Estreito Energia (CESTE) construiu uma praia artificial, também do lado tocantinense, no entanto, ainda não caiu no gosto popular.

Destacamos que não é nosso intuito nesse trabalho discutir as problemáticas causadas pela UHE, em Carolina, talvez essa seja uma discussão ainda mais densa para a continuidade de nossos estudos, mas aqui, nesse trabalho dissertativo, buscamos apenas perceber o afloramento de memórias locais com imagens que representem os espaços de memória do povo dessa cidade, que se viram mais evidentes após a construção desse importante empreendimento gerador de energia para todo o país. As praias e o período de veraneio com elas é parte integrante da memória local e regional, inclusive já mencionado por alguns autores regionalistas nesse trabalho a exemplo de Maranhão (1978).

Imagem 20 - Fila da praia²⁷.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Carolina, final dos anos 1990.

Segundo Menezes (2019), o Museu Histórico de Carolina, por ser um museu de cidade do interior, “abrange uma teia de relações sociais, culturais, econômicas e

²⁷ Demonstra a espera na antiga beira rio de Carolina, para poder atravessar para as praias no período de verão entre as cidades de Carolina/MA e Filadélfia/TO. Toda essa paisagem urbana fora modificada com a elevação do lago da UHE de Estreito.

principalmente políticas, correspondentes à lógica de uma cidade de interior” (p.24). O autor alerta para as particularidades de museus de cidades do interior que geralmente são criados pela iniciativa local sem muito apoio dos governos estadual ou federal. Muitas vezes a manutenção do museu depende também do interesse público municipal sujeito às políticas governamentais interioranas.

O museu é um importante lugar de memória local e regional e segundo o pesquisador, preserva grande parte da História do passado grandioso de Carolina e região, destacando alguns pontos como educação, comércio, transporte dentre outros:

O primeiro ponto de destaque é a Educação. Ela possuía os mais importantes centros de ensino regular e técnico-profissionalizante, conhecidos como Ginásios. O Ginásio Sertão Maranhense era um deles e chegou a receber jovens de toda a região sul do Estado. Na época, era muito comum migrar para Carolina durante o período de formação escolar. O Educandário Nossa Senhora da Piedade é outro exemplo (MENEZES, 2019, p.38).

Assim como mencionado por autores que trabalham a memória de Carolina de forma regionalista, o pesquisador expõe também aspectos ligados à importância social, política e econômica da cidade de Carolina dos anos 1950 e 1960, a exemplo de suas instituições educacionais como referências regionais. A cidade era conhecida como polo educacional naquela época, o Colégio Nossa Senhora da Piedade, citado pelo autor, é onde atualmente está estabelecida a sede do Colégio Santa Cruz, Unidade Carolina, que após a passagem de outras ordens religiosas chegou à atualidade com essa razão social.

Tendo sido, anteriormente, Educandário Nossa Senhora da Piedade, escola de formação feminina, Colégio Dom Emiliano Lonate (CODEL), conhecido e lembrado por muitos moradores da cidade por sua arquitetura colonial franciscana, demolido em 1998, para dar espaço às Irmãs Benedictinas da Divina Providência, com a promessa de modernização e inovação, construiriam o Colégio Divina Providência que exerceu suas atividades até o ano de 2013.

De 2014 para cá as dependências dessa escola passou para a responsabilidade dos Padres Orionitas de Araguaína. Graças a uma solicitação feita pela Diocese de Carolina, na figura do ex-bispo da Cidade Dom José do Egito, que acreditando no trabalho e nos filhos de São Luís Orione para manterem a escola funcionando. Essa unidade escolar está localizada exatamente na Praça José Alípio

de Carvalho, mesmo espaço de confluências e de vivências da Rua Grande, no centro da cidade.

Voltando à reflexão que Menezes (2019) nos propõe sobre o passado glorioso carolinense, aponta o comércio local como importantíssimo, pois, segundo ele:

No comércio, o porto fluvial da cidade era importantíssimo. Com elevada frota de barcos, a Princesa se destacava pela quantidade de pessoas e mercadorias que por ali passavam. Havia, inclusive, um escritório da Capitania dos Portos, algo notório. O posto de fiscalização era responsável pela vistoria de embarcações e mercadorias (*Ibidem*).

Qual projeção tinha Carolina perante outras localidades no sul do estado do Maranhão e antigo norte goiano atual Tocantins, pra conseguir reunir num lugarejo pequeno, tão significativa redoma social? Respondemos, Carolina possuía as insígnias reais de princesa, como dissemos anteriormente nesse trabalho.

Era um lugar já conhecido, um importante entreposto comercial e cultural na região tocantina. O apogeu social e político foi tamanho que no interior do país fora criado um aeroporto de reponsabilidade federal, cuja cidade escolhida para sediá-lo fora Carolina. Explica Menezes (2019):

Outra questão importante foi o aeroporto. Foi uma das primeiras cidades do norte do país a construí-lo, recebendo, no início da década de 1960, até sete companhias aéreas. Parada obrigatória para abastecimento, Carolina recebia um grande fluxo de pessoas: passageiros de voos nacionais e internacionais. Em muitas ocasiões, era comum pernoitar na cidade ou até mesmo passar breves temporadas. Pilotos e turistas acabavam se casando com carolinenses (*Ibidem*).

Alfredo Maranhão, já citado algumas vezes nesse trabalho, sempre enaltece em suas obras literárias o caráter inovador e progressivo que a construção do aeroporto de Carolina representou para a sociedade local e Menezes (2019) corrobora com os apontamentos de Maranhão. No entanto, nem tudo são flores, e o país precisou se modificar ainda mais. Juscelino Kubitschek de Oliveira venceu as eleições para presidente e resolveu dar ao país uma nova capital Federal, Brasília, em pleno planalto central, e de Brasília proveio aquela que colocaria Carolina dentro de um processo de estagnação profundo, a rodovia Belém-Brasília, que levou para as cidades que a margeavam o tão esperado e sonhado progresso.

Aquilo que antes passava por Carolina, por céu ou rio, passou a ser transportado por terra, pela referida rodovia federal. E ao fazer analogia à realeza brasileira, o autor afirma que “a Princesa aos poucos perdeu seu título de nobreza. Com a nova rodovia, novas cidades surgiram, e outras pequenas entraram em

fauna e da flora dessa localidade. São Cachoeiras, rios e piscinas naturais de águas cristalinas, em meio a grandiosos paredões rochosos, grandes responsáveis pelo crescimento da atividade turística em Carolina e região. Nesse contexto, com a criação do parque e o aumento do turismo local, tudo foi ganhando novas formas inclusive a paisagem urbana, casas e casarões antigos, do centro da cidade tornaram-se hotéis, pousadas e hospedarias, ruas, praças, a beira rio que sofreu o grande impacto do alagamento do lago da Usina Hidroelétrica de Estreito.

Todas essas transformações tornaram Carolina, na cidade que ela é hoje, no entanto, a exploração turística desenfreada permitiu a modificação do patrimônio histórico e cultural do centro da cidade, principalmente da Av. Getúlio Vargas de forma a não obedecer a nenhum critério de tombamento Menezes (2019, p.46) como fica então a preservação do patrimônio arquitetônico local? Por esse motivo os filhos de Carolina que moravam em Brasília se uniram e fomentaram a Ideia do MHC que essa preservação se fez mais marcante e significativa, e o marco temporal foi 2015.

O Parque Nacional é repleto de atrações naturais tais como as cachoeiras de São Romão, a Cachoeira da Prata, são cachoeiras grandiosas e belíssimas. O Morro das Figuras, com inscrições rupestres e as trilhas ecológicas e o imponente Morro do Chapéu, cartão postal da Cidade. O parque é de responsabilidade do Instituto Chico Mendes, (ICMBIO), entidade responsável pela preservação do meio ambiente, da fauna e da flora locais, principalmente do bioma cerrado.

O mundo muda e com essa pequena cidade do interior do país não seria diferente, o que tem se buscado na atualidade com o desenvolvimento do turismo nessa localidade e as atividades de preservação da memória local por meio do Museu Histórico de Carolina, é exatamente preservar a História, a Memória e a identidade do lugar, não deixando desaparecer características da História local e regional buscando ainda a aceitação das novas abordagens tecnológicas e urbanas que o progresso econômico, cultural, político e financeiro que essa cidade tem vivenciado nos últimos anos com o advento da exploração do turismo comercial local. Carolina é uma das cidades promissoras em questão de turismo, capaz de, daqui a alguns anos, e investimentos assertivos dos setores públicos e privados, tornar-se um dos grandes Polos turísticos brasileiros.

4 OS REGISTROS DE MEMÓRIAS COM IMAGENS: NO PERFIL DO *INSTAGRAM*, EM RODAS DE CONVERSA E NO ALBÚM

Nessa sessão apresentamos os resultados de nossa pesquisa desenvolvida a partir do perfil do Instagram *@imagens_quecontamhistoria*, onde nos foi possível lidar com alunos e comunidades que participaram da dinâmica dessa pesquisa, seguindo, compartilhando, comentando e dando *likes* no nosso perfil na rede-social. Bem como das duas rodas de conversa que nos foi possível realizar especificamente com os alunos do 8º e do 9º ano do Colégio Santa Cruz. Infelizmente, esse período pandêmico mundial nos deixou desamparados quanto ao quantitativo total dos alunos participantes dessa pesquisa de forma presencial, pois o colégio adotou o formato híbrido de ensino nesse percurso e com parcelas dos alunos em sala e outra parcela em casa, assim pudemos realizar esse diálogo.

Num primeiro momento desse ponto de discussão apresentamos as considerações acerca das imagens apresentadas no perfil do *Instagram* e num segundo momento mostramos as considerações feitas durante nosso bate-papo com os alunos. Para o melhor transcorrer desse percurso, destacamos algumas imagens importantes, ao nosso ver, para a História local, apresentadas na dissertação em sua totalidade e distribuídas entre o perfil e as rodas de conversa, sendo o primeiro grupo de imagens presentes no *Instagram* e no segundo, as primeiras imagens presentes no próprio texto dissertativo aqui demonstrado. Optamos por mostrar essas imagens diretamente da dissertação por acharmos pertinente, para os estudantes, conhecerem melhor o transcurso de uma pesquisa acadêmica como essa.

No perfil *@imagens_quecontamhistoria* foram disponibilizadas regularmente algumas imagens históricas da cidade, imagens de lugares representativos da História local, sempre com um questionamento que leva o visitante do perfil a refletir, lembrar, rememorar sobre sua vivência e experiências vividas pelos ambientes nas imagens apresentados. São ruas, praças, fachadas de casas antigas, imagens do rio, de pessoas, do barquinho que fazia a navegação no passado, enfim, lugares de memória.

Fizemos então as postagens dessas imagens no perfil e tanto os estudantes e a comunidade em geral puderam visualizá-las e refletir a partir da apreensão das imagens, pedimos então para que todos que as visualizassem na rede social, naquele

perfil do *Instagram*, pudessem observá-las e apreender delas aquilo que lhes fossem pertinentes e importantes, seus olhares e observações a respeito dessas imagens.

O próximo passo então, a escolha das imagens, optamos pela utilização de algumas imagens que esse pesquisador mesmo produziu e outras pertencentes ao acervo iconográfico do Museu Histórico de Carolina, nosso grande parceiro nessa pesquisa e importante lugar de memória local. O critério de escolha das imagens foi o nosso olhar sobre a História local a partir de visitas, ainda antes do período pandêmico, e nessas visitas e amostragem histórica propostas nas exposições do MHC, foi traçado um roteiro de quais pontos seriam interessantes elencar nessa amostragem das imagens, principalmente os ligados a momentos significativos da História dessa cidade. Optamos por elementos que consideramos importantes e significativos para a História Local.

Não buscamos nesse trabalho elencar a história que todos contam, nem uma analogia ou paridade com a as memórias do Museu, mas a partir delas traçar a nossa visão e versão da História local, por isso os lugares ganharam destaque nessa pesquisa e não da forma tradicional que a História carolinense se configura. Não pela História dos políticos importantes, das famílias mais ricas e influentes do local, mas da História vista a partir dos atores sociais e locais representativos da memória e da História dessa cidade, a exemplo: uma residência sertaneja, a praça Alípio de Carvalho, a Av. Getúlio Vargas, as mangueiras seculares no largo da “Rua Grande”, do Rio Tocantins etc.

O nosso intuito não era escrever nem mostrar mais do mesmo, por isso nos propusemos em criar nossa “amostra de arte” com as imagens, sobre Carolina, apresentada no perfil do *Instagram* @imagens_quecontamhistoria. São apenas 24 imagens que para nós, representam a nossa visão dessa História. Uma pequena parte de uma História ainda maior.

A primeira imagem que apresentamos foi a de um lugar de memória bastante simbólico para todos os Carolinenses, a Catedral de São Pedro de Alcântara, cartão postal da cidade e igreja sede da Paróquia de São Pedro e da Cúria da Diocese de Carolina que compreende treze cidades da região do sul do Maranhão, e, mãe da diocese de Imperatriz.

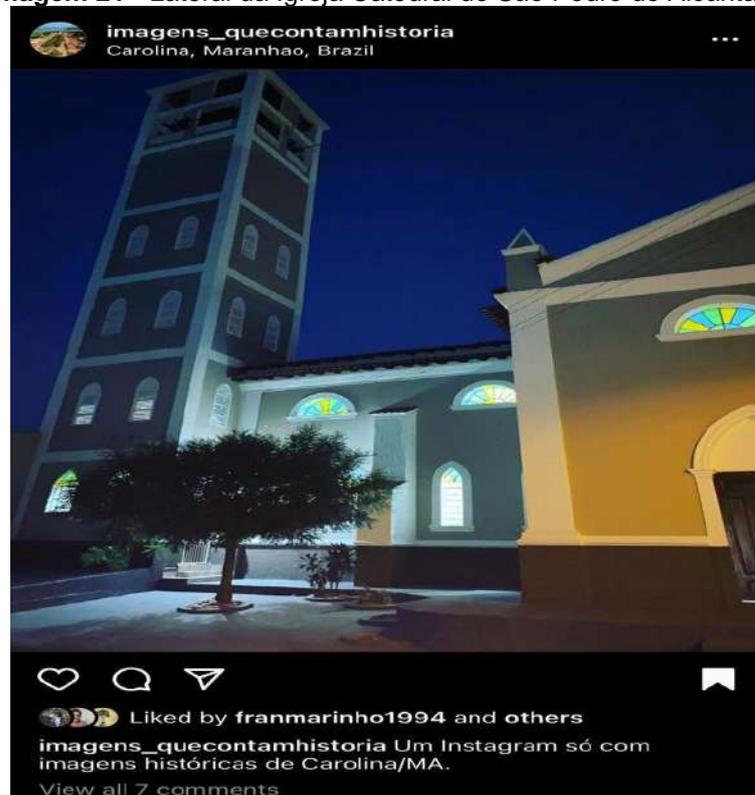
As imagens expostas nessa sessão são as mesmas que expusemos no perfil do *Instagram*, extraídas de lá através de *prints* de tela feitos do próprio aparelho de telefone celular. Já no processo de recolhimento de informações e dados de pesquisa,

consideramos mais interessante fazer dessa forma, pois, assim, demonstraríamos com maior evidência as opiniões e memórias ali expressas, transcrevendo também algumas falas ali presentes.

4.1 Do perfil *@imagens_quecontamhistoria*

Transcorreremos agora sobre as imagens que apresentamos no perfil do *Instagram* e as considerações feitas por parte dos visitantes e seguidores do perfil, aqui transcritas assim como estão lá na internet, nessa rede social que já somam 231 seguidores, mais de 500 *likes* e pouco mais de 50 comentários, consideramos que a atividade do perfil tenha sido até sua análise um sucesso do ponto de vista daquilo que pretendemos nos objetivos dessa pesquisa dissertativa. Nesse estamento da pesquisa dividimos os comentários identificando os participantes entre aluno/aluna e comunidade, para identificar os alunos que fizeram seus comentários e as pessoas da comunidade, tanto moradores de Carolina quanto daqueles que mesmo distantes quiseram fazer sua participação nesse trabalho.

Imagem 21 - Lateral da Igreja Catedral de São Pedro de Alcântara.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga (2021).

A imagem acima, foi a primeira que postamos no perfil, ela recebeu oito comentários, dentre eles, alguns com representações de reações que o próprio aplicativo prevê, palminhas, rostinhos com corações. Expressões do tipo: “Lindo” ou “que linda imagem.” Essa foi nossa primeira interação no perfil e portanto, ainda sem muita familiaridade com aquilo que nos propusemos.

Colocamos a seguinte frase de efeito e informação na imagem: “um instagram só com imagens Históricas de Carolina/MA, um total de 62 pessoas visualizaram a imagem mas apenas oito produziram comentários. Três comentários escritos nos chamaram a atenção vindas dos perfis @lipeandre14, @lav.dourado e artur_carck, os nomes nos perfis são bastante particulares de cada participante do aplicativo em questão, e também para que não hajam perfis de nomes iguais.

O primeiro perfil @lipeandre14 (comunidade), escreveu o seguinte:

ver a imagem dessa imponente catedral, me traz lembranças tão fortes, das missas aos domingos em que ia com meus primos quando éramos pequenos, para a famosa missa das 9h, a missa das crianças. O tempo passou e a catedral continuou se fazendo presente na minha vida, pois os ensaios do ministério de música que fiz parte eram na catedral.

Fiz parte de um ministério de coreografia da igreja e os ensaios também eram na catedral. Eu ousou dizer que essa igreja, em muitos momentos, chegou a ser a extensão da minha casa, pois era um lugar dos mais frequentados por mim nos tempos de minha adolescência! Quanta Saudade! Que tempos maravilhosos e preciosos eu vivi nesse lugar.

O Comentário do segundo perfil de @lav.dourado (aluna), disse que “a igreja católica tem tanto que contar, tenho honra de ter recebido o sangue e o corpo de Cristo nessa igreja”. Já o terceiro perfil @artur_carck (aluno), que comentou exclamou: “lembro-me de quando estudava a catequese ali do lado e sempre que acabava eu ia para a igreja. Foi nessa igreja que eu tive a honra de receber o sangue e o corpo de Cristo”.

Percebemos que a relação dos indivíduos com imagens da Igreja tornou-se próxima ao visualizarem-nas em suas telas. O perfil de @franmarinho1994 (comunidade), disse “que imagem linda”, já os perfis @anatacf (aluna), @franca.gabs (aluna), colocaram apenas figurinhas representativas de felicidade por verem a imagem.

O perfil de @edimersandes (comunidade), disse apenas “linda” e completou com um emoji do próprio aplicativo, que contempla dizer que adorou a imagem, e por

fim o perfil de *@bela.mendes*, também compartilhou as palmas pela imagens, essas palmas são emojis do próprio aplicativo Instagram.

É evidente o despertar de sentimentos nas falas dos comentaristas, ao expressarem “Quanta saudade”, sentimento que só para o português brasileiro tem um termo específico: a saudade, ou até mesmo “*honra*”, de ter participado da comunhão católica nesse tempo religioso, honra e saudade estão aí expressando a memória de um tempo já vivido, e que ficou no passado mas que traz em suas mentes a boa lembrança resgatada por suas memórias.

Quando iniciamos essa pesquisa ainda vivíamos livres e desempeidos sem medo de qualquer perigo visível ou invisível, no entanto, com o advento da pandemia mundial da Covid-19, que no Brasil parece ter se tornado ainda mais grave pela falta de empenho do governo federal em olhar com seriedade para o problema, e tentar encontrar uma solução que pudesse salvar milhares de vidas de brasileiros que se foram e deles nos restarão apenas a memória.

Diante disso, nossa segunda postagem no perfil dessa pesquisa, foi exatamente a de um dia bastante simbólico e significativo para todos nós, um dia que aflora nossas emoções e nos faz lembrar nossos entes queridos que já partiram para a eternidade. A imagem a seguir é do dia 2 de novembro de 2020, um dia de finados, que auxiliamos na animação musical da celebração da missa do dia de finados, presidida pelo Bispo Dom Francisco Lima Soares, missa campal, obedecendo, obviamente as restrições sanitárias da pandemia.

O dia de finados é sempre um dia recluso, calmo, tranquilo, que desperta em nós nossas emoções, que faz com que nos recordemos de nossos queridos parentes, amigos e conhecidos que já estão na morada eterna. Essa imagem teve bastante visualizações. A imagem é diretamente do cemitério Campo da Saudade, próximo à Igreja catedral, apresentada na primeira imagem e de onde também se tem visão da torre imponente da igreja de São Pedro de Alcântara, aquele que dizem os mais velhos, detém a chave do céu sob sua tutela.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga

Nessa imagem propusemos a seguinte inquietação: “Dia de finados em Carolina/MA, quais as lembranças que essa imagem pode nos trazer?” Explicando ainda sobre a imagem que ao fundo estava a torre da igreja matriz e fazendo mais uma inquietação, que relação podemos fazer entre essa imagem e a imagem das catatumbas no “campo santo” e a fé cristã católica?

Provocar a inquietação foi algo que nos fez perceber e focar sobre o que cada comentário poderia nos mostrar de suas memórias, no entanto, acreditamos que pela complexidade que envolve a morte, a fé cristã católica e as vezes nós não sabermos nem distinguir nossos sentimentos advindos de nossas memórias, essa foi uma dificuldade para com a produção dos comentários dos participantes, alguns estudantes e pessoas da comunidade visualizaram a imagem e curtiram-na num total de 65 pessoas, mas apenas oito escreveram: *@itali_fveloso* “*essa foto traz uma grande saudade dos meus entes queridos*”, *@anatacf* (comunidade), disse: “*Saudades dos meus entes queridos que estão aí*”, *@edimersandes*, colocou alguns emojis do próprio aplicativo com referência à saudade e a fé.

A visitante cujo perfil é *@lav.dourado* (aluna), comentou “*traz uma dor no coração, tantas pessoas que estão aí. É muito triste*”, já *@anagabrielacoelhogomes* (aluna), expressou que “*traz momentos de tristeza e histórias de vidas que estão se encerrando. Esse local nos deixa sensíveis porque quando visitamos, lembramos de histórias marcantes em que pudemos estar presentes*”.

O perfil de @luaspeck (comunidade), apontou que a imagem representaria a “fé e o meu amigo Alan que está ai e colocou um coraçãozinho. @artur_carck (aluno), disse que “a fé católica está presente nas cruces que é simbolo do sacrifício de Jesus”, e o perfil de @marineidawalker (comunidade), falou sobre as “lembranças de familiares e amigos que ali jazem, trazê-los à nossa memória, o tempo vivido e curtido ao nosso lado. A torre da igreja matriz é a personificação da matéria ida e o espírito que vive através da fé, por Cristo morto e ressuscitado”.

É claro que pelo clamor que o dia de finados propõe, o misto de sentimentos é evidente a as inúmeras memórias evocadas ao ir a um lugar de tamanha representação para todos que lá vão homenagear seus entes queridos, é lógico que a saudade é o sentimento de ordem a partir da evocação dessas memórias, e também, muitos momentos de alegria e felicidades vividos com aqueles que já partiram.

A torre da igreja possui, assim como colocaram alguns, a materialização da fé e da crença católica da ressurreição em Cristo Jesus, filhos de Deus Pai, como expresso em alguns comentários. De já, observamos que imagens simples, com significados e elementos diversos podem sim, e fazem isso, evocar memórias do mais profundo de nossas mentes e nos fazer trazer à tona sentimentos e pensamentos por vezes silenciados nos nossos cotidianos.

A terceira imagem que apresentamos no perfil do instagram @imagens_quecontamhistoria mostra a Avenida Getúlio Vargas, uma mangueira centerária, mais algumas fachadas das casas que fazem parte do centro histórico local, bem como sua harmonização com a bucolidade que a imagem apresenta. Na referida imagem propomos a seguinte introdução: uma imagem que conta uma História da Rua Grande (av. Getúlio Vargas) na cidade de Carolina, a rua das mangueiras seculares. E perguntamos aos visitantes, você conhece a Av. Getúlio Vargas em Carolina/MA? Quais experiências você se recorda ao visualizar suas mangueiras seculares e parte de sua arquitetura?

Imagem 23 - Fachadas na Rua Grande²⁸.

²⁸ Com visão para uma das mangueiras seculares e para algumas das fachadas das residências históricas dessa avenida.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga

Os visitantes participaram, um total de 56 pessoas visualizaram a imagem e curtiram-na. Desse montante apenas sete fizeram alguns comentários: @izador_abs (aluna), disse:

na minha primeira viagem para Carolina/MA, fiquei hospedada na pousada dos Candeeiros, que fica na Avenida Getúlio Vargas e eu acho incrível as lindas mangueiras e suas arquiteturas. E que várias pessoas possam conhecer essa praça tão tradicional da nossa querida cidade.

Já o perfil de @gabrielsousa_e.santo (comunidade), escreveu: “até hoje costumo fazer sempre o mesmo trajeto para ir a missa. Brinquei na praça. É um acervo muito grande em nossa cidade, de casas e pessoas de tradição”.

O perfil de @edimersandes apenas expressou com a palavra “saudades” e dois emojis do próprio aplicativo. @_marinaj08 (comunidade), disse: “as mangueiras dessa rua me lembra nosso festejo de São Pedro de Alcântara”. @anagabrielacoelhogomes (aluna), afirmou que “essas mangueiras puderam ver a trajetória de nossa cidade, o quanto foi modificado mas sem perder sua essência”.

O perfil de @luaspeck (comunidade), escreveu que: “me lembra as noites frescas, sentada e conversando com amigos”, e colocou também um coraçãozinho próprio do aplicativo. @franmarinho1994 (comunidade), disse que “ficava ali embaixo, conversando e comendo manga”. Sim as mangueiras ainda dão bons e suculentos frutos todos os anos. Esse que vos escreve também já aproveitou dos frutos dessas

mangueiras seculares e acreditem, a cada ano que passa, elas parecem ficar mais saborosas.

A quarta imagem que disponibilizamos no perfil foi a de um dos casarões mais belos que há em Carolina, construído no período em que a cidade vivenciou seu apogeu econômico, social e político, uma representação da arquitetura de luxo que o próprio período histórico da cidade propunha.

Imagem 24 - Casarão Histórico.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga

Propomos ainda a seguinte indagação: A arquitetura em Carolina é um dos presentes visuais que a cidade oferece aos moradores e a seus visitantes. Essa é uma residência tradicional desse município, situado na Av. Elias Barros, via que leva o nome do seu fundador Elias Ferreira Barros. O que você consegue se recordar ao se deparar com imagens do patrimônio arquitetônico de Carolina? Você conhece a Av. Elias Barros, nessa cidade?

Essa imagem obteve até o momento em que escrevemos essas linhas, 59 visualizações/curtidas e 6 comentários, que são eles: *@lav.dourado* (aluna), “*eu não sei o motivo mas quando eu passo por aquela casa, eu sinto que ela tem muitas histórias para contar, é um lugar importante para todos nós*”. O perfil de *@anagabrielacoelho* (aluna), comentou: “*as casas são bem tradicionais em*

relação a essas cidades do interior, por meio dessas casas podemos sentir aconchego e embrar de todas as histórias que aconteceram lá, que sempre vão ficar em nossas memórias”.

O perfil *@lucas.leite.lucena* (comunidade), teceu dois comentários sobre essa imagem, no primeiro ele disse: *“Conheço bem a Av. Elias Barros, sequei as canelas andando por ela, indo pra beira rio pegar o ônibus pra ir pra faculdade em Araguaína”*, já no segundo escreveu: *“Me recordo de quando era criança, tinha medo dessa casa, parecia o castelo do Drácula”*. *@luaspeck* (comunidade), comentou que *“sim! Me recordo bem e também tinha medo de passar de noite por ela”*. O perfil de *@heitorcavalcantereal* (aluno), comentou *“não sei porque mas certas construções me fazem achar que elas foram feitas destes jeitos pra ficar na história como o nosso rústico, né?”*

Imagem 25 - Vista frontal da Praça José Alípio de Carvalho²⁹.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga (2021).

A quinta imagem que apresentamos foi a da praça José Alípio de Carvalho, onde se finaliza ou dependendo da visão, inicia-se a Av. Getúlio Vargas, com ênfase

²⁹ Onde finaliza a Rua Grande em frente ao prédio da prefeitura de Carolina/MA.

nas mangueiras imponentes que ali há e no prédio público do Centro de Apoio ao Turista, no centro da cidade. Local também conhecido como praça da prefeitura.

Essa imagem recebeu 52 visualizações/curtidas, no linguajar do aplicativo, e cinco comentários, são eles o de *@blackpink.blackrs* (aluna):

a experiência que já tive lá foi quando eu saio com uma amiga e a gente se diverte lá e assim há muitas modificações lá, mas se fosse pra fazer alguma nova modificação seria bom se não fosse uma que afetasse o lugar e sim uma que deixaria mais harmonioso.

E ainda, *@mariadosanjossousa* (comunidade), “*fui acolhida por essa praça quando me mudei para Carolina em 2013. Gostava de caminhar admirando as mangueiras e vendo Sarah, então com 6 anos, pedalar sua bicicleta*”.

O perfil de *@edimersandes* (comunidade) apenas comentou “*né linda*”, e colocou um emoji próprio do app. *@artur_carck* (aluno), comentou o seguinte: “*de experiencia o que eu tenho é que, toda vez que eu ia para minha escola eu passava por esse lugar, mas sempre que passava por esse local eu me perguntava qual era a História desse monumento e qual era a importância dele para Carolina*”. O monumento citado pelo comentarista é o símbolo do Rotary Clube, de Carolina, associação recreativa que teve participação ativa na sociedade Carolinense em seus tempos de apogeu social.

A praça em questão, é um dos grandes locais de movimentação social nessa cidade no passado, hoje em dia é local de passeios, onde os turistas e moradores passam o final da tarde, é nela onde há um dos quiosques mais antigos da cidade, o Lanche Central, que já está ali há mais de 50 anos. Uma curiosidade é que ainda na atualidade existem pessoas que consomem alguma coisa do estabelecimento e pedem para anotar.

O perfil *@franmarinho1994* (comunidade), falou saudosisticamente “*quanto tempo não vejo esse lugar*” e colocou um emoji próprio do app com uns corações. Esse local, em Carolina, é um dos mais importantes lugares de memória, a nosso ver, sendo palco de grandes eventos políticos, comerciais e culturais assim como apontaram alguns autores locais na explanação que fizemos na seção anterior.

A sexta imagem que disponibilizamos é da praça do mercado municipal, considerado, no passado, um importante entreposto comercial da região tocantina. Situado na Rua Diógenes Gonçalves, no centro da cidade, paralelamente à antiga Rua Grande. Essa imagem obteve 47 (quarenta e sete) visualizações/curtidas, e

quatro comentários que refletem a memória desse lugar. Apresentamos a imagem com a seguinte proposição: “o mercado municipal de Carolina nos traz memórias de uma época onde o principal ponto de encontro comercial era nesse local. Você conhece o mercado municipal de Carolina? Quais lembranças você tem ao observar essa imagem?”

Imagem 26 - A Praça do Mercado Municipal de Carolina.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga

Uma dificuldade que percebemos ao mostrar essa imagem é que poucos alunos a comentaram, e apenas com figurinhas ou emojis, o que demonstra que seu envolvimento para com esse local é pouco afetivo, no entanto, já com as pessoas da comunidade observamos quatro comentários, dentre eles está, @lipeandre14 (comunidade):

Quando visualizei esta imagem muitas coisas boas passaram pela minha cabeça. O mercado municipal, fez/faz parte da vida de praticamente todo cidadão carolinense. Lembro-me também do meu tio que trazia desse mesmo mercado os bolos de manguão e a famosa “orelha de macaco” para o café da manhã dominical. Quantas saudades!

O perfil @franmarinho1994 (comunidade), expressou apenas que “lembro-me desse lugar”. @franlaurinhabernardo (comunidade), disse “tenho várias lembranças, principalmente quando meu padrasto me mandava ir lá comprar carne e falava que o

troco poderia ficar comigo para comprar o que eu quisesse". O perfil *@iaracouppell* (comunidade), afirmou: *"sim, quando eu era criança e ia lá com meu pai"*. As memórias não se limitam à passagem pelo lugar, elas vão além. Passam pelo sentimento e as emoções, trazendo lembranças ligadas ao tempo vivido, a momentos compartilhados com familiares, amigos, conhecidos. Ligadas a relações afetivas, profissionais ou apenas de descontração.

Em algum momento, a imagem, o lugar, e a memória se entrelaçam numa evocação também histórica do passado que possa fazer referência não só a indivíduos, mas a todo um coletivo que em algum momento vivenciaram e formaram, melhor dizendo, construíram aquela memória evocada. E a cada dia, mês ou ano que se passar ela ainda será mais forte e saudosística. Esses momentos que construímos em um passado juntos, sempre serão retomados quando nosso contato com algum objeto, lugar, imagem e etc, que possa nos levar a evocação daquela memória vivida.

Imagem 27 - Lateral da Igreja de São Pedro de Alcântara.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga (2021).

A sétima imagem que compartilhamos, também é da Rua Grande, da lateral esquerda da catedral, olhando para algumas das fachadas das residências tradicionais dessa via. Nessa imagem propomos a seguinte frase de efeito para incentivo nos comentários: "Mais uma imagem com a avenida Getúlio Vargas, a "Rua Grande" ou "Rua das Mangueiras Seculares". E os seguintes questionamentos: quais

lembranças você tem ao visualizar essa imagem? Quais sentimentos que despertam em você ao visualizar essa avenida na cidade de Carolina?

Essa imagem obteve quarenta e nove (49) visualizações/curtidas, e sete, comentários de alunos e comunidade. O primeiro perfil a comentar foi o *@framarrinho1994* (comunidade), que disse: *“gostava muito desse lugarzinho aí”,* de certo porque deve ter passado alguns momentos nessa paisagem apresentada, no entanto disse apenas isso. *@jesuscoelhod* (comunidade), afirmou *“uma rua muito importante para nossa cidade. Representa muito o acolhimento do carolinense. Lembra minha adolescência e a época do grupo de jovens do qual fiz parte. Dos ensaios na igreja, dos amigos na pracinha”,* uma descrição mais abrangente de uma completude de memórias que se entrelaçam com a visualização da imagem.

O perfil *@julianamarinho* (comunidade), colocou *“na minha infancia a maioria dos domingos a tarde meu pai levava meus irmãos e eu ao rio, como morávamos perto atravessávamos essa avenida sempre”.*

A avenida Getúlio Vargas é uma espécie de elo dos moradores de Carolina, a passagem quase que cotidiana é inevitável para muitos. O perfil *@artur_carck* (aluno), comentou: *“eu lembro que sempre que terminava a missa eu passava por esse local e ficava vislumbrando a praça que é bonita e é cheia das mangueiras maravilhosas, não gosto de manga mas eu acho bonito uma praça com árvores, acho muito bonito”.*

O caminho para a missa, relatado por muitos no caminho da “Rua Grande” é pela presença da igreja matriz ao final da Rua, quase que como um marco de chegada ou de partida.

Já o perfil *@rogeriodealmeidavares* (comunidade), afirmou: *“faz parte na minha infancia”,* não sabemos se numa referência entre passado e presente, mas de certo a importância desse local para o autor do comentário é notória, os dois feitos pelos perfis *@maria_efigenia_sandes* e *@edimersandes* enaltecem a beleza do lugar como *“belíssima imagem”* e *“Amooooooooo”*, respectivamente.

A oitava imagem que apresentamos no perfil foi a do início da Avenida Elias Barros, via que leva o nome do fundador dessa localidade. Na imagem podemos visualizar o palácio onde é a sede da Prefeitura Municipal de Carolina (lado esquerdo da imagem) e um casarão antigo em ruínas, que no passado hospedou alguns correligionários do movimento do tenentismo presente na História brasileira (no lado direito da imagem). E mais ao fundo do casarão, o Colégio Santa Cruz, Unidade Carolina. Essa imagem teve 47 curtidas, mas apenas dois comentários, que são eles

de @elietecunhalima (comunidade) que disse “*belas recordações dos desfiles de 07 de setembro ... pena que hoje em dia já não são tão belos assim*”, pela experiência que temos de vida em Carolina, podemos confirmar que o principal local de desfiles de 07 de setembro é a praça Alípio Carvalho, onde estão localizados esses prédios apresentados nas imagens.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga (2021).

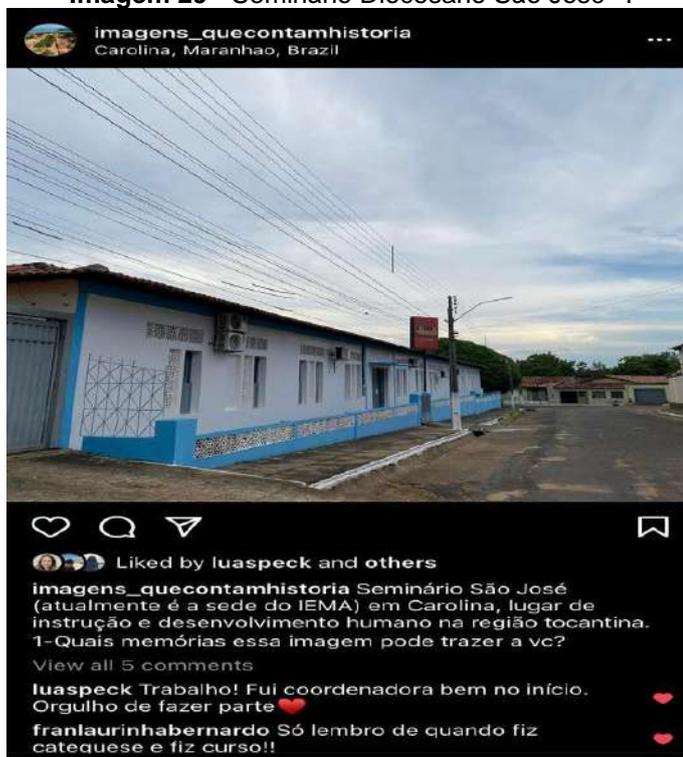
Geralmente as autoridades se posicionam no mastro da bandeira do país e aguardam as escolas públicas e privadas desfilarem suas temáticas nesse dia especial, no entanto, percebemos no comentário feito que, para cada época um sentimento, para cada memória o seu devido valor, explico-me melhor, obviamente que para a comentarista a sua época de desfilar era a melhor, porque é parte dela. Assim como a minha época de desfiles foi a melhor.

O segundo comentário veio de @rafaelcruz82 (comunidade) “*para mim, esse cenário vai me remeter ao Colégio Emiliano Lonati*”, de fato, antes de ser o CSC, ali próximo da prefeitura funcionava o Colégio Divina Providência e antes desse a instituição citada pelo comentarista, o que ainda nos demonstra as transformações vividas nesse importante espaço de memória em Carolina/MA.

³⁰ Com o acervo patrimonial da praça Alípio de Carvalho, com o prédio da Prefeitura de Carolina e de um casarão antigo.

Já debatemos sobre esse assunto em linhas anteriores quando dissertamos sobre a trajetória do Colégio Santa Cruz até chegar à atualidade.

Imagem 29 - Seminário Diocesano São José³¹.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga (2021).

A nona imagem que apresentamos no *@imagens_quecontamhistoria*, foi a do Prédio do Seminário da Diocese de Carolina, que há tempos, mantinham a formação acadêmica de seus religiosos, mas como tudo tem se transformado e a formação dos sacerdotes passou a ser apenas na Capital do estado, em São Luís, e esse prédio na atualidade é cedido ao Governo do Estado do Maranhão para funcionamento do Instituto do Estado do Maranhão (IEMA), instituição responsável pela formação profissional e técnica nesse estado.

Quarenta e seis (46) pessoas curtiram essa imagem e ela obteve cinco comentários, propomos a seguinte indagação junto à imagem “Seminário São José (atualmente é a sede do IEMA) em Carolina, lugar de instrução e desenvolvimento humano na região tocantina. E fizemos o questionamento, quais memórias essa imagem pode trazer a você?

³¹ Prédio Construído pelos Frades Menores Capuchinhos para abrigar o Seminário Menor da Diocese de Carolina, hoje em dia é sede do Instituto do Estado do Maranhão e onde ainda funcionam as aulas de catequese da Paróquia de São Pedro de Alcântara.

Os perfis comentaram em sua maior parte a respeito do caráter formativo religioso catequético feito pela diocese de Carolina, tempos atrás. O perfil *@franlaurinhabernardo* (comunidade) escreveu “*só lembro de quando fiz catequese e fiz curso*”, não especificou sobre como foi esse processo de formação na catequese nem qual curso fez posteriormente, mas demonstrou que possuía uma ligação com o local em questão.

O perfil *@luaspeck* (comunidade), lembrou “*Trabalho! Fui coordenadora bem no início. Orgulho de fazer parte*”, acreditamos que a comentarista se refere ao início de quando os trabalhos do IEMA se iniciaram nessa cidade, pois, esse local passou por uma grande transformação estrutural para que pudesse abrigar a sede do instituto em Carolina. *@erikasantos* (comunidade), apenas mencionou “*catequese*”, *@franmarinho1994* (comunidade) foi mais uma que mencionou apenas “*minha catequese*”.

O perfil de *@rafaelocruz82*, disse: “*Lembro justamente das obras de restauração do prédio. Quando criança, era uma paisagem abandonada.*” As apreensões dos comentaristas em sua maior parte, como dissemos anteriormente versa a respeito do caráter de espaço formador catequético católico, é claro que com o passar dos anos essa referência diminuiu drasticamente.

O prédio fora adaptado para sediar esse importante instituto maranhense, e no seu interior pouco se preservou da sede do antigo seminário católico. A décima imagem que expusemos foi a de um dos casarões mais belos, a nosso ver é um dos mais antigos presentes no acervo patrimonial arquitetônico da avenida Getúlio Vargas, até mesmo artistas de projeção nacional estiveram ali para visitar e passar uma temporada em Carolina.

A artista Gretchen e seu filho, ainda antes de fazer sua transição de gênero, Thamy Miranda, foram agentes de uma boate em Carolina que funcionava nos períodos de veraneio nos meses de julho. Esse casarão fica em frente a uma das mangueiras mais antigas da “Rua Grande”.

Imagem 30 - Casarão antigo na Rua Grande.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga

Colocamos a seguinte frase inicial junto da imagem: “Casario da Rua Grande. Quais lembranças vêm a sua mente ao visualizar essa imagem? Quais memórias podemos resgatar ao observar imagens como essa? Essa postagem obteve 42 curtidas, e apenas um comentário especificamente sobre a imagem, que veio do perfil *@rafaelocruz* (comunidade), que respondeu da seguinte forma: “*São testemunhos visuais e espaços de socialização da memória, onde vivenciamos a história de Carolina. São casas em que moram lembranças da antiguidade de nossa cidade.*” O comentarista, enautece em sua fala a importância e a singularidade de um espaço como uma casa antiga, que guarda não somente sua beleza arquitetônica típica do seu período de construção, mas também, as vivências que por ali passaram construindo as memórias do lugar.

Acreditamos que a dificuldade dos estudantes em fazer comentários em imagens como essa, tenha sido exatamente pelo fato de na atualidade, ocorrer uma grande desvalorização da História e da memória por parte dos mais jovens, que pouco se interessam em conhecer a História de seu local de origem, talvez pela concorrência dos jogos eletrônicos, tablets, redes sociais e etc.

A décima primeira imagem que expomos no *Instagram* foi especificamente a do Colégio do Sertão Maranhense, ainda antes da reforma para se tornar escola de tempo integral realizada no ano de 2016, pelo governo do Estado do Maranhão. O Colégio do Sertão Maranhense é uma das escolas mais antigas da região sul do

estado, e já recebeu estudantes de diversas regiões, até mesmo do antigo norte goiano (NETO, 1979).

A imagem obteve 43 curtidas e também apenas um comentário feito pelo perfil @rafaelocruz (comunidade): “Estudei a segunda parte do ensino fundamental, antigo Ginásio, nessa escola. Na década de 90, as escolas públicas em Carolina tinham uma infraestrutura precária, no entanto, apesar das limitações, ofereciam ensino de qualidade”.

Imagem 31 - Antigo Colégio do Sertão Maranhense³².



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga

A cidade de Carolina sempre foi referência na qualidade educacional de seus estudantes, principalmente vindos de escolas tradicionais, como é o caso do antigo Ginásio do Sertão Maranhense. Acreditamos que um dos fatores que possa ter limitado a participação dos estudantes do 8º e do 9º ano do CSC, onde realizamos a pesquisa com alunos, nessa imagem, seja exatamente pelas diferenças culturais entre a escola apresentada e a escola na qual estudam, da rede particular de ensino no município.

Também é antiga a disputa intelectual entre algumas instituições de ensino dessa cidade. Ano após ano, todas as vezes que se quer fazer um evento que

³² Atual Centro Educa Mais Sertão Maranhense, a imagem apresenta a instituição ainda antes da reforma para se tornar escola de tempo integral.

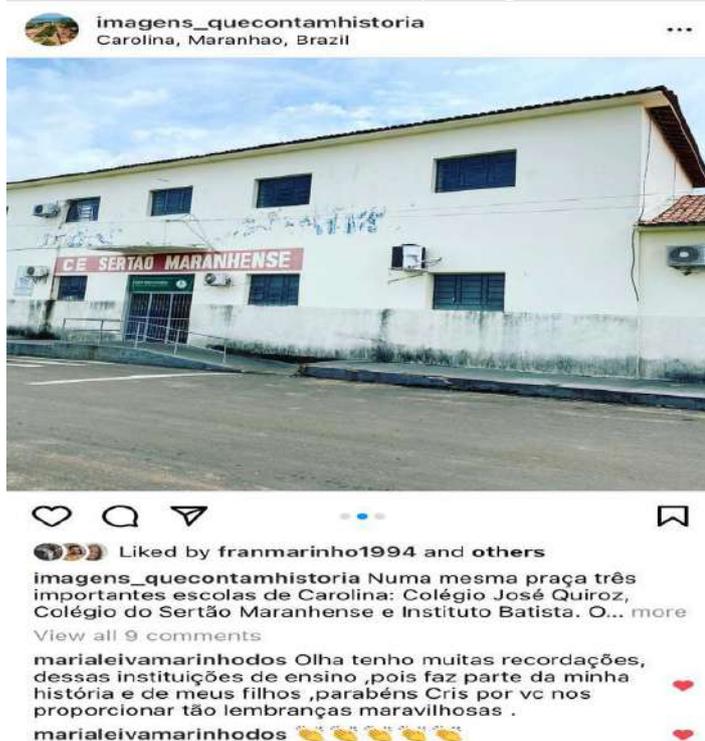
contemple as escolas, sejam públicas sejam privadas, nessa localidade, há sempre uma querendo fazer mais bonito que a outra. O que embeleza ainda mais a festa, a exemplo do desfile do 7 de Setembro.

Imagem 32 - Unidade Escolar José Queiroz.



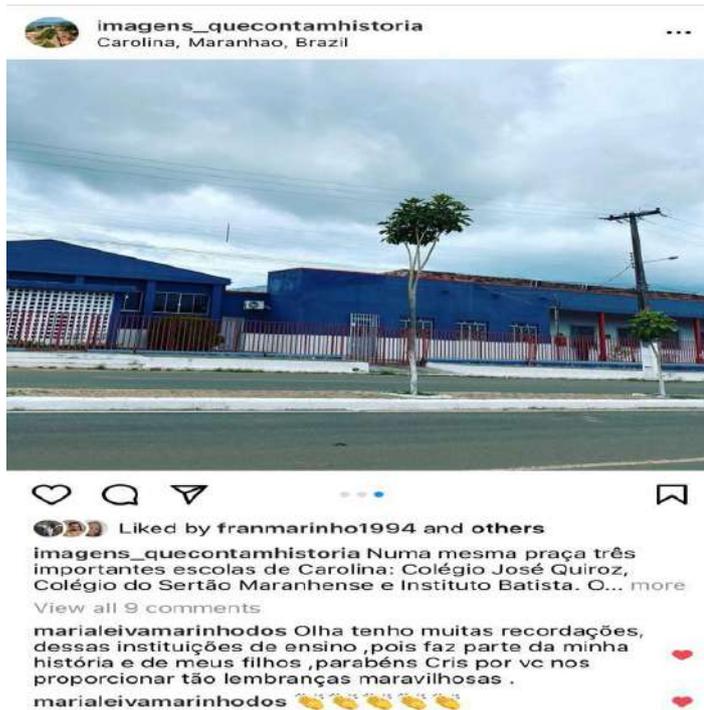
Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga (2021).

Imagem 33 - Centro Educacional de Tempo Integral Sertão Maranhense.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga (2021).

Imagem 34 - Instituto Batista de Carolina.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga (2021).

As imagens 32, 33 e 34, que são, pela linha de apresentação no perfil, a décima segunda, décima terceira e décima quarta, decidimos expô-las juntas pelo fato de fazerem parte do mesmo complexo arquitetônico que compõe a Praça do Estudante, em Carolina. A praça está localizada no centro da cidade, mas pouco distante do complexo patrimonial da avenida Getúlio Vargas.

Nela estão localizadas três importantes escolas desse município: O Centro Educa Mais Sertão Maranhense (antes Ginásio e depois Colégio do Sertão Maranhense, imagem 33), de responsabilidade do Governo Estadual, a Unidade Escolar José Queiroz (primeira unidade de ensino pública municipal de Carolina, imagem 32) e e o Instituto Batista de Carolina (imagem 34), da Iniciativa Privada de reponsabilidade da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista do Brasil (JMN da CBB).

Essas imagens receberam juntas 61 (sessenta e uma) curtidas e 9 (nove) comentários. Propusemos a seguinte frase para incentivar a participação do público: “Numa mesma praça, três importantes escolas de Carolina: Colégio José Queiroz, Colégio do Sertão Maranhense e Instituto Batista de Carolina, com o seguinte questionamento, o que essas escolas e a imagem delas provocam em você que as vê por aqui? Quais as memórias que elas despertam em você?”

Dos comentários, o de @rosana_v_araujo (comunidade), *“desperta saudade, estudei em duas delas. Fica perto da casa de meus pais, já brinquei muito por aí”*. O perfil @marialeivamarinhodos (comunidade) comentou primeiro por palminhas, emoji direto do aplicativo e disse: *“olha, tenho muitas recordações, dessas instituições de ensino, pois faz parte da minha História e de meus filhos, parabens Cris por você nos proporcionar essas lembranças maravilhosas,”* esse último comentário é da Maria minha mãe, ela reside há quase 6 anos em Criciúma/SC, foi embora em busca de oportunidades de trabalho e melhora de vida, e sempre fala de suas lembranças em Carolina, quando me liga, pergunta até das pedras que tinham no quintal de casa.

Continuando com os comentários, o perfil @frnlaurinhabernanrdo (comunidade) disse: *“CESM escola querida, tenho muito orgulho de ter estudado nela”*, já o perfil @silvagonçalvesm (comunidade), exclamou: *“o IBC me trás lembranças de minha infância e adolescência. E pensar que quando somos pequenos queremos crescer! Tempos maravilhosos que não voltam mais...”*. O perfil @gilma.barros.c.m falou: *“Lembranças maravilhosas do início de meus estudos, Colégio Batista de Caorlina, onde tudo começou, Colégio do Sertão Maranhense, tenho a lembrança dos belíssimos desfiles do dia 07 de Setembro”*. O desfile da independência em Carolina, como observado anteriormente em outros comentários, sempre foi uma comemoração importante.

Nessa imagem observamos uma maior participação da comunidade em poder contar sobre aquilo que os fazem recordar-se do seu lugar no tempo e espaço por meio da imagem apresentada. O perfil @pedrocarvalho_ofc1 (aluno) disse: *“As escolas que todos os nossos pais estudaram e hoje são o que são por conta de cada professor que passou por eles”*. No tocante à memória familiar, ou do grupo com o qual temos maior convivência, as memórias dos pais são também repassadas aos filhos.

O perfil @joao_dm_ (aluno): *“várias lembranças de quando estudei no batista”*, uma das dificuldades que observamos nesse trabalho de pesquisa foi exatamente de as pessoas comentarem as experiências que tiveram no lugar apresentado na imagem, ou do que conseguem se recordar ao vê-las, grande parte dos participantes expõe sua valorização pelo lugar e a importância que ele tem para eles, no entanto, suprimiram suas experiências ali registradas.

O perfil @franmarinho1994 (comunidade), encerrou os comentários dizendo o seguinte: *“Minha adolescência! Maravilhoso estar revendo memórias”*, é como se, no

pensamento dos participantes, as memórias fossem os lugares, quando na verdade os lugares apenas ajudam a despertar aquilo que já está adormecido dentro de cada um deles.

Os colégios representados nessas imagens, estão localizados numa praça que leva o nome de Praça do Estudante, e atualmente passa por uma reforma estrutural, onde mais uma vez a mudança paisagística local será alterada em nome da modernização e do progresso.

Nessa praça, grande parte dos alunos carolinenses já passaram, seja estudando em algumas dessas instituições de ensino, seja apenas vindo de alguma outra escola, mas passando por ela. Apenas um comentário citou a praça em sua fala como um espaço apreciado na sua infância. Carolina é um lugar de muitas praças para se buscar paz interior e reflexão sobre o que se quiser pensar. Cidade calma e tranquila, onde o tempo parece esperar, ver passar ainda muita História.

Imagem 35 - Um barco típico regional³³.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga (2021).

A décima quinta (15^a) imagem, é uma representação de um dos principais elementos que compõe a memória regionalística tocantinense e carolinense, o barco. Há algum tempo, era o principal meio de transporte interestadual, e Carolina possuía um CAIS do porto bastante movimentado em meados do século XX, como já nos

³³ Embarcações bastante comuns que eram responsáveis pela navegação fluvial de cargas e passageiros pelo Rio Tocantins.

apresentou Heloy Coelho Neto na terceira seção desse trabalho dissertativo. Fizemos a seguinte proposição nessa imagem: “Imagem pitoresca da paisagem carolinense. O que a imagem lhe recorda? Quais memórias vêm a sua mente? Compartilhe conosco. A imagem obteve 39 curtidas e sete comentários.

O primeiro comentário veio do perfil *@franciscadarochamoreira* (comunidade), que escreveu:

Meus tios paternos eram barqueiros, faziam transporte de pessoas e de animais. Esses barcos nos trazem boas recordações. Lembranças de um tempo em que nos reuníamos para ir a fazenda da minha avó ou a bancos de areia (praias), por isso as férias de julho eram tão aguardadas.

O perfil *@luaspeck* (comunidade) lembrou: “as travessias para o TO”, que quer dizer Tocantins, pois Carolina faz divisa com o Estado do Tocantins. O perfil *@rosana_v_araujo*, disse “minha infância e adolescência. Atravessar o rio para ir a praia”. E concluiu o comentário com um *emoji* próprio do aplicativo.

O perfil *@franmarinho1994* (comunidade), destacou “lembranças: atravessar o rio, para podermos ir aproveitar a praia”, e concluiu com uns *emojis* próprios do aplicativo: rostinhos e corações. *@felipedm_99* (comunidade), escreveu “infância resumida em uma só foto” e colocou também uns coraçõezinhos, mas não descreveu alguns momentos que a imagem poderia resumir. *@sandra.reginasc* (comunidade), lembrou-se “Travessias para as praias... bons tempos. Sol, água limpa, cerveja e o famoso peixe frito. Saudades”.

O perfil *@rochaapf* (comunidade) afirmou: “No meu caso, quando os barcos estavam aportados e nós pulávamos de cima deles. Além disso, as passagens às praias, como também, as pescarias”. As memórias desse último perfil são muito vivas em muitos dos cidadãos carolinenses, inclusive nesse que vos escreve, também já tendo praticado essas artes à beira rio de Carolina, quando criança. Minha família morava a poucos metros do rio, nossa relação com ele é grande e bastante afetiva.

A décima sexta e a décima sétima imagem são representações de alguns ambientes da praça Alípio de Carvalho e do “largo” da Av. Getúlio Vargas, as duas imagens obtiveram 61 (sessenta e uma) curtidas e seis comentários só com pessoas da comunidade. Fizemos a seguinte indagação na imagem: a Rua Grande em Carolina. Rua das Mangueiras seculares. Avenida Getúlio Vargas. Quais memórias você tem desse espaço da cidade de Carolina/MA? O perfil *@jilmadossantosbarros*

(comunidade) expôs: “*muitas lembranças. O festejo de São Pedro de Alcântara. As gincanas do aniversário da cidade. O esquentar dos blocos de carnaval*”.

Imagem 36 - O Largo da Avenida Getúlio Vargas.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga (2021).

Imagem 37 - Praça Alípio de Carvalho.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga (2021).

O perfil @Luaspeck (comunidade), apenas afirmou que era “*caminho da missa*”, em virtude de ser mesmo a avenida Getúlio Vargas, no final/ou início dela está

localizada a Igreja de São Pedro de Alcântara, e nesse largo, como alguns lembraram, também fica posicionada toda a estrutura do festejo em homenagem a esse santo: barracas, brinquedos de parque de diversões, as comidas típicas, os lojistas e etc.

O perfil *@valeriamedeirosaquino* (comunidade), colocou apenas um *emoji* próprio do aplicativo com um rostinho e coraçõezinhos. O perfil *@rosana_v_araujo* (comunidade), disse “*todos os domingos indo para a igreja*”. Grande parte das memórias geradas nesse largo de rua estão ligadas à fé católica, ligadas ao santo padroeiro de Carolina, São Pedro de Alcântara. O perfil *@alaercio_leite* (comunidade), apenas colocou um *emoji* próprio do aplicativo com um rostinho com corações, já o perfil *@jhonatanalencardm* (comunidade), destacou “*pense num lugar lindo, já tô com saudades de andar nessas ruas*”.

Pudemos observar ainda que, não importa se com palavras, frases longas ou apenas com os *emojis* do aplicativo, mas a reação para com a imagem é esboçada, e mesmo que de forma contida, sem querer dar muitas informações, o laço do indivíduo com o local que a imagem apresenta é notada diante dessas participações e interações para com elas. Até mesmo as curtidas ou visualizações já representam indícios dessa importância dada pelos participantes à observação dessas imagens apresentadas no perfil do *Instagram*.

As imagens abaixo foram postadas por ordem de apresentação como décima oitava, décima nona e vigésima, juntas receberam 58 (cinquenta e oito) curtidas, e 20 comentários. Foram as imagens que mais obtiveram comentários dos participantes. Na mesma postagem dessa imagens provocamos a seguinte indagação: “imagens da antiga beira rio em Carolina/MA, antes do lago da barragam. Quais lembranças você se recorda desse lugar? O que essas imagens provocam em você? O primeiro perfil a comentar foi *@franciscadarochamoreira* (comunidade), que disse: “*Passeios em família*.” O outro perfil foi *@marialeivamarinhodos* (comunidade) que escreveu: “*como o tempo e a modernidade transformam, ficou lindo, porém a verdadeira imagem, como está, perdeu sua beleza*”.

Imagem 38 - Antigo Porto das Barcas³⁴.

³⁴ Imagem que não tem uma precisão da época que foi registrada, mas que possivelmente é da década de 1960, dos tempos áureos de Carolina, quando o porto dessa cidade era muito utilizado para comércio e transporte de mercadorias e passageiros. Um importante entreposto regional.



Liked by [cleidson.pm](#) and others

imagens_quecontamhistoria Imagens da antiga beira rio em Carolina/MA, antes do lago da barragem. Quais lembranças você se recorda desse lugar? O que essas imagens provocam em você?

[View all 19 comments](#)

cleidson.pm Mudanças e permanências

marialeivamarinhodos Como o tempo é a modernidade transforma ,ficou lindo ,porém a verdadeira imagem como está perdeu sua beleza .

Fonte: Acervo da página do Instagram [@ilovecarolina](#)

Imagem 39 - Porto do Restaurante Flutuante.



Liked by [cleidson.pm](#) and others

imagens_quecontamhistoria Imagens da antiga beira rio em Carolina/MA, antes do lago da barragem. Quais lembranças você se recorda desse lugar? O que essas imagens provocam em você?

[View all 19 comments](#)

cleidson.pm Mudanças e permanências

marialeivamarinhodos Como o tempo é a modernidade transforma ,ficou lindo ,porém a verdadeira imagem como está perdeu sua beleza .

Fonte: Acervo da página do Instagram [@ilovecarolina](#) (2021).

Imagem 40 - Ponte na Beira-Rio.



Fonte: Acervo da página do Instagram @ilovecarolina (2021).

Passear em família pelas ruas de Carolina e pela sua beira-rio sempre foram programas interessantes aos moradores da cidade e para seus visitantes. E essas paisagens, logicamente se modificaram ao longo do tempo, principalmente com a construção da barragem para produção de energia elétrica na cidade de Estreito que fez com que o rio se tornasse um lago e tomasse grande parte da visão da beira-rio carolinense que observamos nas imagens.

O terceiro comentário veio do perfil @cleidson.pm (comunidade) que afirmou: “mudanças e permanências”. O perfil de @luaspeck (comunidade), disse “lembranças lindas”. @delmademacedo (comunidade), apenas colocou alguns *emojis* próprios do aplicativo e a expressão bem atual “top”, acreditamos nós que para enaltecer as imagens expostas ali. O perfil @diogodearaujomoura (comunidade) escreveu: “quantas lembranças! Lugares por onde vivemos tantos momentos felizes” e encerrou com o *emoji* de palminhas.

O perfil @jaymefes (comunidade), disse: “lembro da minha infância. Beira-rio de Carolina e Filadélfia marcaram momentos incríveis. Tanto me diverti quanto trabalhei. Era muito bom todas as brincadeiras e festas nessa época. Ótimo trabalho”. Mais uma vez reforçamos o caráter de despertar os sentimentos trazidos pelas imagens apresentadas no perfil do *Instagram*, observados também nas falas dos participantes dessas três imagens até aqui.

O perfil *@rochaapf* (comunidade) afirmou: “*eu tinha medo dessa ponte*” e completou com “*kkk*”, que provoca até mesmo uma ironia pelo comentário feito, a nosso ver demonstrando um momento de apuros que ele mesmo possa ter vivido ao passar pela referida ponte, mas a situação em si não fora relatada.

O perfil *@werissondm* (comunidade) apenas comentou “*História de Carolina*”, já *@tuane.carla* (comunidade) expressou: “*infinitas lembranças... lembro-me de descer com meus familiares para a praia, efetuar a travessia dessa ponte que ligava duas ruas para a casa de alguns amigos! Nostalgia*”. E encerrou a fala com um rostinho com corações, *emoji* próprio do aplicativo. *@Lucas.leite.lucena* (comunidade), fez um desabafo: “*só vendo essas fotos antigas para perceber o quanto tudo mudou. A ação do homem é capaz de alterar drasticamente o ambiente e a paisagem*”.

Acreditamos que o comentário de Lucas refere-se exatamente ao fato de o lago da barragem ter modificado grandiosamente a paisagem da beira-rio carolinense. É notório lembrar e resgatar os ruídos da memória por meio de uma imagem, e mesmo que os participantes não tenham relatado seus momentos ou suas experiências sensíveis àquele lugar, em suas falas observamos a importância e o valor que elas colocam a essas imagens, a esses lugares de memória que fizeram e ainda fazem parte de suas vidas.

O perfil *@mariliagrazielac* (comunidade) expressou:

eu lembro que era mais saudável a água do rio que era melhor pra tomar banho, pra secar. Não era tão profundo e sujo. Lembro de muitas escadas que tinha, que descia pro rio. Das grandes filas de pessoas para atravessar para a praia na temporada. Foram tempos melhores.

A fala desse último perfil traz também um saudosismo pelo tempo passado, algo que nos ocorre vez ou outra. Imputamos ao passado um romantismo que a dificuldade do presente proporciona. O perfil *@fredymarinho* (comunidade) comentou:

époas em que éramos felizes e não sabíamos, com nosso rio Tocantins, correndo com muita fartura de diversos tipos de peixes, vem o homem com suas palavras bonitas, seus feitos extraordinários e acaba com tudo achando que está progredindo.

Mais uma fala caracterizada pela saudade do rio antes da construção da barragem do Consórcio Estreito Energia (CESTE).

Lembramos que não é o foco desse trabalho a divisão sobre os efeitos da construção da barragem para o povo de Carolina e região, mas é óbvio que na amostragem dessas imagens, esse sentimento de descontentamento apareceria, pois

foi toda uma paisagem natural que se transformou pela vontade do homem. O perfil @maciel041091 (comunidade) disse: *“show de bola. Uma imagem que representa nossos carolinenses”*.

O perfil de @lucassousaespiritossanto (aluno) fez três comentários, no primeiro deles ele colocou: *“eu brincava com meus amigos quando era bem pequeno. A gente brincava de várias coisas. Vendo isso me causa um sentimento de nostalgia. Bom trabalho”*. No segundo reforçou que *“apesar de não ser nessa época, mas sim alguns anos depois”* e por fim encerrou com a expressão *“top”*. Esse perfil foi o único dentro o alunado a participar dos comentários nessas imagens.

O sentimento de nostalgia é aquele que, leva-nos ao local do ocorrido, o sentimento de estar ali presente, sentindo novamente a brisa, o calor, o frio, a fome, o ralado do joelho na brincadeira. Sentimento esse que se traduz também em saudade. A imagem do rio, da beira-rio, das cachoeiras e igarapés em Carolina são como representações vivas da identidade e do pertencimento do indivíduo a essa localidade. O perfil @rafaelocruz82 (comunidade), escreveu:

eu morei na beira-rio, perto da Praça Goiás, nas proximidades do escritório da empresa PIPES. Chamava a minha atenção a presença desses barcos que eram remanescentes do extinto ciclo da navegação comercial no Rio Tocantins. Eles levavam passageiros para a praia, para a ilha dos botes, no mês de julho.

O perfil de @mariazilmarodrigues (comunidade) afirmou: *“sempre importante, viajar no tempo, vê como começou. Com a imagem temos essa possibilidade”*. Assim: *“A memória onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”* (Jacques Le Goff). Interessante e ressignificante observar a utilização de um conceito elaborado pelo historiador francês Le Goff, de quem também fazemos referência nesse texto dissertativo ao observar a imagem, a nosso ver dando para a imagem a importância que ela possui para a participante nos comentários.

Imagem 41 - Igreja de São Pedro de Alcântara.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga

A vigésima imagem que apresentamos no perfil do *Instagram* foi a de uma vista aérea da Catedral de São Pedro de Alcântara, juntamente com parte do acervo arquitetônico da Av. Getúlio Vargas em seu início, bem como da rica paisagem com o rio Tocantins ao fundo, agora lago da barragem de Estreito.

Como já contamos aqui, Carolina nasceu na rua que está ao fundo da Catedral, a Rua Imperatriz, e dela veio a “Rua Grande” e suas adjacências. Muito da História carolinense se passa nessa avenida. Ao lado dessa imagem provocamos a seguinte indagação: O largo da primeira rua da cidade de Carolina e a Praça da Igreja Catedral. Quais memórias que você tem desse lugar?

A imagem obteve 32 (trinta e duas) curtidas, e seis comentários. O primeiro comentário veio de *@sandra.reginasc* (comunidade) que disse: “*festejos, grandes celebrações e principalmente os encontros da Pastoral da Juventude... Bons tempos*”, e finalizou com um coraçãozinho. O que achamos interessante desse aplicativo é poder expressar nossas opiniões, sentimentos e reações com figurinhas e *emojis*, próprios do aplicativo.

O segundo comentário veio do perfil *@alziravasconcelosfortes* (comunidade) que afirmou: “*Os lindos festejos do padroeiro, Nossa Senhora em maio, procissões, rezas, primeira comunhão, o sol cândido numa manhã de domingo.*” Alzira é profunda ao recordar suas memórias por meio da imagem.

O perfil *@rafaelocruz82* (comunidade), afirmou que:

além dos festejos, me lembra que muitas fotos antigamente eram tiradas do alto da torre do sino, com o advento dos drones, imagens aéreas da igreja matriz e do Centro Histórico ficam mais frequentes, revelando detalhes interessantes da paisagem, como o Rio Tocantins ao fundo nessa imagem, apresentado a elevação do seu nível natural em virtude do enchimento do reservatório da Usina Hidroelétrica de Estreito.

O perfil *@nattanpraxedes* (comunidade) escreveu: “*vários encontros diocesanos na catedral. Ótimas lembranças*”. Já *@juniormendes2018* (comunidade) expôs apenas dois corações.

Imagem 42 - O restaurante Flutuante.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Carolina.

Imagem 43 - Morro do Chapéu.



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga (2021).

Imagem 44 - Cachoeiras Gêmeas do Rio Itapecuru



Fonte: Acervo de Cristiano Marinho Braga (2021).

As três últimas imagens que apresentamos no perfil do *@imagens_quecontamhistoria*, são imagens representativas da memória local ligadas ao passado e ao presente, seu significado e simbolismo estão presentes nos moradores e nos visitantes de Carolina como “o paraíso das águas”, imagens que mostram as belezas naturais desse lugar. A primeira delas é a beira-rio de Carolina ainda nos anos 1990, bem antes da ideia de se construir uma barragem hidroelétrica no rio Tocantins, com vista especial para o bar conhecido como Flutuante, que ficava ancorado à beira-rio, recordo-me de quando criança, nadar próximo aquele estabelecimento, e por vezes, usar redinhas de se colocar verduras para pescar uns peixinhos para o almoço em casa. Os tempos eram difíceis e eles nos eram bem saborosos com arroz branco e tomates cortados.

A segunda imagem é a do imponente e majestoso Morro do Chapéu, lugar místico e de paz. Esse morro é uma das atrações que faz parte do programa das aventuras do Parque Nacional da Chapada das Mesas. Sua beleza e exuberância são, também, símbolo de uma Carolina com insígnias reais de uma princesa, acreditamos que não há como se pensar na paisagem natural carolinense sem a presença desse morro que desde os primórdios desse lugarejo já servia principalmente como referência geográfica para os navegantes, por causa do rio, pois de cima do morro dá para ver grande parte de sua passagem pela cidade numa curva sinuosa entre os estados do Maranhão e do Tocantins, e os viajantes do início dos anos 1800, que ainda vinham demarcar os territórios do nosso país, como escreveram Adalberto Franklin e João Renôr (2007), já citados nesse trabalho.

Na terceira imagem são mostradas as cachoeiras gêmeas do Rio Itapecuru, há 28 quilômetros da cidade. Uma das atrações turísticas mais conhecidas na região sul do estado do Maranhão, no povoado de São João das Cachoeiras, distrito de Carolina. Local que já abrigou a primeira Usina Hidroelétrica do Norte Nordeste do país, inclusive em visita ao local se pode visitar as ruínas onde funcionou a usina, e desfrutar dessas maravilhas da natureza, mas salientamos o caráter de lugar de memória representativo para a Carolina que também é bem lembrada como a “Cidade das Cachoeiras”, em grande parte por causa dessas cachoeiras apresentadas na imagem.

As três imagens, pela ordem de apresentação no perfil estão juntas e são 21^a, 22^a e 23^a. Juntas foram curtidas por 55 (cinquenta e cinco) pessoas, e recebeu seis comentários até o momento em que realizamos essa coleta. Indagamos aos visitantes

do perfil o seguinte: das belezas que Carolina oferece a seus moradores e visitantes, do que mais você se lembra ao visualizar essas imagens?

O primeiro comentário provém do perfil *@franciscadarochamoreira* (comunidade), que escreveu: *“as lembranças que surgem são de um tempo em que ‘férias’ era tempo de praia, viagens para a fazenda e brincadeiras com os amigos, muito bom poder recordar”*. A frase escrita por esse perfil exibe diretamente o recordar, o trazer à tona a memória elementos saudosos do passado vivido, tanto para o indivíduo quanto para o coletivo presente na produção das memórias.

O segundo perfil a comentar sobre as três imagens foi *@iza_abs* (aluna), que disse:

quando cheguei aqui, ficava tão encantada com essa vista do morro do chapéu, fico tão deslumbrada com essa paisagem que é um dos pontos turísticos mais conhecidos da cidade, por ser tão conhecido e tão lindo, deixa qualquer turista com vontade de conhecer e quando conhece sai encantado.

O perfil faz referência específica ao Morro do Chapéu, que está inserido no complexo das belezas naturais presentes no Parque Nacional da Chapada das Mesas como uma das mais importantes e significativas atrações do turismo de aventura local, desenvolvido atualmente em Carolina.

Existem ainda muitas histórias regionais sobre a relação dos povos indígenas que viviam nessa região antes da chegada dos bandeirantes e pecuaristas, e sua relação mística, até mesmo divina com o Morro do Chapéu. Essas histórias podem vir a ser objeto para uma futura pesquisa. O perfil *@itali_fveloso* (aluna) relatou: *“Morro do Chapéu, a melhor vista quando eu estou indo para minha chácara”*, mais uma vez o morro do chapéu é enfatizado numa fala e junto dela a atividade do ir para a chácara, interior, ou como se conhece na região, ir para o sertão.

Carolina está dentro de uma região em que nos finais de semana muitas pessoas se deslocam para a zona rural em busca de sair da vida turbulenta e barulhenta da cidade, ainda mais em período de pandemia, que muitos buscam refúgio no sertão para fugir do vírus. O perfil *@werissondm* (comunidade) também enalteceu a beleza do morro, escreveu ele: *“Morro do Chapéu, uma das melhores vistas da cidade”*. O perfil *@sandra.reginasc* (comunidade), afirmou: *“Morro do Chapéu, lembrança de minha infância na fazenda dos meus padrinhos. Quando observamos de perto é ainda mais imponente”*, e colocou um emoji com carinho e corações.

O último comentário veio do perfil *@sjoaoemmanuelmourade* (aluno) que também enalteceu as belezas da Chapada das Mesas, “*as belezas são incríveis a chapada das mesas, as cachoeiras bonitas*”, interessante observar nesse comentário e dentre as imagens estão as Cachoeiras Gêmeas do Rio Itapecuru no povoado de São João das Cachoeiras, que pertence ao município de Carolina, ficando distante do centro urbano 28 quilômetros, portanto, fora da circunscrição geográfica do Parque Nacional das Chapadas das Mesas, a referência memorial aproxima geograficamente, os elementos do paisagismo natural, local que compõe o parque nacional, tal qual também cidade de Carolina é lembrada, por suas belas e majestosas cachoeiras.

4.2 As rodas de conversa: momentos de relembrar e de sentir

Ao realizarmos as rodas de conversas com os estudantes, observamos algumas das representações que os espaços e lugares apresentados nas imagens tanto no perfil do *Instagram* quanto nas rodas de conversas para os estudantes, principalmente, pudemos notar sua empatia e ligação com alguns dos lugares referências da memória local. Realizamos as rodas de conversa em horário de aulas no turno matutino em nossos horários da disciplina História.

Infelizmente a internet não ajudou muito nesse processo e devido à instabilidade de sinal, principalmente com a turma do 8º ano, por três vezes a tecnologia nos deixou na mão, mas sempre reestabelecendo o sinal. Quanto à permissão de realização dessas conversas foi-nos dada pela própria instituição à medida do desenvolvimento dessa pesquisa dissertativa e assinatura da declaração de permissão de pesquisa assinada pelo coordenador pedagógico da instituição.

Preferimos, devido à faixa etária dos estudantes, não mostrar seus rostos ou identificar seus nomes diretamente nomeando-os no transcrito dessa transcrição por números, onde solicitamos a eles que permanecessem com suas câmeras desligadas fazendo uso, quando pertinente, apenas do seu microfone. Nossa maior dificuldade fora mesmo a do sinal da internet que falhou por algumas vezes nesse processo e as interrupções previstas dos próprios estudantes ao pedirem para ir tomar água, ir ao banheiro ou até mesmo pegar um copo de café com leite para aqueles que estão em casa e tem essa prerrogativa, momentos típicos na prática escolar cotidiana.

A dinâmica de apresentação das imagens ficou a partir do próprio texto dissertativo e ambos os momentos foram realizados com as duas turmas, gravados e registrados a partir dos *gmails* institucionais³⁵. Uma exigência da instituição para manter a participação de todos, onde também adentramos com o *gmail* institucional da UFMA, registrando nossa participação enquanto pesquisador-participante e mediador nas rodas de conversa.

Iniciamos a conversa saudando a todos e com uma explanação sobre o contexto do trabalho que estava sendo apresentado para eles, falando sobre a temática de pesquisa, o programa de pós-graduação a que pertence essa pesquisa bem como seus objetivos e interesses. Solicitamos ainda a manutenção das câmeras desligadas como medida de preservação da imagem, tendo em vista que o que nos interessa são as opiniões. A gravação fixou-se em 38m09seg.

As imagens apresentadas aos alunos das duas turmas foram as imagens de 02 a 21, que retratam paisagens pitorescas a partir da Av. Getúlio Vargas em Carolina, e de outros lugares que consideramos representativos da memória local e que nos forma de grande valia para as contribuições dos alunos especificamente.

4.2.1 A conversa com os alunos do 8º ano

O diálogo se iniciou com a turma do 8º ano, no horário da aula de História, na sala de aula do CSC-Unidade Carolina, no dia 18 de maio de 2020, mostramos as imagens sequencialmente a partir da própria dissertação com as imagens 02 e 03, por se retratarem de ângulos diferentes dessa mesma avenida e em época atual, pois as duas imagens são atuais, perguntamos aos estudantes sobre o que aquelas imagens poderiam fazê-los lembrar e obtivemos algumas respostas, fizemos a numeração dos estudantes para que sua identidade fosse mantida em sigilo a pedido da própria instituição.

A aluna 01, A.G.C.G., afirmou que se lembrava de muito em relação aos domingos quando ia para a igreja, principalmente os domingos de Páscoa, lembrou-se também da madrinha que morava próximo à Catedral e que na casa dessa

³⁵ Endereço eletrônico gerado pela equipe de Tecnologia da Informação do Colégio Santa Cruz, que por conta da pandemia e das aulas on-line readequou seu modelo de aulas para também o formato híbrido, onde parte dos alunos está em casa, e parte em sala de aula. Com o exemplo das turmas do 8º e 9º ano dessa instituição que possui como padrão de endereço eletrônico os seguintes: 8anocccarolina@colegiosantacruz.g12.br e 9anocccarolina@colegiosantacruz.g12.br.

madrinha havia uma piscina aonde sempre que ela ia para lá aproveitava os domingos de sol. Ainda se recordou de aproveitar a sombra das mangueiras que há na Avenida para sentar-se abaixo delas e conversar com amigos e familiares. Ela relatou que sempre havia umas crianças brincando, jogando bola no largo da rua, para essa aluna essa rua da cidade é uma das que mais representa a História local.

No Programa pelo qual realizamos as rodas de conversa é permitido a função do levantar a mão, onde se clica num botão na tela e o mediador perceberá que alguém deseja falar e foi por esse recurso que fomos passando a palavra para o próximo a falar. E assim a aluna 02, L.D., contribuiu versando sobre recordar-se dos festejos do padroeiro, dos domingos de ramos nas procissões que costumeiramente saem da Capela de Santa Teresinha do Menino Jesus, também no centro da cidade, próximo à Igreja Batista, e tem sua chegada na Igreja Matriz de São Pedro de Alcântara onde logo após a realização da procissão é celebrada a santa missa.

Ela ainda enfatizou se tratar de uma boa lembrança. A aluna 03, H.R.M., refez a fala das colegas anteriores ao falar que as imagens mostradas nos faziam rememorar a fé religiosa católica, a ida para a Igreja, também o domingo de ramos e observou que essa via pública também é utilizada para o lazer das pessoas que fazem caminhadas e corridas no final da tarde.

O aluno 04, M.D, que estava em sala de aula e teceu o comentário ao se recordar de uma vez que passeava pela avenida e foi quase atropelado por um carro que segundo ele, “quase me matou”, no entanto, na hora da gravação do áudio do referido estudante, a tecnologia foi falha e não captou com propriedade o relato deste, e foi nesse momento que se deu nossa primeira perda de sinal da Internet. Quando retornamos refizemos nossa fala sobre a proposta do trabalho e a singularidade que possui a Rua Grande para a trajetória histórica de Carolina. Percebemos uma participação tímida por parte dos estudantes, mas bem significativa para o desenvolvimento desse trabalho, tendo em vista que no perfil do *Instagram @imagens_quecontamhistoria* houve uma massiva participação da comunidade em geral.

Demos sequência na apresentação das imagens com a imagem 04, que mostra a vista da cidade de Carolina a partir da antiga praia de Filadélfia/TO³⁶, fizemos uma pequena explanação sobre a praia que se formava quando o inverno passava e as

³⁶ Cidade que faz divisa com Carolina pelo lado do Estado do Tocantins.

águas do rio baixavam e formavam bancos de areia pelo leito tocantinense do rio, e os indagamos qual deles se recordava daquela praia. Um detalhe interessante é que pela média de idade dos estudantes eles não chegaram a conhecer a praia em fase de que consigam se recordar, e fizeram uma confusão (que provocamos propositalmente) com a atual Praia dos Coqueiros que é artificial, feita pela construtora da Barragem Hidroelétrica de Estreito.

A aluna 06, T.D, comentou que se recordava daquela praia, pois quando se mudou para Carolina ia bastante para o lugar, que gostava de tomar banho e que, no entanto, devido a um boato de ataques de piranhas no local, sua família parou de frequentá-la, mas nas vezes que foi gostava muito de brincar com a areia e com a água abundante.

O que não foi boato, já que em virtude da elevação do nível do rio e mudança para lago, o aparecimento dessa espécie de peixe nas margens ter sido com frequência, ainda mais do lado tocantinense com movimento das barracas constantes com comércio de alimentação, possivelmente os restos das comidas chamavam a atenção desses peixes e essa fama logo no início das praias fez com que muitas pessoas não retomassem o hábito de ir para a praia naquele local. A aluna 07, M.E.R., relatou que suas memórias sobre o lugar também são dos domingos em família em que iam sempre nos meses de julho para aproveitar as praias, e falou ainda do boato das piranhas que provocou a não ida mais à praia.

A aluna 02, L.D., retomou a fala e falou sobre suas experiências em também aproveitar as praias de Filadélfia, e demonstrou uma insatisfação com a transformação do Rio Tocantins em Lago de uma barragem hidroelétrica, onde muito da paisagem natural foi transformada e a água já não era mais a mesma para o banho, além do risco de mordida de piranha. E esboçou sua opinião no sentido de afirmar que não há mais praia naquele local, pois a praia feita pelos homens não supria a necessidade da outra submersa nas águas turvas do lago. Observamos aqui uma exaltação à memória do rio como era antes de se tornar lago.

O aluno 08, E.M., relatou que também ia muito para as praias, e se recordava de momentos bons nas barracas, comendo peixe frito, e tomando banho na água, mas que aquela praia que está lá hoje em dia, não é a mesma coisa daquela do passado e nesse momento mais uma vez a internet ficou sem sinal por alguns instantes. Nesse momento dissemos aos estudantes que essa praia não se tratava da atual, mas sim, da antiga praia que se formava naturalmente pelo rio quando acabavam as chuvas do

inverno e logo a aluna 03, pediu a fala e recordou-se de seus passeios com seu avô numa praia bem menor e com mais construções ao redor, que se trata da atual Praia dos Coqueiros, que é 'artificial', ela foi quem notou a diferença entre a praia apresentada na imagem para a praia que ela costumava ir com seu avô.

Confirmamos então para todos que essa praia não estava presente em suas memórias, pois em virtude de serem pré-adolescentes com 12 e 13 anos de idade a que eles conhecem e conseguem se recordar é apenas essa atual, e eles relataram sobre aquilo que seus familiares já disseram sobre a antiga praia. O lago da barragem tomou sua forma antes de 2010, o que torna praticamente impossível para esses alunos recordarem-se de alguma experiência nesse local.

Com relação às imagens 05 e 06 apresentadas nesse texto dissertativo, apenas mostramos para os estudantes, fazendo referência ao local e do possível ano da imagem, falamos sobre a surpresa deles ao observarem espaço de vivências, tão transformados na atualidade, mas não abrimos para as argumentações pois consideramos mais importante ainda tratar das memórias a partir da 'Rua Grande'.

Portanto, seguimos para as imagens 07, 08 e 09 que retratam a 'Rua Grande', Av. Getúlio Vargas em seus primórdios, ainda sem calçamento e a catedral de São Pedro de Alcântara sem sua torre, e mesmo assim, os estudantes foram capazes de identificar e tecerem alguns comentários. O aluno 09, H.C. foi o primeiro a identificar de qual rua se tratava aquelas imagens e qual a surpresa dos outros da confirmação de que era a atual Getúlio Vargas em situação para eles desconhecida. O aluno 09 H.C. a reconheceu pelo Crucifixo, importante símbolo cristão fixado naquela avenida há quase que, a idade da própria cidade.

Foi notada também a presença das mangueiras ao longo da avenida e um questionamento foi feito pela aluna 01, A.G.C.G., que quis saber se na época em que as imagens foram feitas já existiam os festejos em homenagem ao santo padroeiro, e sim, já existiam, qual surpresa deles ao visualizarem um dos cartões postais da cidade numa imagem de uma fase que eles não tinham conhecimento.

E foram surgindo mais dúvidas sobre os elementos que compõem a via pública, como o crucifixo na porta da igreja, o marco da independência, as mangueiras seculares até comentarmos a falta da torre da Igreja na Imagem, que foi tirada ainda antes da construção da Torre da catedral, e nesse momento foram evocadas memórias que não a deles, mas a de seus entes queridos que falam para eles sobre uma Carolina de uma época de glória e conquistas, onde era mais tranquila e calma,

onde tudo de importante se passava na 'Rua Grande'. Logo nesse momento surgiu um problema de ordem técnica no som e áudio de alguns alunos, mas logo solucionado, e assim, demos continuidade à amostragem das imagens.

A imagem 10 é a representação de uma habitação sertaneja que há em exposição permanente presente na área externa do Museu História de Carolina, e que causou bastante alvoroço nos estudantes quando a mostramos, a aluna 01 A.G.C.G, afirmou que se recordava de momentos em que ia para a fazenda com seus pais e certa vez foi visitar um vizinho de chácara, e observou que a casa posicionada nos fundos do museu era exatamente igual a que ela havia estado com seus pais.

Alguns dos alunos enfatizaram o fato de ainda na cidade haver habitações com essas características, mas não romantizando a rusticidade sertaneja e sim se referindo à falta de moradias adequadas na zona urbana. Foi interessante observá-los, trazer a imagem do ponto de vista da memória para o campo das diferenças e desigualdades sociais presentes também em Carolina.

Então a aluna 02, L.D., relatou sobre a casa de sua avó que ficava na fazenda e que possuía as mesmas características daquela cabana mostrada na imagem, e que a imagem lhe fazia recordar dos momentos que ela passava com a avó e os familiares no sertão da família, principalmente nos períodos de férias, da comida feita no fogão a lenha, das histórias à beira da fogueira a noite e de ir dormir cedo, pois em sertão se dorme bem cedo.

Dando sequência a amostragem das imagens, passamos para as imagens 11 e 12, que mostram o cais do porto de Carolina no início dos anos 1980, após uma grande cheia do Rio Tocantins. No lugar hoje em dia ficam as embarcações produzidas pela Empresa PIPES, que leva o nome do seu dono Pedro Iran Pereira do Espírito Santo, importante empresário para a economia local e regional. Na atualidade, também investe na pecuária com criação de bovinos e no ramo do turismo e hotelaria, pois é mantenedora do *Resort Pedra Caída*³⁷, que fica a 28 quilômetros da cidade de Carolina, na BR 010, sentido Estreito/MA.

Quando os estudantes observaram a imagem 12, visualizaram residências que ainda hoje estão lá posicionadas no mesmo lugar há mais de 30 anos, haja vista a Avenida Getúlio Vargas e seu complexo patrimonial arquitetônico fazerem parte do

³⁷ Esse *resort* é um complexo turístico grandioso com diferentes atrações que encantam os visitantes e banhistas, com cachoeiras, tirolesas, cânions dentro outras.

centro histórico velho carolinense. Questionaram se eram as mesmas casas, afirmamos que sim, tratavam-se das mesmas residências. A grande surpresa para eles foi saber que em Carolina já existiu teatro e cinema, e com três casas de espetáculos. Mostramos para todos uma única imagem que conseguimos no livro de Alfredo Maranhão (1979) de uma dessas casas de teatro e cinema em Carolina, a imagem número 13.

E foi uma constatação para alguns o fato de o progresso ter feito a cidade se modificar, mas que certos aspectos, ainda mais os ligados à cultura se tornaram mais deficitários do que já foram no passado, e nesse contexto muitos carolinenses se referem à cidade como a 'cidade do já teve', em virtude de tantos aspectos sociais e culturais que elevavam Carolina como única entre as cidades do antigo norte goiano e sul maranhense, e hoje em dia o que a torna mais conhecida é o que não provém diretamente da cidade, mas da natureza.

Nesse instante a internet ficou sem sinal mais uma vez e tivemos que aguardar para poder continuar a conversa. Ao retornarmos à conversa, a aluna 01, A.G.C.G. relatou-nos que sua madrinha sempre lhe contava uma história de que quando era criança as crianças se reuniam nas calçadas da 'Rua Grande' para fazerem shows de talentos. As Imagens de 14 a 20 não adentraram nesse diálogo tendo em vista a questão da prioridade por ambientes próximos à Rua Grande e por onde os estudantes do Colégio Santa Cruz, especificamente com os quais estávamos dialogando, tivessem experiências e vivências, e também devido ao avanço do tempo reservado para a roda de conversa.

Chegamos então à vigésima imagem apresentada, a que mostra a fachada do Museu Histórico de Carolina. A primeira a pedir a fala e descrever sua experiência ao visitar o museu foi a aluna H.R.M., segundo ela, foi uma sensação de medo primeiramente, e depois de deslumbre por ver, inclusive, em algumas exposições de fotos, membros de sua família. Já a rua do museu lembrou-a dos eventos de Sete de Setembro da escola por ser o lugar onde se realizam os ensaios dos desfiles, o ensaio dos desfiles foi o mais lembrado pelos estudantes.

E para finalizar o diálogo, mostramos aos alunos uma imagem icônica de uma fila gigantesca da travessia para a praia que apresentamos na primeira imagem do diálogo com eles e também as imagens disponibilizadas no perfil do *Instagram* @imagens_contamhistoriac, onde muitos deles tiveram acesso, visualizaram, curtiram e comentaram as imagens lá disponibilizadas.

É claro que uma imagem do final dos anos 1990 não faz parte de suas memórias por serem jovens, adolescentes dos anos 2000, mas aguçou neles as memórias das quais eles ouvem falar em casa. Nossas representações memoriais, sentimentais e simbólicas não estão ligadas apenas àquilo que nós mesmos vivemos, não, elas também estão entrelaçadas com as memórias daqueles que convivem conosco, daqueles que nos ensinam e que aprendem conosco.

Nossas memórias também são memórias alheias e as memórias alheias também são nossas memórias. Não escrevemos História sozinhos, não vivemos sozinhos, não construímos ou tampouco evocamos memórias sozinhos. Somos seres construtores de memórias, somos seres que partilham e que buscam a todo tempo a completude de si no outro e despertar ou evocar memória faz parte desse processo, que já discutimos na parte teórica desse trabalho dissertativo.

4.2.2 A conversa com os alunos do 9º ano

Antes de iniciar nossa fala nesse tópico, gostaria desde já de explicar que devido a problemas de conexão a roda de conversa ficou reduzida a apenas 24 minutos, o que, a julgar pela roda de conversa realizada com a outra turma duraria quase 40 minutos. Foi uma circunstância tensa já que fugiu de nossa competência lidar com a tecnologia com propriedade.

Iniciamos então a roda de conversa apresentando para os estudantes o texto dissertativo, usamos a mesma dinâmica de apresentação para a turma do 8º ano, mostrando diretamente o texto dissertativo e também com as mesmas imagens destacadas para aquela turma. O aluno 01, L.E.S., logo citou suas peripécias ao visualizar a primeira imagem apresentada, que mostra o largo da 'Rua Grande', dizendo que sempre passava por ali, brincava e saía a apertar as campainhas das casas e correndo logo depois. Uma memória bastante inusitada, mas bem característica da infância. O aluno relatou ainda que reside ali próximo e que muito de suas memórias advém daquele entorno de vivências entre a Avenida Getúlio Vargas e sua casa, de andar de bicicleta, de passear com seu cachorro, de jogar bola com os amigos no largo da rua.

Com o 8º fizemos apresentação do trabalho diretamente da tela do computador, através do compartilhamento de tela permitido pelo programa *GoogleMeet*, já no 9º, pela facilidade de já haver um *Datashow* disponível na sala de aula e mais estudantes

em regime presencial (opcional), fizemos a apresentação pelo *Datashow* mesmo, o que parece ter causado nos estudantes uma empolgação maior ao visualizarem as imagens em tamanho maior. O aluno 02 A.C.F., fez questão de expor que se recordava de suas idas à missa e para as aulas de catequese nos fins de semana, e que ao sair da igreja e do local das aulas, adorava ficar passeando pelo meio do largo da avenida, sentindo o vento no rosto e olhando para as mangueiras.

Quando mostramos a imagem que mostra Carolina vista da praia de Filadélfia, muitos ficaram com dúvidas sobre qual lugar a imagem mostrava, como dissemos anteriormente, por serem adolescentes eles não se recordam de como era a paisagem local, principalmente a da beira-rio antes da cheia do lago da barragem hidroelétrica de Estreito. E muitos deles alegaram já terem ouvido falar sobre essas praias e até mesmo se recordaram de familiares que possuem registros em fotos dessa praia.

A imagem da praia gerou mais dúvidas do que memórias, obviamente em virtude de não fazer parte de suas memórias de convivência, mas poder mostrar por meio deles algumas vivências de seus familiares que tiveram naquele lugar tempos atrás e que devido ao lago, não poderão mais desfrutar dessa beleza da natureza no Rio Tocantins.

Fomos mostrando as outras imagens de paisagens históricas de Carolina, vistas do alto da igreja de São Pedro de Alcântara o que também gerou nos estudantes, dúvidas sobre que lugares da cidade aquelas imagens mostravam. Alguns deles afirmaram que a avó ou algum parente mais velho vez ou outra contava como era a Carolina mais antiga, e que o tempo bom era o que eles viveram na cidade e não os tempos de hoje em que tudo parece estar mais perdido. Uma característica de saudosismo por parte dos mais velhos em pensar que seu tempo de juventude sempre é melhor que o atual, é claro, compreendendo as épocas de cada temporalidade, foi um período em que eram exatamente jovens e não precisavam se preocupar com as dificuldades que a velhice traz.

Infelizmente o áudio da roda de conversa com essa turma ficou bastante comprometido, acreditamos que por causa da instabilidade do sinal da internet e talvez algumas questões importantes tenham sido deixadas de ser observadas por causa desse problema com a tecnologia, mas seguimos perseverando até onde pudemos. Seguimos mostrando três imagens da Avenida Getúlio Vargas de antes, de quando não havia nem o calçamento, as mesmas imagens que mostramos para o 8º ano, anteriormente, a surpresa e o espanto foram iguais.

Eles ficaram mais curiosos em saber sobre a torre da igreja, quando foi construída e em como aquelas imagens eram tão antigas e que eles nada sabiam daquela época, e esse foi um momento em que consideramos ainda mais essa pesquisa importante e significativa pois mostra para esses estudantes, um passado sobre a cidade onde eles vivem que eles ainda não tinham conhecimento. Mesmo tendo tanta convivência com alguns espaços ali mostrados nas imagens na atualidade.

É interessante observar o olhar de cada aluno, e também o olhar da turma sobre cada imagem que lhes foi apresentada, algumas características semelhantes e outras distintas, mas o que foi homogêneo foi o aspecto de valorização e ressignificação dos espaços históricos da cidade ali mostrados para eles em suas memórias. Ao visualizarem a representação em imagem da casa típica sertaneja da região em que vivem, alguns alunos, especialmente o aluno 01 L.E.S. parece ter se sentido mais encorajado a falar, e compartilhou algumas experiências dele no sertão de sua família, disse ainda que se pudesse e fosse sua escolha ele trocaria a vida na cidade para viver no sertão, além de que sua família possui raízes sertanejas.

A Aluna 03 I.F. falou de suas idas para a fazenda de sua família, que fica na região depois do morro do Chapéu, para ela, o morro possui algo místico, como se hipnotizasse a quem olhasse para ele de tão belo que era, ela usou o termo 'meu sertão', a afirmou que lá é mais frio que na cidade.

Acreditamos que os alunos do 9º ano tenham ficado mais acanhados ou vergonhosos em participar, vez ou outra uma imagem lhes causava comoção, no entanto, não buscamos forçar a participação, deixando-os à vontade nesse processo, primamos obviamente pela liberdade e individualidade, respeitando o desejo deles de falarem ou não. Infelizmente o áudio da gravação permaneceu muito baixo, dando para perceber bem baixinho a voz de cada uma, e para essa análise precisamos ser mais gerais no contexto das falas, pontuando mesmo aqueles que trouxeram contribuições mais significativas em suas participações, a exemplo do aluno 01 L.E.S., aluno, 02 A.C.F. e aluna 03 I.F., foram nomeados assim para manter em sigilo suas identidades.

Mesmo com as dificuldades de conexão e de áudio ruins continuamos com a exposição das imagens, chegando nas imagens que mostram o cais do porto, onde alguns dos estudantes ficaram curiosos, pois a imagem que eles têm do rio é mais atual e não se vê mais a rampa do cais, devido a subida da água na formação do lago.

Eles foram informados sobre a significância daquele porto para toda a região tocantina tempos atrás, o aluno 01 interrompeu a fala do mediador para expor que se lembrava do local, mas não daquele jeito, já que seu pai e familiares trabalham ali, sua família é responsável pela empresa PIPES empreendimentos, da qual já versamos anteriormente, que possui um estaleiro permanente nesse local na atualidade.

O aluno em questão não viveu no início dos anos 1980, no entanto, como ele explicou as memórias de sua família se entrelaçam com o lugar exposto na imagem devido à ligação empreendedora e empresarial com aquele espaço, e por isso a participação e informação são bastante pertinentes. É claro que muitas memórias foram evocadas durante esse processo de apresentação das imagens de Carolina para os estudantes nas rodas de conversa e sabemos que não nos é humanamente possível apreender de todas elas a amplitude e representação que demonstram, mas a parte que pudemos observar e analisar nos deixou bastante satisfeitos com os resultados desse trabalho.

As memórias de ambas as turmas estão ligadas às experiências e vivências dos estudantes com quase todos os ambientes demonstrados por meio das imagens, salvaguardando suas temporalidades históricas, seus momentos de vivências, construção de suas memórias, sem ainda aquelas memórias que eles evocaram proveniente de seus pais, avós, tios, primos, madrinhas e etc. Tanto na turma do 8º ano, quanto na turma do 9º observamos essa característica do falar sobre as memórias de seus familiares, memórias essas que de tanto eles ouvirem em seus cotidianos no seio de suas famílias, tornaram-se também suas, mesmo que tenham ocorrido em épocas longínquas de suas vidas atuais, eles falam delas como se lá eles estivessem presentes.

4.3 Apresentando o Álbum com Imagens de Carolina

Produzimos então um álbum com as imagens históricas e atuais da cidade de Carolina/MA com fulcro pedagógico trazendo informações importantes sobre o próprio trabalho, sobre o que as imagens estão mostrando, e sobre a cidade de Carolina como vitrine regional, ou polo da cultura da Memória e das Histórias locais. Esse álbum com as imagens e as informações presentes no trabalho dissertativo e no *Instagram* possui ainda o caráter conclusivo exigido pelo programa de pós-graduação PPGFOPRED.

Falaremos primeiro das partes externas do nosso álbum, que traz em sua capa o título do trabalho, obviamente é uma imagem da natureza exuberante do Parque nacional da Chapada das Mesas com uma sobreposição da memória, da História e da Natureza com a visão do Rio Tocantins, da Igreja de São Pedro de Alcântara e do Morro do Chapéu, cartões postais da memória local.

Já o interior desse trabalho está dividido em quatro partes, por considerarmos mais didático e pedagógico para a sua apresentação. Na primeira parte mostramos uma introdução que traz um histórico do município do qual falamos e sua localização geográfica, bem como sobre do que trata esse trabalho científico dissertativo, seus objetivos.

Na segunda parte mostramos então as imagens históricas da cidade de Carolina presentes em nossa dissertação, utilizadas para amostragem aos estudantes nas rodas de conversa na escola em que as realizamos, com a intenção de despertar nesses estudantes suas memórias mais antigas de que pudessem se recordar e mesmo que eles não tenham vivenciado a época em que a imagem fora produzida, as memórias também daqueles que os cercam estiveram presentes nesse diálogo.

A cidade que está presente na memória dos mais velhos, que reserva um passado dito 'glorioso' do qual transcorremos juntamente com a literatura local, mostrando aquilo que os autores regionais ao longo do tempo puderam registrar em suas memórias, linhas e letras. Carolina teve o privilégio de ser um lugar produtor e promotor de cultura, muitas escolas, sarais, festas, musicais que estiveram presentes na sociedade das décadas de 1940 a 1960 nessa cidade, registrados nas linhas discursivas desse trabalho e em algumas imagens, também nele apresentadas e que no álbum acompanham as imagens.

Mostramos ainda na segunda seção desse trabalho imagens de outros ambientes locais representativos de sua memória tais como: a Beira-Rio, algumas escolas mais tradicionais, públicas ou privadas, algumas das praças, as imponentes mangueiras seculares da 'Rua Grande'. A beira-rio é um componente importantíssimo nesse processo de constituição de Carolina como um lugar de memória regional, principalmente em critérios econômicos tendo em vista sua representatividade nas décadas que citamos anteriormente e também mostrados pelos autores locais no terceiro capítulo dessa dissertação.

Carolina foi por um bom tempo lugar de formação básica intelectual e cultural, entre o sul maranhense e o norte do atual estado do Tocantins, antigo norte goiano, é

uma cidade pequena, mas com muitas escolas antigas e que trazem nomes de personagens da cultura local, principalmente de professores. Ao lado de cada imagem nas suas respectivas seções está sendo apresentado o nome, um pouco da História e da memória do lugar mostrado.

Na terceira seção, são apresentadas imagens mais atuais da cidade, principalmente dentre as imagens disponibilizadas no perfil do *Instagram* *imagens_quecontamhistoria* e que em muito auxiliou na coleta dos dados desse trabalho científico, apresentamos um *layout*, desse perfil da rede social, de como as imagens estão nele apresentadas, seus incentivos textuais que provocaram os comentários dos visitantes.

Foram 17 postagens com 24 imagens, durante os últimos 06 (seis) meses, onde conquistamos 231 seguidores e seguimos 208 pessoas, dentre elas estão também os alunos do Colégio Santa Cruz, que além de participarem com seus comentários ainda estiveram conosco nas rodas de conversa virtuais em sala de aula, um momento ainda mais rico de partilha de memórias e conversa agradável sobre espaços de vivências que jamais poderíamos imaginar virar assunto em pauta em nossas aulas de História.

Na quarta seção do álbum mostramos imagens das belezas naturais que tanto atraem os olhares e a presença dos turistas nessa localidade, principalmente as ligadas ao Parque Nacional da Chapada das Mesas dentre e de outras atrações que na atualidade tornam Carolina uma das cidades mais visitadas da região nordeste do país, bem como grande polo do turismo de aventura. No estado do Maranhão é o segundo maior polo de turismo, que mesmo em período de pandemia mantém-se atendendo ao público visitante, seguindo, obviamente, todas as restrições das autoridades sanitárias, recebendo turistas de todo o país e do mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos nossas considerações últimas nesse trabalho assim como o começamos, falando da importância do ato de estudar, principalmente para aqueles que provêm de camadas mais humildes da sociedade, e que enxergam no estudo uma oportunidade de crescimento e melhoria de vida, pois é o estudo que nos tem proporcionado muitas realizações até aqui, inclusive a chegar aos resultados dessa pesquisa, iniciada a partir da curiosidade em nossa própria prática pedagógica na tentativa de envolver escola, comunidade e rede social nesse contexto e acreditamos que produzimos um rico material que alia esses três pontos numa discussão científica e ao mesmo tempo humana, resgatando memórias, valores, significados, presente e passado, sentimentos, identidades.

Propomos lá no início desse percurso de pesquisa o seguinte problema: Como as imagens de espaços públicos de Carolina podem contribuir para a prática do ensino de História e para o resgate e preservação da identidade e da memória local? Acreditamos que, apesar do período de apenas dois anos para desenvolvimento de uma pesquisa tão rica de significados e representações, nossos resultados são bastante satisfatórios para aquilo que nos propusemos anteriormente em, primeiro, como geral; identificamos e fizemos análise de imagens de lugares que consideramos históricos e representativos da memória local carolinense, que possibilitam refletirmos sobre possíveis contribuições dessas imagens para a manutenção e preservação da memória e da identidade locais.

Para isso traçamos toda uma discussão que primeiro se fez teórica e depois regionalista, perpassando pelos caminhos também da rede social e chegando na sala de aula. Utilizamos dos grandes conceitos da História, da Memória, da História local para tal, até chegarmos às análises da literatura regional como grandes nomes, para nossa pequena/grande Carolina, que enobrecem e mostram a representatividade e importância que possuía esse lugarzinho no interior do país décadas atrás. Um apanhado que provêm dos primórdios de sua História lá no início do século XIX até os dias atuais com o desenvolvimento do potencial turístico com a criação do Parque Nacional da Chapada das Mesas.

Talvez o leitor deva ainda se perguntar: mas porque essas imagens aqui apresentadas? Respondo sendo simples, porque são os lugares que em nossa trajetória de vida estiveram presentes e também, pela fala dos mais velhos e mais

jovens citarem como lugares de todos e, é claro, existem tanto outros lugares que possam ainda representar ainda mais as memórias 'da Carolina', seja na zona urbana seja na zona rural, que não foram contemplados por uma pesquisa tal qual essa que decidimos viver, porque acreditamos que a pesquisa científica deve ser vivida, esses lugares e essas novas memórias de certo encabeçarão projetos futuros. Apesar de lugar pequeno, Carolina é e continua sendo um polo histórico, cultural e memorial regional que atrai os olhares, tanto de quem procura lazer e descanso quanto para quem procura adentrar no mundo acadêmico científico nos campos da História e da memória locais. Sinto-me extremamente lisonjeado em dizer essas palavras do lugar onde nasci e pude escolher para permanecer vivendo até o acaso dizer o contrário.

Nesses primeiros caminhos catalogamos algumas imagens de alguns locais em Carolina que, a nosso ver, historicamente representam sua História e sua memória, pertencentes ao conjunto do patrimônio histórico e cultural, principalmente do espaço da "Rua Grande", Avenida Getúlio Vargas, e suas proximidades, a exemplo do Mercado Municipal, da Beira-Rio, da praça do estudante e suas escolas, que em cada época, tempo e trajetória de vida nos mostrou diferentes possibilidades de reflexão sobre como esses lugares são importantes e significativos para cada pessoa que por ali passou e passa. Por serem lugares considerados representantes dos títulos que Carolina recebeu de Princesinha do Tocantins, Paraíso das Águas, Cidade das Mangueiras Seculares, dentre outros.

E hoje em dia, com a especulação do turismo e da ameaça que foi a construção da Barragem de Estreito, que transformou completamente a paisagem ribeirinha local, a busca pela preservação dessa História e memória é mais efetiva, principalmente com a criação por parte da iniciativa privada do Museu Histórico de Carolina, lugar ímpar nessa briga com o dito 'progresso' desrespeitoso para com a memória dos tempos velhos dessa cidade.

É em virtude desse progresso que muito tem sido transformado, destruído e silenciado. Casas, árvores, ruas, espaços completos das zonas urbanas e rurais são transformados em nome desse progresso. Não somos contra o progresso que valoriza os aspectos que aqui pretendemos enaltecer, mas condenamos o progresso que os desrespeita, que os destrói e desvaloriza o patrimônio histórico, arquitetônico, artístico e cultural de qualquer lugar que seja. E nesse intuito fomentamos esse trabalho que buscar conhecer ainda mais essas histórias e memórias, preservá-la, e também,

divulgá-la orgulhosamente na rede social e perceber sua aceitação e participação por partes dos visitantes e seguidores do perfil do *Instagram* é bem gratificante.

Disponibilizamos ao todo 24 imagens de alguns espaços da cidade, fachadas de casarões, de prédios públicos, da beira-rio, da praia e tantos outros com a intenção de despertar em nossos visitantes o sentimento, a lembrança, a sua memória. E acreditamos que esse objetivo fora alcançado, muitas palavras de gratidão por essas postagens foram expressas na rede social, e aqui também transcritas. É claro que não pretendemos encerrar os trabalhos com esse perfil que versa sobre a cidade de Carolina, pelo contrário, queremos manter esse projeto, sempre levando para mais pessoas essa pequena porção de Brasil, no interior do estado do Maranhão.

Alcançamos nossos objetivos de forma social, educacional e pedagógico, por meio de postagens, provocando por meio do quiz de aprendizagem que se fez na pergunta em cada imagem, com intuito de direcionar pedagogicamente a reflexão dos visitantes e na ordenação de suas memórias e experiências relatadas nos comentários. E nesse contexto percebemos, por meio de algumas mensagens de incentivo, o caráter de fomento, na comunidade, o interesse pela História Local e a partir daí, incentivamos a participação de outras pessoas, além dos estudantes do 8º e do 9º ano do Colégio Santa Cruz, exatamente com interesse em preservação, além de valorizar a participação dessas pessoas nesse trabalho, bem como de mostrar sua identidade e a memória do lugar onde vivemos.

Foram 39 estudantes do ensino fundamental II, de uma escola Católica, mais 231 pessoas que passaram a nos seguir na rede social, onde criamos o perfil do *Instagram* já mencionado previamente, muitos comentários, *likes* e visualizações; o que demonstra um sucesso desse projeto iniciado com bastante incerteza e insegurança em virtude da fala de prática com a pesquisa acadêmica que tem como um de seus objetivos a promoção da História e da Memória local no ambiente escolar da sala de aula, identificando e analisando as contribuições dessas imagens nesse processo, tratando assuntos do cotidiano dos estudantes como parte componente de sua formação educacional nesse espaço de aprendizagem e como parte conclusiva desse processo, disponibilizamos ainda as imagens e algumas informações presentes nessa dissertação em um álbum pedagógico relativo ao trabalho aqui apresentado que também contribuirá para o desenvolvimento da memória e da História carolinense.

Portanto, esse trabalho dissertativo, é antes de qualquer coisa a aspiração, o sonho o desejo tornado realidade, uma parte constitutiva grandiosa da história do

cidadão carolinense que ainda necessita conhecer sua própria História no processo de construção e constituição de si mesmo. Seja pelo simples fato de se propor em fazer ciência, seja por reforçar o valor e a importância que as pesquisas de caráter social devem ter na nossa trajetória de vida. E por fim, acreditamos que conseguimos sim elencar e trazer ainda mais valor, rerepresentação e significado num resgate da memória e da História local dessa cidadezinha do interior do Maranhão, num processo que se quis novo, reconstruindo, ressignificando, recontando e recriando histórias e memórias já contadas, outras novas, mas todas com um só objetivo, o que traz novos sentidos à História desse lugar 'abençoado por Deus e bonito por natureza'.

Nesse processo de pesquisa e ainda de isolamento social, devido à pandemia da covid-19 que tem tirado a paz e a harmonia social de muitas nações pelo mundo todo ter a possibilidade de desenvolver um trabalho dessa natureza envolvendo e utilizando a rede social como ferramenta de pesquisa se fez bastante pertinente e eficaz, disponibilizamos não apenas imagens, tanto para os alunos, quanto para a comunidade em geral, mas sim memórias, lugares que despertam essas memórias, que despertam sentimentos únicos de experiências vividas por pessoas simples e que fizeram História e sentido para cada uma delas.

Com essas imagens pudemos valorizar e ressignificar essas memórias e suas histórias, enaltecendo ainda suas identidades, como pessoas que se importam, que amam e que desejam cultivar e preservar aquilo que lhes pertence, ainda mais estando trancados e sem acesso a outras pessoas fisicamente, por causa do vírus letal. Acessar o perfil do *Instagram* possibilitou ainda um passeio pelos locais ali mostrados nas imagens, poder recobrar em suas mentes sentimentos e significados ali vividos, como se um resgate daquilo que forma, que viveram e que ainda são.

Esse trabalho traz uma grande contribuição como desenvolvimento de novas práticas e estratégias pedagógicas no ensino da História e também de outras disciplinas escolares que possam se utilizar de imagens e também das redes sociais para ensinar, principalmente numa época em que o ensino remoto é o novo normal. Uma ideia que buscou inovar e se diferenciar com o uso da rede social de ferramentas de fácil acesso e que até mesmo pelo telefone celular pode aprender.

Essa pesquisa dá a devida importância a significados imagéticos representativos de sujeitos simples e sua trajetória de vida, como estudar História a partir da nossa própria História, que se inicia no campo da Educação, mas que chega

aos meandros da História e acessando também os caminhos da memória por meio de um ambiente virtual e envolvendo a rede social.

E durante todo esse percurso em achar e pensar que ao se estudar num programa de pós-graduação em nível de mestrado por uma Universidade Federal pudéssemos chegar à totalidade de algum conhecimento, é claro que foi mais um engano provocado pela ignorância humana em sempre querer e buscar saber de tudo. Hoje temos a certeza que nossos olhos por mais que enxerguem, jamais enxergaram o todo. Nossas mãos e dedos por mais que escrevam, jamais escreveram a totalidade das histórias a serem escritas e contadas. Nossas vidas, alegrias, tristezas, amores. Nossas experiências, nossas histórias e trajetórias de vida jamais serão o todo, mas tudo isso forma uma parte, uma parcela de um todo que se quer ainda maior, ainda mais 'aglomerador', palavra que queremos tanto tirar de nosso vocabulário esses dias e que forma um todo chamado mundo, um todo chamado História, um todo que é o Conhecimento.

Por fim, fazemos nossos mais sinceros agradecimentos pela conclusão desse trabalho, assim como apresentamos no nosso texto dissertativo, o fizemos no Álbum, com um caráter mais compilado das informações e também mostrando as riquezas naturais de Carolina, na promoção da História e da Memória dessa cidade, pois, apresentamos ao longo desse trabalho imagens que representam a memória de uma cidade que já viveu um período de ouro, mas que graças ao progresso humano pela estrada, vivenciou período de completa estagnação econômica até a descoberta da potencialidade que possui naturalmente para o turismo regional, que no momento tem ajudado algumas centenas de pessoas a sobreviverem numa região pobre do cerrado maranhense, que montaram negócios como balneários, banhos, pousadas, hotéis, restaurantes, mirantes de visualização de paisagens e tantas outras atrações turísticas.

Carolina tem o privilégio de ser um lugar cercado por rios, riachos e igarapés que escondem belezas naturais ainda pouco exploradas nesse sentido, fomentamos um trabalho dissertativo científico reflexivo que poderá despertar ainda mais o interesse dos estudantes e da comunidade em geral pela História de Carolina e da Região Tocantina, que busca no hoje reerguer-se diante das cidades vizinhas que viu nascer e crescer, e que alavancaram num progresso que deixou a pequena Carolina para trás, mas que nunca tirou dela aquilo que nela nasceu: suas belezas naturais!

Tanto que hoje em dia é dessas cidades vizinhas de onde vem grande parte dos visitantes para Carolina em busca de paz, descanso e relaxamento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriano Carlos de. **Uma interpretação da História visual de Goiânia os registros fotográficos de Hélio de Oliveira (1950 a 1970)**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós Graduação em História, Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, p.124. 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS, José da Assunção de. **O Projeto de pesquisa em História, da escolha do tema ao quadro teórico**. 10. ed. Petrópolis/RJ: Vozes Editora, 2015.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História, fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de Historiador**. São Paulo: UNESP, 2002.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em educação: uma introdução a teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BUENO, Priscila. **Os descendentes de José do Rêgo Trigueiro e Flora Francelina do Rêgo Maranhão: Genealogia e História**. São Paulo, SP: Ed. do Autor, 2019.
- BURKE, Peter (org). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales 1929-1989**. A revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- CADENA, Silvio Ricardo Golveia. **Narrativas digitais e a história do Brasil: uma proposição para a análise de memes com temáticas coloniais e seu uso nas aulas de história**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife/PE, p.215. 2018.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo, SP: Contexto, 1ª. Ed, 2019.
- CARVALHO, Herli de Sousa. **No Chão Quilombola os rebentos narram suas percepções acerca da escola de infância da comunidade Cajueiro I em Alcântara/MA**. Doutorado (Tese de Doutorado) – Doutorado Interinstitucional – DINTER, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, p.250. 2016.
- CARVALHO, João Renô; FRANKLIN, Adalberto. **Francisco de Paula Ribeiro desbravador dos sertões de Pastos Bons: A base geográfica e humana do Sul do Maranhão**. Imperatriz: Ética, 2007.

CARVALHO, Mateus Kên Donehogawa de Menezes de. **Gestão do passado em museus locais: Estudo de caso do Museu Histórico de Carolina – MA.** Monografia (TCC em Museologia) Universidade de Brasília, Brasília/DF, 175p. 2019.

CARVALHO, Rosa; CARVALHO, Zilma. **Pedro Iran – PIPES – O Rei do Rio.** Goiânia, GO: Kelpes, 2015.

CARVALHO, Ruy. **Estórias da História de Carolina.** Carolina: Centro Gráfico Senado, 1978.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DE JESUS, Edson. **História Local: ideias de sentido histórico nas narrativas de alunos do ensino médio de uma escola estadual em Pinheiro-PR.** Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati-PR. 112p. 2018.

FARIA, Alex da Silva. **Memória, patrimônio e sujeitos sociais na construção histórica do instituto do museu jaguarbano (1965 – 1985).** Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, 100p. 2015.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Ensino de História e a incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação: uma reflexão. **Revista de História Regional**, v. 4, n. 2, p. 139-157, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, mar./abr., 1995.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n.3, p. 20-29 mai./jun., 1995.

GUEDES, Regina Silmara; NICODEM, Maria Fatima Menegazzo. A utilização de imagens no ensino de história e sua contribuição para a construção do conhecimento. **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia**, v. 8, n. 21, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

JUNIOR, Neiva. **A Imagem.** São Paulo – SP: Ática, 1986.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LEÃO, Gabriel Bertozzi de Oliveira e Sousa; RODRIGUES, Poliana Jardim. Ensino de História a Imagem como fonte documental. *In: XXVII Simpósio Nacional de História, conhecimento histórico e diálogo social*. Natal: ANPUH, 2013.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Ação, Abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U., 2020.

MARANHÃO, Alfredo Aquino. **A cidade das Mangueiras Seculares**. Brasília: [s.n.], 2009.

MARANHÃO, Alfredo Aquino. **O Barra Limpa**. Carolina: [s.n.], 1975.

MARANHÃO, Alfredo Aquino. **Sombras do Passado: memórias**. Carolina: [s.n.], 1975.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Maria Cândida de. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 2003.

MOREIRA, Flávio Antônio; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NETTO, Eloy Coelho. **História do Sul do Maranhão: Terra Vida, Homens e Acontecimentos**. Belo Horizonte: Editora São Vicente, 1979.

NEVES, José Luís. Pesquisa Qualitativa - Características e possibilidades. **Caderno de pesquisa em educação**, v. 1 n. 3, 2º sem., São Paulo: 1996.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. *In: Les Lieux de Mémoire. I La République*. Tradução Yara Aun Khoury. Paris: Gallimard, 1984.

OLIVEIRA, Ana Silva Conceição de. **O Caderno de ensino de história e educação patrimonial: museu de Sergipe**. Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 76p. 2018.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. Petrópolis: Vozes Editora, 2016.

PANOFSKY, Erwin. **Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte da renascença**. *In: Significado nas Artes Visuais*. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2019.

PIRES, Odozinda Luso. **Meu mundo encontrado**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora LTDA, 1979.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista de Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. Memória Esquecimento e Silêncio. **Revista de Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CANELLI, Marilene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.

SILVA, Kalina Vanderley; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2016.

SILVA, Maria Lindalva Alves da. **Percepção ambiental dos moradores das chapadas das mesas sobre o Parque Nacional, Maranhão, Brasil**. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade, Ambiente e Saúde) – Universidade Estadual do Maranhão, Caxias. 246p. 2017.

SOARES, Francisco Lima. **Diocese de Imperatriz: 30 anos**. Imperatriz, MA: Ethos, 2017.

SOUSA, Indira Silva. **História, memória e identidade: os ciganos no interior da Bahia na segunda metade do século XX**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós Graduação em História Regional, Universidade Estadual da Bahia - UNEB, Santo Antônio de Jesus, 116p. 2015.